

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAEd- CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO E
AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

MAGI CRISTINA MAPPA

A COMUNICAÇÃO NO PROGRAMA FAMÍLIA ESCOLA DE BELO HORIZONTE

JUIZ DE FORA

2014

MAGI CRISTINA MAPPA

A COMUNICAÇÃO NO PROGRAMA FAMÍLIA ESCOLA DE BELO HORIZONTE

Dissertação apresentada como requisito parcial à conclusão do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Professor Marcelo Tadeu Baumann Burgos

JUIZ DE FORA

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

MAGI CRISTINA MAPPA

A COMUNICAÇÃO NO PROGRAMA FAMÍLIA ESCOLA DE BELO HORIZONTE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora designada pela equipe de Dissertação do Mestrado Profissional CAEd/ FAGED/ UFJF, aprovada em 13/08/2014.

Orientador – Marcelo Burgos

Membro da banca Externa

Membro da Banca Interna

Juiz de Fora, 13 de agosto de 2014.

A todos que ousam acreditar em seus sonhos. Em especial, às minhas filhas, Lívia e Maíra, e ao meu neto André, motivação para todas as minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que incentivaram, colaboraram e torceram para que esse trabalho se concretizasse. Uma página seria pouco para listar todas. Além disso, um lapso de memória, natural nesse processo, pode excluir um dos elos dessa corrente, fundamental na conclusão desta pesquisa. Assim, por nomes, somente as presenças singulares.

Em primeiro lugar, como sempre em minha vida, agradeço a Deus, que me fez saudável, crédula e persistente o bastante para encontrar forças, coragem e determinação de percorrer os caminhos que escolho, na certeza de que, independentemente dos obstáculos que encontre ou das alegrias que desfrute no percurso, todo o aprendizado dessa trajetória há de me tornar alguém melhor.

À minha família, sustentação e refugio para todos os momentos. Especialmente, aos meus pais, José e Nilza, precursores de todo meu aprendizado. Ao meu namorado Márcio, pelo carinho, apoio, parceria e cumplicidade que me ajudam a prosseguir com mais confiança.

Aos profissionais do CAEd-UFJF, em especial aos Assistentes de Suporte Acadêmico, Luisa Vilardi, Leonardo Vilardi e Gisele Zaquini, ao meu orientador professor Marcelo Burgos, aos colegas, tutores e professores deste Mestrado.

Aos meus colegas da Secretaria Municipal de Educação, aos companheiros da Gerência de Comunicação Social e à minha equipe de trabalho.

À Prefeitura de Belo Horizonte e à Secretaria Municipal de Educação.

Aos gerentes e equipes do Programa Família-Escola

Aos diretores e famílias da Regional Norte.

Aos familiares e amigos.

E a todos que fizeram parte desse processo, os meus sinceros e afetuosos agradecimentos.

*"A mente que se abre para uma nova
ideia, jamais voltará ao seu tamanho
original".*

(Albert Einstein)

RESUMO

Na perspectiva de estabelecer uma política de relacionamento com os familiares de estudantes da Rede Municipal de Educação, a Prefeitura de Belo Horizonte lançou, em fevereiro de 2005, o projeto Família-Escola inaugurando então uma aproximação direta dos gestores da educação municipal com as famílias de estudantes. Para tanto, foram implantados instrumentos e ações como encontros regionais, fóruns com a participação de famílias e gestores e outros canais de comunicação para efetivar essa aproximação da Secretaria Municipal de Educação com as famílias. Quase uma década depois, o Família-Escola está consolidado como um programa permanente da política educacional do município mantendo o objetivo inicial de dialogar com as famílias as demandas da educação. Esta pesquisa busca descrever e analisar a interferência das ações e dos canais de comunicação propostos e estabelecidos pelo programa Família-Escola no cotidiano escolar e nas relações entre as famílias e as escolas municipais, tendo como recorte a Regional Norte da cidade de Belo Horizonte. Para embasar essa análise, foram entrevistados gestores e técnicos do Programa e aplicados questionários às famílias e diretores das escolas municipais da Regional Norte. A observação e análise do olhar de diferentes atores permitiu, como resultado deste estudo, a proposição de ações que visam potencializar os canais de comunicação no sentido de contribuir para a efetiva aproximação entre escola e família.

Palavras-chave: comunicação - educação - família - escola - programa

ABSTRACT

In order to establish a relationship policy with the Rede Municipal de Educação students' relatives, the Belo Horizonte city hall released, in February 2005, the project Família-Escola. This led to an approach between the municipal education managers and the students' relatives. In this way, some actions and tools were implemented in order to strengthen the rapprochement between the Secretaria Municipal de Educação and the families. They are: local meetings, forums where managers and families took place and also other ways of communication. After almost a decade, the Família-Escola is consolidated as a permanent program belonging to the city's educational policy which main objective is to dialogue over educational demands with the families. This research aims to describe and analyse the influence of the actions and ways of communication proposed in the school life and in the relations between families and municipal schools. The focus of this research is the northern region of Belo Horizonte city. The analysis was based on interviews with the managers and technicians of the program and also on sending questionnaires to the students families and northern region municipal schools managers. The observation and analysis of the point of view of different characters allowed, as a result of this study, the indication of actions to enhance the ways of communication in order to contribute to the effective approach between school and family.

Key-words: Communication, education, family, school, program.

LISTA DE ABREVIATURAS

BEM-BH - Bolsa Escola Municipal de Belo Horizonte

BH- Belo Horizonte

CAEd - Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

GCOS - Gerência de Comunicação Social

GCPF- Gerência de Coordenação da Política Pedagógica e Formação

GEBE - Gerência do Programa Bolsa Escola

GRIMP - Gerência de Relações com a Imprensa

GT- Grupo de Trabalho

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

PAE - Plano de Ação Educacional

PBH - Prefeitura de Belo Horizonte

PFE - Programa Família-Escola

PSE- Programa Saúde na Escola

SGE - Sistema de Gestão Escolar

SMED - Secretaria Municipal de Educação

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UMEI - Unidade Municipal de Educação Infantil

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Organograma da Estrutura Organizacional da SMED-BH	18
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sexo do respondente e parentesco com estudantes	52
Gráfico 2 - Idade dos respondentes	53
Gráfico 3 – Escolaridade.....	53
Gráfico 4- Renda Familiar	54
Gráfico 5 - Participação em programas sociais	55
Gráfico 6 - Tipo de moradia.....	55
Gráfico 7 - Número de familiares residentes na casa	56
Gráfico 8 - Número de estudantes nas famílias	57
Gráfico 9 - Estudantes por ciclo e no Escola Integrada	57
Gráfico 10 - Acompanhamento das atividades escolares	58
Gráfico 11 - Participação na escola	59
Gráfico 12 Visitas domiciliares	60
Gráfico 13 - Encontros regionalizados e Fórum Família-Escola	61
Gráfico 14 - Jornal Família-Escola	62
Gráfico 15 - Alô, Educação!	62
Gráfico 16 - Interferência do PFE no relacionamento com a escola	63
Gráfico 17 – Idade	69
Gráfico 18 - Tempo na Rede Municipal de Educação	69
Gráfico 20- Experiência como diretor	70
Gráfico 21- Eventos para as famílias	72
Gráfico 22- Representativo de famílias em situações escolares	73
Gráfico 23- Ações de comunicação do Programa	74
Gráfico 24- Percepção das ações de comunicação	75
Gráfico 25 - Relação com o Programa Família-Escola	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. PROGRAMA FAMÍLIA-ESCOLA: APROXIMANDO FAMÍLIAS E EDUCAÇÃO.....	17
1.1. A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE	24
1.2. A COMUNICAÇÃO.....	27
1.3. O PROJETO INICIAL	30
1.4. A IMPLANTAÇÃO DO FAMÍLIA- ESCOLA.....	31
1.5 INSTRUMENTOS E AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO FAMÍLIA- ESCOLA.....	32
1.5.1. Fóruns Família-Escola	33
1.5.2. Jornal Família-Escola.....	33
1.5.3. Mobilização social.....	34
1.5.4 Monitoramento e acompanhamento da frequência escolar	34
1.5.5. Programas de Transferência de Renda	35
1.5.6. Programa Saúde na Escola	35
1.5.7. Serviço Alô, Educação!	35
1.6. A PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS	36
1.7. A REGIONAL NORTE E AS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO PFE.....	36
2. INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA.....	39
2.1. CONCEITOS DE UMA RELAÇÃO	39
2.2. A LEGALIDADE DESSA RELAÇÃO	42
2.3. METODOLOGIA DE ESTUDO	46
2.4. TÉCNICAS DE PESQUISA.....	47
2.5. UNIVERSO E AMOSTRAGEM.....	49
2.6. ANÁLISE DOS DADOS	50
2.6.1. A pesquisa com as famílias.....	51
2.6.2. A pesquisa com os diretores.....	68
2.6.3. Pesquisa com gestores do Programa.....	78
3. COMUNICAÇÃO: UMA PROPOSTA NA PERSPECTIVA DE MELHORIA.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
ANEXOS	107

INTRODUÇÃO

Família e escola são dois pilares fundamentais do processo educativo e suas funções são complementares. De acordo com Marcelo Burgos (2012, p.1017) na medida em que o debate sobre políticas educacionais ganha mais importância, principalmente a partir dos anos 90, os aspectos da relação família e escola também despertam interesse e passam a ser foco da Sociologia da Educação. Hoje, mais do que nunca, estudiosos do assunto apontam que é preciso um encontro dinâmico entre estas duas realidades, entre os projetos da família e os da escola, no qual representam, dentre outros, espaços socioeducativos na promoção do desenvolvimento humano. Pedro Silva (2010, p.446) cita que "o momento, sendo de encruzilhada, aponta, no entanto, para relações formalmente mais estreitas entre escolas e famílias, no sentido da sua universalização". Da mesma forma, de acordo com Maria Alice Nogueira (2005, p.156) se propaga uma ideologia de colaboração entre essas duas instituições, presentes principalmente nos discursos dos profissionais e estudiosos da área da educação, mas também por parte das famílias, que reconhecem a necessidade da parceria e da importância do diálogo entre escola e família.

Nesse contexto, este trabalho se propõe analisar as ações de comunicação do Programa Família-Escola (PFE) da Prefeitura de Belo Horizonte, suas propostas, implementação, seus resultados no cotidiano escolar e nas relações intraescolares, sobretudo na relação família e escola dentro das instituições da Rede Municipal de Educação.

O Programa Família-Escola foi lançado em 1º de março de 2005, inserido no contexto de resgatar a imagem das escolas públicas municipais, que ficaram estigmatizadas como de qualidade ruim por serem escolas que não reprovavam resultado de quase uma década do Programa Escola Plural, adotado pelo governo municipal. Os eixos norteadores do Programa Escola Plural caminhavam, de acordo com os documentos da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (1994), no sentido de uma escola emergente, de ações inovadoras que adotava experiências pedagógicas que tentavam romper

com práticas educativas excludentes. Nesse contexto, a Escola Plural que previa a progressão continuada do aluno foi marcada por muita polêmica, percebida, principalmente, na relação conflituosa que muitos professores, pais e alunos estabeleceram com a perspectiva dessa progressão continuada. Diante disso, a Escola Plural não recebeu respaldo da população e foi também rejeitada por muitos dos atores do processo que se sentiam excluídos do planejamento e implantação das propostas desse Programa. A controvérsia instalada pela Escola Plural era refletida em artigos e reportagens veiculados pela mídia. Tal fato levou a educação oferecida pelo município a ser considerada insatisfatória pela população belo-horizontina refletindo negativamente na avaliação dos serviços educacionais da Prefeitura.

O Programa Família-Escola (PFE) surge na tentativa de reverter essa situação e, por meio dele, a Prefeitura de Belo Horizonte inaugurou a política de aproximação direta dos gestores da Educação Municipal, no caso os gestores da Secretaria Municipal de Educação (SMED), com os familiares de estudantes da Rede Municipal de Educação, criando canais específicos de comunicação, com o propósito de ouvir demandas dos pais e mães para a educação dos seus filhos, bem como levar até essas famílias informações sobre as ações educacionais da Prefeitura. Ao estabelecer esse diálogo, a SMED não tinha como foco a participação dos gestores escolares e professores, embora o objetivo final incluísse também uma melhora na relação das famílias com esses segmentos. Esse pressuposto de participação da família na construção político-pedagógica estava implícito no *slogan* criado para o Projeto Família-Escola que era “Educação feita por todos. Para Todos”.

Pensado pelos então gestores da educação municipal, no âmbito da SMED, o Programa Família-Escola, sob a responsabilidade da Gerência do Programa Bolsa-Escola, com a participação da Gerência de Comunicação no planejamento e ações de comunicação, nasceu com o objetivo de intensificar a participação qualificada da família na vida escolar da criança e do jovem, aproximando a Secretaria Municipal de Educação das famílias dos estudantes municipais. Ao ser criado, incorporou e ampliou algumas ações já desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Educação, além de criar uma série

de outras ações com o objetivo de envolver as famílias na condução da Educação e no enfrentamento às situações de infrequência, evasão escolar e não aprendizagem.

Nesses nove anos, as ações do PFE se intensificaram a ponto de torná-lo uma política educacional do município, extrapolando as competências até então atribuídas à Gerência do Programa Bolsa-Escola e incorporando ações intersetoriais em consonância com outros setores da SMED e secretarias da Prefeitura. Entretanto, embora seja considerado uma política educacional presente em todas as escolas da Prefeitura, ainda hoje o PFE não foi oficialmente instituído, ou seja, não há nenhuma portaria, decreto ou lei que o defina como um programa oficial, devido a burocracia imposta pelos trâmites legais, o que não impediu sua continuidade e a propagação de suas ações.

Diante desse cenário, o problema a ser focado neste trabalho, sem nenhuma pretensão estatística, é se e quanto as ações e os canais de comunicação propostos e estabelecidos pelo programa Família-Escola interferem no cotidiano escolar e nas relações entre as famílias e as escolas. Para a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, conhecer os resultados de suas ações é de fundamental importância para o aprimoramento de suas políticas. Assim, entender e avaliar como suas ações de comunicação direta com as famílias, por meio do Programa Família-Escola, refletem no cotidiano escolar, nas relações da família com a escola e a eficácia ou não dessas ações de comunicação fornecerá subsídios para a compreensão e possíveis intervenções na política de comunicação do programa.

Como integrante da Gerência de Comunicação Social da SMED, desde o início da implementação do Programa, e do lugar que ocupo como Gerente de Relações com a Imprensa, responsável pelas publicações impressas e acompanhamento das atividades de comunicação do PFE, o meu Plano de Ação Educacional (PAE) terá por objetivo, a partir dessa análise, propor contribuições e intervenções que colaborem para a melhoria e/ou ampliação dos canais de comunicação do Programa Família-Escola com as famílias e, principalmente, com a escola, com o intuito de contribuir com o fortalecimento da relação SMED-família-escola, bem como com a oficialização desse

Programa como uma política municipal de Educação, o que justifica a realização deste trabalho.

O município de Belo Horizonte é dividido em nove regionais administrativas. Atualmente, a Rede Municipal de Educação possui 190 escolas e 85 Unidades Municipais de Educação Infantil (Umeis), distribuídas nessas nove regionais, atendendo a cerca de 170 mil estudantes, conforme dados disponíveis no Portal da Prefeitura.

Para este trabalho, será realizada uma análise por amostragem, tendo como recorte a Regional Norte, escolhida por apresentar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo da capital mineira, que é de 0,786, quando Belo Horizonte alcança 0,839 (dados de 2011), e por ser uma área com vários movimentos de ocupação que resultam numa transição constante das famílias, na própria regional, impactando na frequência e permanência dos estudantes nas escolas.

A Regional Norte além de ser a que apresenta maior índice de vulnerabilidade social é também onde concentra o maior número de famílias beneficiárias de programas de Transferência de Renda, principal foco de público do Programa Família-Escola. É também o território onde a relação entre o segmento família e escola se apresenta mais complexa.

Frente a isso, o capítulo 1 apresenta um histórico do programa em análise, passando pelos motivos que levaram os gestores da Educação Municipal a pensarem nessa proposta, sua elaboração, implementação, ações e desenvolvimento nos últimos oito anos. Também nesse capítulo são apontados os fatores que consolidam o Programa Família-Escola como uma política educacional e descreve os canais de comunicação, criados para permitir e estabelecer a cultura de um diálogo direto entre a SMED e as famílias, como fóruns entre gestores e família; jornal e revista, específicos para o público família, e ouvidoria. O capítulo traz também o detalhamento das ações do PFE que visam incentivar e qualificar a participação mais efetiva das famílias na vida escolar de seus filhos, e descreve as ações de comunicação implementadas pela Regional Norte.

O Capítulo 2 descreve o percurso desta pesquisa, a metodologia utilizada e a fundamentação teórica, com os autores e estudos utilizados para a realização desse trabalho. A investigação se pautou no trabalho com entrevistas e aplicação de questionários tendo como atores famílias e diretores das escolas da Regional Norte, técnicos e gestores do Programa Família-Escola. Este capítulo apresenta os resultados dessa investigação, com apontamento e análise dos dados coletados.

No capítulo 3 é apresentado o Plano de Ação Educacional (PAE), com as ações propositivas de intervenção nas ações de comunicação, de forma a ampliar o diálogo entre SMED, famílias e escolas, visando contribuir para a melhoria das relações dessas três instâncias e das ações do Programa.

A efetivação deste trabalho também incluiu a revisão bibliográfica sobre a relação família e escola e temáticas relacionadas, por meio da seleção de teses, dissertações, artigos de periódicos, livros, legislação e outros com o objetivo de embasar teoricamente os objetivos e argumentos desta pesquisa. Vale ressaltar que esta pesquisa não abrange a totalidade das famílias e escolas da rede municipal, por delimitar seu campo de investigação em uma das nove regionais da cidade e também com uma maioria de pais que frequentam os fóruns Família-Escola. Portanto, é preciso reconhecer suas limitações, mas sem invalidar as contribuições que ela pode trazer para a melhoria das ações de comunicação do PFE e na aproximação efetiva entre as escolas e famílias da Rede Municipal de Educação.

1. PROGRAMA FAMÍLIA-ESCOLA: APROXIMANDO FAMÍLIAS E EDUCAÇÃO

O Programa Família-Escola foi lançado, pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), em 1º de março de 2005, inserido no contexto de resgatar a imagem das escolas públicas municipais, que ficaram estigmatizadas como de baixa qualidade por serem escolas que não reprovavam. Isso aconteceu após a implementação de uma política educacional que adotava a progressão continuada como uma das ações do programa denominado "Escola Plural", que foi implementado nas escolas do município no período de 1993 a 1996. Para entender melhor a necessidade da implantação de um programa como o Família-Escola na Rede Municipal de Educação (RME) é pertinente conhecermos um pouco o que foi a Escola Plural em Belo Horizonte. Em artigo sobre o tema, Glaura Vasques de Miranda (2007) diz que:

A proposta foi considerada inovadora por muitos, polêmica por outros, por ter procurado romper com a cultura tradicional da escola pública, implementando uma concepção de educação mais ampla, democrática, inclusiva, plural, que leve em conta múltiplas dimensões da formação da pessoa humana e na qual as crianças das classes populares tivessem condições de ser bem-sucedidas. Buscava-se responder aos desafios presentes nas políticas públicas para expandir o Ensino Fundamental e, especialmente, melhorar a qualidade da escola pública. (MIRANDA, 2007, p.1).

Ainda de acordo com a autora, a Escola Plural trouxe inovações ao romper com as formas tradicionais de educação:

A Escola Plural propôs o rompimento com a concepção tradicional de ensino e aprendizagem, passando a incorporar a realidade social e considerando as questões e os problemas enfrentados pelos homens e pelas mulheres de nosso tempo como objeto de conhecimento. Os conteúdos escolares foram repensados e resignificados. Propôs-se o abandono do modelo compartimentado em disciplinas isoladas, para que se passasse a trabalhar com a interdisciplinaridade e com temas transversais. A inserção dos temas transversais como conteúdos curriculares possibilitou relacionar as disciplinas do

currículo à realidade contemporânea, dotando-as de valor social. (MIRANDA, 2007, p.65)

Mesmo se apresentando como uma proposta inovadora, aderindo a progressão continuada e a concepção de uma educação mais ampla e inclusiva com vistas a valorizar o potencial individual de cada estudante, a Escola Plural não foi bem aceita por parte da população, seja por falta de conhecimento e entendimento da proposta, seja pelo pouco envolvimento de todos os atores no processo de implementação, conforme relata Miranda (2007):

A implementação da proposta trouxe insegurança e insatisfação aos professores que atuavam nas escolas onde eram atendidas as camadas médias da população, cujos pais idealizavam uma escola tradicional, certamente mais próxima das escolas privadas. Para os pais dessas escolas, a proposta de Escola Plural representou um retrocesso, já que desarticulou a dinâmica, considerada de referência na comunidade. Para outras escolas, houve inicialmente uma desarticulação das práticas existentes, fazendo muitos professores se sentirem inseguros quanto à nova forma de atuação (MIRANDA, 2007, p.71).

Esses fatores citados por Miranda contribuíram para que o nome Escola Plural ficasse aliado a uma ideia de uma escola de baixa qualidade, que não reprovava, mas que também, na concepção do senso comum, não ensinava. Também um estudo realizado pelo Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais (GAME) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais sobre a implantação da Escola Plural, destaca a "não compreensão dos eixos norteadores da Escola Plural, especialmente no que se refere à avaliação, a ausência de notas e a não retenção" (p.107). Essa falta de compreensão dos eixos norteadores se mostrava presente tanto no universo dos profissionais que atuavam no programa como por parte das famílias. Vale ressaltar que a polêmica da progressão continuada não girava somente em torno da Escola Plural, também se dava em âmbito nacional nos diversos projetos em cidades brasileiras que aboliram a reprovação como instrumento de avaliação, conforme aponta Dília Maria Glória.

Configura-se (...) uma discussão nacional, não apenas nos meios educacionais e acadêmicos, mas também na mídia, sobre a estratégia política da não retenção escolar e suas implicações sócio-pedagógicas. De toda essa discussão, dois aspectos podem ser ressaltados como fundamentais. Primeiro, há praticamente um consenso entre os especialistas em educação, que a eliminação da reprovação e da repetência é um avanço em termos educacionais e sociais. Segundo, (...) constitui-se numa medida muito questionada, sobretudo pelos professores e pais dos alunos. (GLÓRIA, 2002, p.55).

De acordo com levantamentos da Gerência de Comunicação Social (GCOS) da Secretaria Municipal de Educação (SMED), a série de pesquisas quantitativas de avaliação municipal, realizadas no período de outubro de 1998 a agosto de 2004, pelo Instituto Doxa com aproximadamente 1.300 entrevistados, apontava que cerca de 40% dos entrevistados tinha uma avaliação negativa em relação aos serviços de educação oferecidos pelo município e à gestão educacional. As pesquisas quantitativas de opinião pública, realizadas em 2004, pelo instituto Vox Populi, também com o objetivo de medir a aprovação do Governo Municipal, sob encomenda da Prefeitura de Belo Horizonte, confirmaram tal concentração de avaliação negativa, quando o item avaliado era o ensino municipal.

O Programa Família-Escola surge então como forma de aproximar a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED-BH) das famílias dos estudantes municipais, em uma tentativa de minimizar o efeito causado pelo senso comum, e reproduzido pelas mídias locais, de que a Escola Plural não ensinava e era muito ruim. Assim, o Programa Família-Escola é inaugurado com o objetivo de “criar uma rede de colaboração, diálogo e parceria entre famílias, escola, comunidades e serviços públicos para garantir a permanência, o aprendizado e o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens” (SMED, 2005).

Pensado pelos então gestores da educação municipal, o programa nasce de ações de várias pessoas e gerências, ficando sob a responsabilidade da Gerência do Programa Bolsa-Escola (GEBE) com a Gerência de Comunicação Social (GCOS) participando diretamente do planejamento e das ações de comunicação.

Ao ser criado, o Programa incorporou e ampliou algumas ações, como o acompanhamento dos alunos de famílias beneficiárias de programas de transferência de renda, já desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Educação, além de criar uma série de outras ações, como monitoramento da frequência e criação de canais de comunicação entre SMED e famílias, com o objetivo de envolver as famílias na condução da Educação e no enfrentamento às situações de infrequência, evasão escolar e não aprendizagem.

No período de 2005 a 2013, de acordo com levantamentos feitos na SMED, as ações do Programa se intensificaram a ponto de torná-lo uma política educacional do município, extrapolando as competências até então atribuídas à Gerência do Programa Bolsa-Escola (GEBE), que extraoficialmente passou a ser intitulada e mais conhecida como "Gerência do Programa Família-Escola". Cabe aqui explicar que a GEBE é a gerência responsável pelo acompanhamento das famílias beneficiárias dos programas de transferência de Renda, Bolsa-Escola Municipal e Bolsa Família, público que passou a ser o principal foco das ações do Programa Família-Escola. De acordo com as autoras Jane Margareth Castro e Marilza Regattieri (2010), o programa também tem uma função intersetorial.

Belo Horizonte (MG) consolidou nos últimos anos, a partir da criação do Programa Família-Escola, ações integradas no território. São quatro grandes linhas de atuação: controle da frequência escolar, transferência de renda, promoção da saúde e mobilização social. Essa estratégia orienta a descentralização em administrações regionais, a formação dos gestores escolares – para se verem como agentes de ações intersetoriais –, e chega até as crianças de muitas formas (CASTRO e REGATTIERI, 2010, p.47).

Entretanto, embora englobe ações intersetoriais e seja considerado uma política educacional presente em todas as 172 escolas de ensino fundamental da Prefeitura, ainda hoje, maio de 2014, o Programa Família-Escola não foi oficialmente instituído, embora todas suas ações estejam implementadas. Isso porque mudanças na estrutura interna da Secretaria só podem acontecer por meio de projeto de Lei aprovado pela Câmara Municipal e os trâmites legais acabaram protelando a oficialização do Programa. Esse "descuido" da não

formalização do Família-Escola não impediu sua continuidade com gestores e equipes voltados especificamente para suas ações, ainda sob o nome oficial de Gerência do Programa Bolsa-Escola.

O Portal de Serviços da Prefeitura de Belo Horizonte traz a seguinte informação sobre o PFE:

Programa inserido na política educacional, com o objetivo de criar uma rede de diálogo e parceria entre as famílias, escolas e comunidade para assegurar a permanência e a aprendizagem das crianças, adolescentes e jovens. São ações deste programa: 1) MONITORAMENTO DA FREQUÊNCIA ESCOLAR: acompanhamento da frequência escolar de todos os alunos da rede municipal de educação e de todos os alunos dos programas de transferência de renda matriculados em escolas estaduais, particulares e federais. 2) MOBILIZAÇÃO SOCIAL E FORMAÇÃO: Colegiados Escolares; Fórum Família - Escola; Comitê Municipal de Mobilização Social para a Educação. 3) TRANSFERÊNCIA DE RENDA: Apuração da frequência dos alunos beneficiários dos Programa Bolsa - Escola Municipal (BEM-BH) e Programa Bolsa Família. 4) PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE: Programa Saúde na Escola (PSE). 5) INTEGRAÇÃO E ARTICULAÇÃO INTERSETORIAL: Conselho Tutelar, Secretaria Municipal de Políticas Sociais, Secretaria Municipal de assistência Social e Programa Bolsa Família (PORTALPBH, 2014).

Outros fatores que visam consolidar o Programa Família-Escola são os canais de comunicação, criados para permitir e estabelecer a cultura de um diálogo direto entre a SMED e as famílias. São eles: o Fórum Família-Escola, reunindo família e gestores; o Jornal Família-Escola, distribuído trimestralmente, via correios, a todas as famílias da Rede Municipal (a última tiragem do jornal, em junho de 2014, foi de 128 mil exemplares); a Ouvidoria da Educação, denominada Serviço Alô, Educação! que, por telefone ou e-mails, se propõe a receber, encaminhar e responder às demandas e sugestões da comunidade; e a Revista Família-Escola, com edições esporádicas. As possíveis contribuições e interferência desses canais de comunicação na relação das famílias com as escolas serão analisadas nesse trabalho.

Para incentivar e qualificar a participação mais efetiva das famílias na vida escolar de seus filhos, o PFE desenvolve outras ações que visam um diálogo mais direto com as famílias, como o Fórum Família-Escola. Este fórum

tem o objetivo de ser um canal de interlocução direta entre a Secretaria Municipal de Educação e as famílias dos estudantes, onde a política educacional do Município é apresentada e debatida entre gestores da Educação e as famílias dos estudantes. Os encontros entre os dois segmentos se dão de duas formas: regionalizadas, com a participação de gestores de cada regional e das famílias daquela regional, e centralizada, com os gestores da SMED e famílias das nove regionais de BH.

Nos encontros regionalizados, os gestores da SMED e das regionais reúnem-se com as famílias para discutirem as questões pertinentes àquela regional que, se necessário, serão levadas para o debate mais amplo no fórum centralizado. O encontro centralizado, realizado de três a quatro vezes durante o ano, tem a presença garantida de o secretário titular da Pasta e dos gestores da SMED para dialogarem com as famílias da Rede Municipal.

Os fóruns centralizados contam com a participação de cerca de 800 famílias, em sua maioria beneficiárias de programas de Transferência de Renda, em cada encontro que acontece sempre aos sábados pela manhã. A mobilização é feita pelo Núcleo de Mobilização Social e pelas regionais de Educação e a SMED garante o transporte e alimentação para todas as famílias. Participam também dos fóruns, os gestores da SMED e acompanhantes regionais e as equipes do Programa.

Nesses momentos, a participação das escolas é bastante inexpressiva limitando-se a apresentações culturais ou presença de algum diretor como público ouvinte. Isso porque, ao ser criado, de acordo com informações de seus idealizadores, o programa objetivou o diálogo direto entre as famílias e a SMED e, propositalmente, não se incluiu as escolas nessa proposta para que o diálogo entre secretaria e familiares não fosse influenciado por opiniões e interesses dos gestores ou profissionais das escolas. A secretaria queria entender a relação das famílias com a escola na perspectiva e visão dos familiares.

Para conhecer a visão da escola, a SMED inaugurou, em 2006, o Fórum de Diretores, realizado de duas a três vezes no ano, onde os gestores escolares são convidados pela SMED para dialogar sobre os temas propostos

pelos gerentes regionais de Educação, a partir da escuta de seus diretores. Os gerentes regionais de Educação participam quinzenalmente do Conselho Especial da Secretaria Municipal de Educação que reúne os titulares da Pasta (Secretário e Secretário Adjunto de Educação) e os gerentes da SMED e regionais.

Outro ponto importante do Família-Escola é a ação herdada da gerência do Programa Bolsa-Escola no que diz respeito à apuração e lançamento da frequência dos estudantes beneficiários dos Programas de Transferência de renda Bolsa-Escola Municipal/BEM-BH e Bolsa-Família. Essa ação contribui também para o monitoramento da frequência, que inclui visitas domiciliares que possibilitam aos acompanhantes do Programa uma proximidade maior com a realidade de cada estudante, podendo contribuir para a melhoria da relação entre escola e família. Todas essas ações são realizadas pelas equipes regionais do Programa Família-Escola, sob a coordenação e acompanhamento da Gerência do Programa Bolsa-Escola.

É importante lembrar que o Programa Família-Escola foi criado em um momento no qual havia grande crítica à Escola Plural. As primeiras iniciativas foram realizadas no bojo de um programa de relacionamento, mas depois evoluiu para uma proposta de construção de parceria e na perspectiva de ser instrumento estratégico e criar canais que abrissem lugar/espço no qual as famílias pudessem se expressar. Em síntese, o Programa prevê contribuir com as famílias para fortalecer seu papel educador, bem como para mantê-las informadas da política educacional da cidade.

O PFE não nasceu todo de uma vez só, primeiro aconteceram os fóruns regionais, depois foi elaborado o Jornal Família-Escola e uma agenda de bolso para distribuição às famílias com informações importantes como telefones úteis, dicas para o acompanhamento escolar e as maneiras de participação na vida escolar dos filhos. Em um segundo momento, os pais reunidos em uma conferência municipal de educação, solicitaram para o titular da pasta da Educação um espaço para o diálogo com a secretaria, uma vez que não conseguiam espaço de conversa nos locais onde estavam reunidos muitos professores.

Assim, de acordo com a gerência responsável pelo PFE, podemos definir que o programa se propõe a constituir uma política de relacionamento com as famílias dos estudantes matriculados nas escolas da Prefeitura. A proposta visa fortalecer o diálogo e a parceria entre a família, a escola e outras instâncias da gestão educacional a partir da concepção de que o acompanhamento familiar é um direito das crianças e dos adolescentes, além de ser um fator importante e positivo para o processo ensino-aprendizagem.

Nesse trabalho, será verificada qual a visão e perspectivas das famílias em relação às ações do Programa, principalmente no que tange aos canais de comunicação. Se, de fato, ações como os fóruns, o Jornal e Revista Família-Escola, a ouvidoria (Alô, Educação!) e as visitas domiciliares podem ser considerados canais de interlocução, onde as famílias se sentem acolhidas em seus anseios e atendidas em suas dúvidas, ou se são vistos apenas como espaços de repasse de informações que sejam mais pertinentes aos interesses da SMED e do poder municipal. Cabe também investigar o quão espontânea é essa participação das famílias nos fóruns e reuniões do Programa ou se essa participação está vinculada somente ao recebimento de benefícios do BEM-BH ou Bolsa-Família.

1.1. A Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

Falar do Programa Família-Escola requer conhecer um pouco sobre o órgão que o criou e o coordena, no caso a Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Belo Horizonte, responsável pelo Sistema Municipal de Ensino, que envolve instituições da rede pública e privada. A SMED destaca em suas atribuições a busca constante por uma melhor qualidade do ensino, principalmente nas escolas que integram a Rede Municipal de Educação (RME). De acordo com dados de novembro de 2013, constantes no Portal da Prefeitura de Belo Horizonte, a RME é composta de 189 escolas que atendem a estudantes da educação infantil, do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Das 189 escolas, 172 são de ensino fundamental, 13 de Educação Infantil, três de ensino especial e um polo de educação integral.

Conta ainda com 83 Unidades Municipais de Educação Infantil (Umeis) e 198 creches conveniadas que atendem ao público infantil na faixa etária de zero a seis anos de idade. São quase 15 mil professores atendendo a cerca de 170 mil estudantes nas instituições da rede própria.

Entre as atribuições da SMED está a definição de políticas para todo o Sistema Municipal de Ensino e a definição de proposta pedagógica que garanta a participação e contribuição dos profissionais da educação na formação dos estudantes.

Para desempenhar suas atividades, a SMED se divide em gerências, coordenações e núcleos específicos, conforme Figura 1, para pensar, implementar, avaliar, acompanhar e desenvolver as políticas públicas para a educação do município.

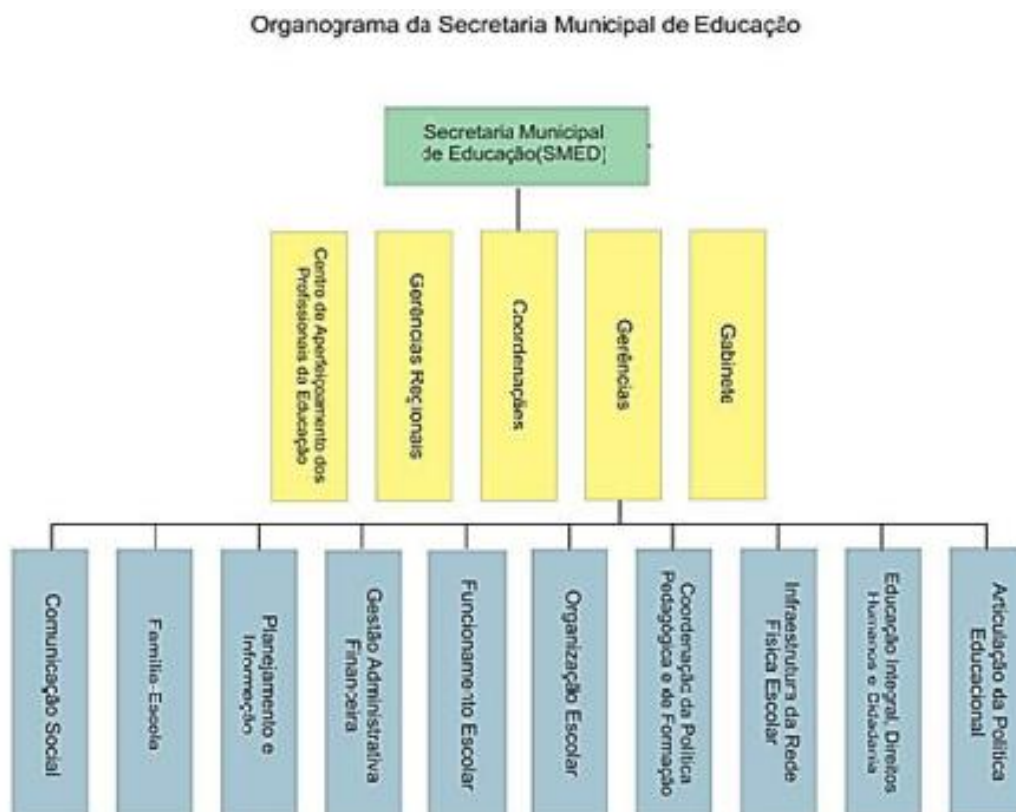


Figura 1: Organograma da Estrutura Organizacional da SMED-BH

Fonte: Intranet. educacao.pbh

A estrutura engloba a gestão de um secretário titular e um adjunto, de 11 gerentes de nível 1, 16 gerentes de nível 2 e oito gerentes de nível 3. As gerências de nível 1 são diretamente subordinadas ao Gabinete (secretaria

titular e adjunta). As gerências de nível 2 estão subordinadas às de nível 1 e as de nível 3 subordinadas a de nível 2. A estrutura da SMED conta também com alguns núcleos e coordenações para alguns temas específicos e que são subordinadas às gerências responsáveis pelo tema em questão. Um exemplo é o núcleo de Mobilização Social que integra a Gerência do Programa Bolsa-Escola (GEBE).

No caso específico do Programa Família-Escola, sob a responsabilidade da GEBE, há envolvimento de diversos setores da SMED que participam e contribuem para a efetivação das propostas e ações do Programa. Estão diretamente ligados a esse trabalho, articulados com a GEBE, as gerências de Comunicação Social, de Coordenação da Política Pedagógica e de Formação, de Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania, de Planejamento e Informação, as gerências regionais de Educação e o núcleo de Mobilização Social.

De acordo com a publicação Panorama Municipal de Educação, todas as gerências da SMED se inserem nas ações e nos processos de avaliação e planejamento voltados para um melhor desempenho do estudante.

A Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte vem empreendendo diversos esforços no intuito de garantir o direito à educação a todos, mediante a implementação de uma política inclusiva. [...] resgatou a memória histórica das ações desenvolvidas pelas escolas (Portfólio da Escola) e pela administração central (Panorama da Educação Municipal) e desenvolveu um Sistema de Monitoramento para qualificar os processos de avaliação e planejamento tanto da escola quanto das gerências centrais e regionais, tendo como foco o desempenho escolar (SMED/PBH, 2006, p.3).

Como integrante da Gerência de Comunicação Social, na função de Gerente de Relações com a Imprensa, meu trabalho implica em conhecer, entender, construir e consolidar as informações sobre as políticas educacionais estabelecidas pela SMED. No caso específico do Família-Escola, esta atuação é mais intensa, uma vez que produzo o jornal homônimo, participo da elaboração dos fóruns Família-Escola e das ações do núcleo de mobilização

social, da elaboração da revista Família-Escola, da produção das agendas do estudante e demais materiais gráficos direcionados ao programa.

Do lugar que ocupo, percebo os resultados do Programa Família-Escola pelo viés da Secretaria e dos gestores do Programa. O que me instiga a realizar esse trabalho é verificar os resultados dessas ações de comunicação sobre a perspectiva das famílias e de quem está na escola e até que ponto a comunicação estabelecida pelo Programa Família-Escola entre SMED e família interferem na relação das famílias com a escola e nos resultados do processo ensino-aprendizagem.

Frente a isso, esta pesquisa irá buscar responder o quanto essas ações efetivamente contribuem para uma melhoria de comunicação e de relacionamento entre a família e a escola. A escola como coadjuvante desse processo é algo que me chama a atenção, uma vez que como elemento chave dessa relação, inserida inclusive no nome do Programa, não está diretamente convocada a discutir e participar da elaboração dessas ações, mas é onde será efetivada a maioria delas.

1.2. A comunicação

No ano de 2005, a SMED atendia a aproximadamente um quarto da população da cidade, ou seja, cerca de 580 mil pessoas, considerando os 2,3 milhões de habitantes à época, com públicos variados, internos e externos, constituídos de cerca de 150 mil núcleos familiares, 190 mil estudantes e mais de 10 mil professores, além de outros servidores, de acordo com dados constantes nos relatórios anuais da Secretaria Municipal de Educação (SMED, 2005).

A ausência de uma política de comunicação ampla, que contemplasse todos os seus públicos, democratizando a informação sobre o projeto político-pedagógico em construção, conduzia a uma avaliação negativa da população que desconhecia, ou percebia de forma distorcida, a política educacional do município, conforme pesquisas realizadas pelo Instituto Doxa e Vox Populi, já

citadas anteriormente. Essa constatação reforça os apontamentos de Vera Regina Serezer Gerzson e Karla Maria Müller (2009).

A sociedade está exigente no que se refere aos seus direitos – inclusive o de ser bem atendido. Ao mesmo tempo em que surge essa consciência, as práticas de comunicação pública passam por crises de identidade e se percebe a importância da adoção de práticas mais democráticas e direcionais, em oposição ao viés de massificação historicamente adotado pelo setor público (GERZSON; MÜLLER, 2009, p. 63).

O pouco investimento na democratização da informação sobre as realizações do Governo local na área da educação favorecia a avaliação negativa da gestão educacional. Em 2004, as pesquisas de opinião pública realizadas pelo Instituto Vox Populi encomendadas pela própria Prefeitura, apontavam uma concentração de avaliação negativa quando o item avaliado se referia ao ensino municipal. Aqui mais uma vez podemos citar Gerzson e Müller (2009) que afirmam:

Mais do que transmitir a mensagem, é primordial estabelecer meios adequados de atingir os públicos de interesse. Nesse sentido, os instrumentos de comunicação dirigidos representam competentes aliados das organizações públicas na sua aproximação com o cidadão e na possibilidade de atingir melhores resultados comunicativos (GERZSON; MÜLLER, 2009, p.64).

Até o ano de 2005, os canais de comunicação existentes entre a SMED e a comunidade usuária da educação municipal eram a escola e os seus profissionais, o que embaçava o acesso da comunidade às informações geradas pela PBH, pois eram filtradas pela corporação.

Por outro lado, a comunicação dos usuários da Rede Municipal de Educação com a gestão municipal era feita sempre de maneira precária, não existindo um canal institucional de diálogo entre famílias de estudantes e equipe gestora da educação. Quadro que levava o usuário ao desconhecimento dos serviços prestados pela Educação Municipal.

Muitas vezes, e ainda hoje, os canais de comunicação encontrados pela população são os veículos mais populares da mídia local, como as rádios, os

jornais impressos e os canais de televisão. Naquele momento, invariavelmente, esses veículos eram procurados por alunos e familiares em situações de conflito ou com demandas que provocavam prejuízos à imagem do projeto político-pedagógico em vigor na Rede Municipal de Educação.

A abertura de um canal comunicante permanente com a cidade, para a implantação de uma política de comunicação integrada, ao mesmo tempo abrangente e personalizada, era uma proposta da SMED que pretendia permitir que as ações praticadas pelo município na área da educação fossem conhecidas e avaliadas positivamente, e não mais negativamente, pela população.

Nessa perspectiva, a SMED apresenta uma estrutura organizacional onde a Comunicação passa a ter um papel fundamental nas ações da Secretaria, conforme sugere o Manual de Assessoria de Imprensa da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ).

Para as organizações sérias e comprometidas, o instrumento de comunicação é o que permitirá seu reconhecimento perante a sociedade, principalmente neste novo milênio em que o mundo globalizado elevou a informação a um produto de grande valor. (FENAJ, 2007, p.9).

Em janeiro de 2005, foi criada uma Gerência de Comunicação Social, com estrutura integrada de imprensa, ouvidoria e Relações Públicas para pensar a política de comunicação. É essa equipe de comunicação, da qual faço parte desde sua criação, que apresenta e ajuda a construir as propostas do Projeto Família-Escola, como um dos instrumentos de aprimoramento da comunicação com a cidade e reversão da imagem negativa do ensino ofertado nas escolas municipais, tendo no caso do projeto o foco voltado para a comunicação mais efetiva e eficaz com as famílias dos estudantes das escolas municipais.

1.3. O projeto inicial

Com a pretensão de estabelecer uma política de relacionamento com os familiares de estudantes da Rede Municipal de Educação (RME), a Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Educação (SMED) apresentava, no início do ano de 2005, o projeto Família-Escola inaugurando então uma aproximação direta dos gestores da Educação Municipal com os milhares de estudantes. O propósito era ouvir e dialogar com os pais, as mães ou os responsáveis pelas crianças e adolescentes sobre as demandas para a educação dos seus filhos e filhas. Para tanto, foram implantados instrumentos e ações que possibilitassem essa aproximação, como encontros regionais, fóruns com a participação de famílias e gestores e outros canais de comunicação que serão descritos ao longo desta seção.

A princípio, o projeto seria executado em duas fases distintas, de dois anos cada, e de acordo com as avaliações, se os indicadores apontassem para o êxito da proposta, ao final dos quatro anos seria recomendado o estudo da viabilidade de adoção do Projeto Família-Escola como programa permanente da política municipal de Educação.

Nesse contexto, podemos dizer que o projeto foi criado com a intenção de aproximar progressivamente a Secretaria Municipal de Educação com familiares, para conhecer mais de perto a expectativa dos pais em relação à educação de seus filhos, ouvir as demandas e encaminhar atendimento, por meio de políticas públicas. O objetivo era intensificar a participação qualificada da família na vida escolar da criança e do jovem, estimulando a concepção de que as relações afetivas e o acompanhamento familiar são fatores de interferência positiva no processo de ensino-aprendizagem. Esse pressuposto de participação da família na construção político-pedagógica estava implícito no *slogan* do projeto: “Educação feita por todos. Para Todos.”.

Além de fomentar canais de comunicação direta entre SMED e famílias, o projeto também objetivava respeitar e contribuir para o fortalecimento das iniciativas de relacionamento com as famílias, já implantados ou em implantação pelas escolas da Rede Municipal. Pretendia ainda, levar as

escolas a refletir sobre suas propostas pedagógicas e sobre formas de aperfeiçoá-las, considerando as diferenças socioculturais dos alunos e de suas comunidades, pautando tais diferenças nas diversas ações da escola, inclusive na elaboração dos currículos, por exemplo.

Embora não oficializado ainda, o projeto, que no ano de 2007 foi promovido ao *status* de Programa Família-Escola, incorporou ao longo do período 2005-2013, de acordo com seus gestores, ações importantes na relação da família com a Secretaria, atingindo assim o seu objetivo de se tornar uma política permanente da Educação Municipal. Esta pesquisa pretende apurar se essas afirmativas se concretizaram e se os resultados na relação da família com a escola também se apresentaram satisfatórios. Isso porque mesmo que não seja vislumbrada como ator desse processo, a escola não deixa de ser foco do Programa, uma vez que as ações do Família-Escola se refletem no cotidiano escolar.

1.4. A implantação do Família- Escola

Na primeira fase de implantação do então "projeto" Família-Escola (2005-2007), a SMED, por meio de agências de publicidade, desenvolveu uma identidade visual para a utilização em todos os materiais do Família-Escola. A comunicação visual foi fortalecida com a confecção de *banners*, cartazes, folderes e folhetos sobre o programa. Cerca de 200 mil agendas de bolso, contendo dicas de participação e acompanhamento dos familiares na vida escolar, telefones úteis e contatos, foram distribuídas a todos os responsáveis por cada núcleo familiar de estudantes da Rede Municipal de Educação.

Para esclarecer as dúvidas, receber reclamações, sugestões e divulgar suas ações, a SMED criou o serviço Alô, Educação!, uma ouvidoria específica da área com atendimento por telefone, e-mail ou presencial.

Foram realizados encontros regionais de lançamento do projeto, com a participação de cerca de duas mil famílias, onde se discutiram a importância da participação da família nas atividades da escola e resultado dessa participação no desempenho do estudante.

O projeto também instituiu um fórum de pais, como ação de comunicação direta dos familiares com a gestão municipal de Educação, com a participação do titular da pasta. Além disso, implantou um informativo a ser distribuído trimestralmente às famílias dos estudantes, caracterizado por linguagem visual e textual específicos para esse público.

A partir de 2006, incluiu no *kit* escolar distribuído pela Prefeitura, uma agenda escolar para ser utilizada na comunicação entre a família e a escola. Todo esse material foi pensado pela equipe de gestores da SMED no intuito de resgatar a imagem da educação pública e promover a qualidade do ensino ofertado nas escolas da Rede Municipal de Educação.

1.5 Instrumentos e ações de comunicação do Família- Escola

No decorrer do período de 2005 a 2013, o Programa Família-Escola foi aprimorando suas ações, absorvendo e ampliando algumas políticas educacionais sob a responsabilidade do Programa Bolsa Escola. As mudanças de gestores tanto no Governo como na Educação ocasionaram também mudanças de foco e responsabilidades. Assim, a Gerência do Programa Bolsa Escola passa a reservar mais para si as responsabilidades do Programa e a Gerência de Comunicação passa a ter, a partir de 2011, uma atuação mais coadjuvante nesse processo, voltando-se apenas para a manutenção dos canais de comunicação em consonância com as demandas do Programa Família-Escola.

Entre as ações de comunicação pensadas pelo e para o Programa Família-Escola estão a produção e a distribuição trimestral, via correios, do Jornal Família-Escola para todas as famílias; a produção de outros materiais informativos e a comunicação continuada com a cidade, por meio do Comitê de Mobilização Social pela Educação e da Gerência de Comunicação Social da Secretaria Municipal de Educação. Inclui-se nas ações de comunicação as visitas domiciliares às famílias de estudantes com baixa frequência ou beneficiárias de programas de transferência de renda; os encontros e fóruns regionalizados e o Fórum Família-Escola. A comunicação via telefone ou e-mail efetivada pelo serviço Alô, Educação! também se insere neste contexto, mas o

serviço foi absorvido, em 2011, pela Ouvidoria Geral do Município, minando um pouco o atendimento mais direto ao usuário da educação municipal por meio deste canal. No entanto, as ações de comunicação ainda se inserem de forma marcante nos eixos de atuação do Programa Família-Escola, descritos a seguir.

1.5.1. Fóruns Família-Escola

Os encontros regionais são realizados nas nove regionais administrativas de Belo Horizonte. Nos encontros, os gestores da SMED e acompanhantes regionais da Educação discutem com as famílias, lideranças comunitárias e de movimentos sociais, as temáticas mais relevantes naquela regional e apresentam propostas para serem levadas ao fórum centralizado do Família-Escola.

Durante o ano são realizadas três ou quatro edições do fórum centralizado, com temáticas sugeridas por gestores da SMED, algumas vezes por gestores das escolas nos diálogos que mantém com os acompanhantes do Programa e com os gestores regionais de Educação, e famílias da Rede Municipal de Educação. O fórum é uma oportunidade de comunicação direta da SMED com familiares. O titular da pasta sempre está presente para dialogar com familiares nesses encontros, realizados aos sábados para possibilitar maior participação das famílias. Cerca de 800 participantes são cadastrados a cada encontro. O Fórum tem como objetivo a formação dos familiares, uma vez que esses encontros contam também com palestras, discussões, rodas de conversa, visando a sua participação qualificada na comunidade escolar e, também, o acompanhamento da vida escolar das crianças e adolescentes pela família.

1.5.2. Jornal Família-Escola

O informativo direcionado às famílias foi criado em 2005 após uma pesquisa encomendada pela Prefeitura, por meio da SMED, e realizada por uma agência de publicidade com as famílias para saber o formato e

informações que deveriam constar nesse informativo distribuído, via correios, a todas as famílias da Rede Municipal de Educação.

O Jornal Família-Escola tem tiragem atual de 128 mil exemplares e objetiva estreitar o relacionamento da PBH/SMED com familiares; estabelecer fluxo de informações institucionais de interesse da população, como a divulgação de investimentos, metas, programas e projetos de êxito da Educação Municipal e fazer contraponto, junto a esse público, do conteúdo de informações divulgadas por outros segmentos da educação, como por exemplo, sindicatos de categorias profissionais, bem como ampliar a mobilização e o interesse dos familiares pelo Fórum Família-Escola.

1.5.3. Mobilização social

Esta ação se subdivide em várias outras que objetivam a participação mais efetiva das famílias na vida escolar de seus filhos. Entre elas, a formação dos colegiados escolares e o Fórum Família-Escola, um canal de interlocução direta entre a Secretaria Municipal de Educação e as famílias dos estudantes, onde a política educacional do Município é apresentada e debatida de forma democrática e participativa.

1.5.4 Monitoramento e acompanhamento da frequência escolar

É uma ação importante na garantia da permanência do estudante na escola, implicando na ampliação do “olhar” para os vários fatores que podem interferir no processo educativo dos estudantes. O Programa Família-Escola realiza um trabalho articulado com a equipe pedagógica regional, responsável pelo acompanhamento da aprendizagem dos estudantes da Rede Municipal. Essa articulação tem relevância ímpar, se considerada a estreita relação que existe entre frequência do estudante e o seu desempenho/aprendizagem.

1.5.5. Programas de Transferência de Renda

O Programa Família-Escola atua na apuração e lançamento da frequência dos estudantes beneficiários dos Programas de Transferência de renda Bolsa-Escola Municipal/BEM-BH e Bolsa-Família. Esse levantamento é repassado aos governos municipal e federal para efeito do pagamento da bolsa às famílias beneficiárias.

1.5.6. Programa Saúde na Escola

O Programa Família-Escola também atua na interlocução com as escolas e famílias para o desenvolvimento do Programa Saúde na Escola, do Governo Federal que teve a adesão da Prefeitura de Belo Horizonte, sob a responsabilidade na Secretaria Municipal de Educação. As ações integradas entre Educação e Saúde objetivam desenvolver, ampliar e integrar ações de assistência e de promoção da saúde dos estudantes.

1.5.7. Serviço Alô, Educação!

O serviço se propõe a ser uma ouvidoria da comunidade escolar, com o atendimento ao usuário, por telefone, com encaminhamentos de demandas. Esse atendimento também, ocasionalmente, pode ser realizado por e-mail ou pessoalmente. Em 2011, com a criação da Ouvidoria Geral do Município, as demandas da Educação passaram a ser atendidas pelo número 156, passando o Alô, Educação! a intermediar as demandas recebidas pela Prefeitura e as respostas da Educação, ou seja, as demandas recebidas pela Ouvidoria do Município são repassadas ao Alô, Educação!, que faz a interlocução com os diversos setores da SMED para a efetivação das respostas e demandas que chegam à Secretaria.

1.6. A participação das escolas

Atualmente as escolas, incentivadas pelas gerências do Programa Família-Escola das regionais, participam de reuniões com os acompanhantes do Programa, da mobilização das famílias para a participação nos fóruns Família-Escola, por meio de divulgação na própria escola e nas reuniões escolares, além de realizarem as próprias ações junto às famílias de seus estudantes. É importante destacar que o monitoramento da frequência dos estudantes, com visitas domiciliares aos que estão faltosos, é um dos focos do Programa. Outra parte importante do trabalho é a participação intensa nas redes de proteção existentes nas regionais e o contato direto com os conselhos tutelares - ressalta-se também que o Programa Saúde na Escola é de responsabilidade das gerências regionais do Família-Escola. Esse trabalho intersetorial em parceria com outros segmentos do setor público colabora para um atendimento mais integral ao estudante e seus familiares.

1.7. A Regional Norte e as ações de comunicação do PFE

Para analisar os resultados das ações de comunicação do Programa Família-Escola na relação entre família e escola, a abordagem desse trabalho terá como recorte a regional Norte de Belo Horizonte, uma das nove regionais administrativas da cidade. A escolha dessa regional se deve ao fato de maior complexidade nas relações com as famílias. A regional tem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,786, que é bem inferior ao de Belo Horizonte, que alcança 0,839 e o maior número de famílias beneficiárias de programas de Transferência de Renda. De acordo com informações do Programa Família-Escola, a regional contempla aproximadamente 12 mil famílias atendidas pelas escolas municipais, das quais cerca de 1.600 famílias são acompanhadas pelo PFE.

De acordo com os dados da Prefeitura de Belo Horizonte, a regional Norte é formada por 45 bairros e vilas. A região possui o maior número de domicílios do tipo conjunto habitacional para baixa renda, promovido pelo poder

público para minimizar o alto índice de ocupação de áreas que acontecem na região. Ocupa uma área de 34,32 km², tendo como barreiras físicas os córregos: Vilarinho, Bacuraus, Isidoro e Onça e faz limite com o município de Santa Luzia e com as regionais Nordeste, Pampulha e Venda Nova.

Situada entre os aeroportos Confins e Pampulha, a região obteve um eixo de integração com a implantação da linha do metrô, que liga a estação Minas Shopping à Venda Nova. Apesar de a região ter sofrido uma ocupação gradativa e desordenada, possui ainda um razoável número de lotes vagos (aproximadamente 1.700). Com relação às atividades econômicas, na Regional Norte há um predomínio de pequenos comércios e serviços, com algumas indústrias de médio porte.

A estrutura municipal disponibiliza para o atendimento da população local, 20 escolas de ensino fundamental, 12 Unidades Municipais de Educação Infantil (Umeis) e 20 Creches conveniadas. Na saúde são 19 Centros de Saúde, uma unidade de Pronto Atendimento, uma central de Esterilização, um Centro de Controle de Zoonoses, um Laboratório de Zoonoses, uma Farmácia Distrital, um Centro de Convivência, oito academias para atividades físicas, um centro de Especialidades Médicas e um Hospital Maternidade. Além disso, oferece espaços para prática de esporte, cultura e lazer: são cinco edificações públicas destinadas para atividades da comunidade denominadas Espaços BH Cidadania, três Centros Culturais e 10 Centros de convivência para a 3ª idade, um Ginásio Poliesportivo, sete quadras.

Segundo o Portal da Prefeitura, "Hoje encontramos a Regional Norte em um quadro de contrastes: de um lado bairros com população de melhor poder aquisitivo e infraestrutura urbana, e de outro, bairros e vilas com população carente que oferecem aos seus moradores condições mínimas de moradia" (PORTAL PBH, 2012).

Como toda regional administrativa da cidade, a Regional Norte funciona como uma mini prefeitura e possui gerências ligadas às diversas Secretarias e que respondem pelas questões da regional. Assim, há a Gerência Regional de Educação Norte que abriga e responde pelas ações por meio da equipe regional do Programa Família-Escola. Além dos canais de comunicação

instituídos pela SMED para as ações do Programa, a Regional Norte ampliou os canais de comunicação com as famílias atendidas pelo Programa Família-Escola, com a criação de um *blog* específico do Programa Família-Escola, em 2011 e aderiu às redes sociais com uma conta no *facebook*, a partir de 2012.

Assim, ao analisar as ações de comunicação e a interferência dessas ações na relação entre as famílias e a instituição escolar, esse trabalho levará em conta não só os canais de comunicação criados pela SMED, mas todos os meios utilizados pela Regional no contexto do Programa Família-Escola.

Tendo apresentado o Programa Família-Escola, bem como suas ações de comunicação, o próximo capítulo focará na fundamentação teórica que respalda o debate sobre a importância da relação entre as instituições família e escola, e apresentará a metodologia a ser utilizada na investigação proposta neste trabalho.

2. INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA

Este capítulo objetiva apresentar os conceitos e teorias a respeito da relação família e escola, bem como apresentar e justificar a metodologia que será utilizada para analisar a efetividade e resultados das ações de comunicação do Programa, apresentadas no primeiro capítulo.

O capítulo começa por conceituar a relação família e escola, se pautando em estudos sobre o tema, passando pela legislação vigente no país e no município de Belo Horizonte que regulamentam essa relação. As referências utilizadas para este estudo passam por leituras de autores nacionais e internacionais como Marcelo Burgos, Pedro Silva, Jonabio Barbosa dos Santos e Morgana Sales da Costa Santos, Bhering e Siraj-Blatchford, Jane Margareth Castro, Marilza Regattiri e Moacir Gadotti, entre outros.

A seguir, apresenta a metodologia escolhida e o recorte para definir os atores consultados para a realização deste trabalho.

2.1. Conceitos de uma relação

Antes de entrar na pesquisa propriamente dita, se faz necessário argumentar sobre a importância de se estreitar os vínculos entre a Escola e a Família - instituições das mais importantes na formação do cidadão - e sobre a necessidade de se buscar formas de articulação entre elas. A professora Adarlete Carla Rosário (2011), da Rede Municipal de Educação aponta em sua monografia que

[...] a família tem papel fundamental na gênese do processo da evolução das dimensões da formação humana, imprimindo suas marcas, mediante linguagens de símbolos e regras de convivência próprias da sua cultura. É na família que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar o seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento. Essas aprendizagens vão delineando a maneira peculiar do estudante aprender a aprender, aprender sobre si e sobre o mundo e tem impactos na inserção do mesmo no ambiente escolar, colaborando para a manutenção ou não da frequência escolar

mínima, exigida pela legislação vigente (ROSÁRIO, 2011, p.12).

É interessante também reconhecer os limites e possibilidades de tais instituições na consecução do objetivo comum: a educação de crianças e jovens, numa sociedade em constantes transformações. O que realmente não parece simples é a construção da alternativa: a relação família e escola não diz respeito apenas aos filhos e aos alunos, mas a todos: familiares, professores e comunidade em geral. De acordo com Bhering e Siraj-Blatchford (1999):

[...] os pais desconhecem formas possíveis de interação com a escola dos filhos, prejudicando assim o potencial que essa relação poderia trazer. Segundo as autoras, esse contato poderia ser um dos fatores para estabelecer a parceria entre a escola e a família e abre possibilidades de uma ação educativa mais afinada, em ambos os espaços (BHERING e SIRAJ_BLATCHFORD, 1999, p.191).

É preciso considerar ainda que o conceito de família, assim como seus arranjos, vem mudando tão significativamente ao longo do tempo, que procede perguntar-nos como se configuram as famílias das escolas públicas, quem são seus membros e quais as expectativas mantidas em relação ao papel desempenhado pela escola na formação de seus filhos. O artigo escrito por Jonabio Barbosa dos Santos e Morgana Sales da Costa Santos (2008) traz a seguinte informação:

Neste contexto, o casamento perde a vinculação anterior, atingindo o significado de união afetiva de dois indivíduos e não mais de famílias. [...] as uniões sem casamento passam a ser aceitas tanto pela sociedade, como pela legislação. Surge, então na década de 60, a tendência à ruptura do vínculo conjugal, o divórcio. Em meados da década de 70, surgem as famílias monoparentais, isto é, as famílias formadas por um dos genitores e a prole (SANTOS e SANTOS, 2008, p.6).

Essas mudanças na estrutura familiar implicam em novo desafio para a instituição escolar. Desafio que perpassa também as ações de comunicação do Programa Família-Escola que precisam e buscam interagir com essa diversidade de composição familiar da contemporaneidade. Conhecer a família

e saber como esta se organiza, entender sua realidade socioeconômica e cultural, o papel de seus membros no processo de educação de seus dependentes se torna, segundo Castro e Regattieri (2010), essencial para a proposição de ações por parte da escola, no sentido de contribuir para uma melhor qualidade do ensino ofertado.

É preciso que as escolas conheçam as famílias dos alunos para mapearem quantas e quais famílias podem apenas cumprir seu dever legal, quantas e quais famílias têm condições para um acompanhamento sistemático da escolarização dos filhos e quantas e quais podem, além de acompanhar os filhos, participar mais ativamente da gestão escolar e mesmo do apoio a outras crianças e famílias. É nesse sentido que a interação com famílias para conhecimento mútuo destaca-se como uma estratégia importante de planejamento escolar e educacional (CASTRO e REGATTIERI, 2010, p.41).

Nesta perspectiva, também deve ser percebida a importância dada à escola e à educação: se esta é vista, por parte das famílias, como um processo continuado, um bem permanente, e não mais uma etapa da vida, vinculada ao estudo pra consequente ingresso no mercado de trabalho, ou se esta ideia de educação ainda persiste.

A família "entrega" seus filhos - crianças e jovens - à escola, e esta recebe alunos. Pressupõe-se que nessa relação, está implícita uma "confiança" por parte da família, de que a escola se responsabiliza também pelo "cuidado" e educação de seus filhos. Por outro lado, a escola ao "receber" os alunos, espera que as famílias colaborem e participem das ações educacionais, sendo parceiras da escola. Há portanto, um jogo entre as instituições família e escola, onde cada uma espera e cobra da outra os resultados na formação dos estudantes.

De acordo com Marcelo Baumann Burgos (2010, p.1047) "A predisposição das famílias para o jogo escolar e sua crescente dependência e expectativa em face da escola poderá levar a uma redefinição quanto ao entendimento da gestão escolar." Portanto, as perspectivas diferentes devem, a bem do sucesso da educação dos filhos-alunos, encontrar uma convergência no trato das questões que envolvem tal processo. Castro e Regattieri (2010)

apontam que essas diferenças precisam ser levadas em conta na elaboração de políticas educacionais voltadas para esse fim.

Uma política ou programa de interação escola-família é uma forma de estabelecer uma racionalidade produtiva para essa delicada relação, de modo a tirá-la tanto do lugar de bode expiatório – situação na qual a ausência das famílias é, reiteramos, motivo alegado para os maus resultados da rede de escolas –, quanto do otimismo ingênuo – segundo o qual basta haver vínculos amistosos entre professores, gestores, mães, avós e demais parentes para se julgar que há complementaridade entre os dois universos de referência das crianças (CASTRO e RIGATTIERI, 2010,p.41).

As observações das autoras instigam a refletir sobre os efeitos dessa relação, de perspectivas e olhares diferenciados, e de como a comunicação pode intervir nesse processo.

2.2. A legalidade dessa relação

De maneira geral, as políticas públicas tendem a valorizar, cada vez mais, a participação das famílias no contexto escolar. As autoras Grazieli Rosa Tenório e Débora Braga Zagabria (2012) apontam no artigo *Um estudo bibliográfico sobre o enfoque da família nas políticas públicas de atenção a criança e adolescentes* que

No Brasil, a elaboração de políticas públicas para a infância e a adolescência vem sofrendo transformações, sobretudo a partir da década de 1990. O reconhecimento da centralidade da família nas políticas e programas sociais tornou-se praticamente consensual e tem gerado debate em âmbito nacional e internacional (ROSA e ZAGABRIA,2012,p.137).

Também a legislação vigente no país, reforça a necessidade dessa parceria. A Lei Federal 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, diz em seu art. 1º que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos

movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL,1996).

Além disso, essa parceria é fundamental para a escola que vem abraçando funções que extrapolam o ensinar, como por exemplo, o cuidado com a saúde do estudante, sendo cada vez mais corresponsável pela formação integral de seus educandos. Assim, se faz necessário que família e escola, cada vez mais, dialoguem e fortaleçam suas relações, reforçando a ideia apontada por Moacir Gadotti (2007), em *A Escola e o Professor: Paulo Freire e a Paixão de Ensinar*.

A escola não pode mudar tudo e nem pode mudar a si mesma sozinha. Ela está intimamente ligada à sociedade que a mantém. Ela é, ao mesmo tempo, fator e produto da sociedade. Como instituição social, ela depende da sociedade e, para se transformar, depende também da relação que mantém com outras escolas, com as famílias, aprendendo em rede com elas, estabelecendo alianças com a sociedade, com a população (GADOTTI, 2007, p. 12)

Todo esse processo de transformação da educação contribui para despertar o interesse de governos e pesquisadores pelas relações que a escola estabelece com os outros segmentos. O número de estudiosos que se dedicam a pesquisar a influência dessa participação da família no processo ensino-aprendizagem vem aumentando, desde os anos 90, com a implantação da Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O artigo *Escola Pública e Segmentos Populares em um Contexto de Construção Institucional da Democracia*, de Marcelo Baumann Burgos(2012), registra que

[...] a partir dos anos de 1990, ganha crescente importância o debate sobre políticas públicas em educação, estimulando a produção de pesquisas e de instrumentos de avaliação sobre o “efeito escola”, “efeito classe”, “efeito professor” etc. De outra parte, também ganha renovada importância a discussão sobre diferentes aspectos da relação da escola como “mundo do aluno”. O tema do efeito do lugar sobre a escola, por exemplo, atrai a atenção de estudiosos da educação e da cidade. Por seu turno, a discussão sobre a relação entre a escola e a

família ganha centralidade na sociologia da educação (BURGOS, 2012, p.1017).

De acordo com o estudo *A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração* feito por Eliana Bhering e Iram Siraj-Blatchford (1999) essa relação família e escola é fundamental, talvez pelo fato das duas instituições serem a base e fundamentais no desenvolvimento e formação de um cidadão.

O envolvimento dos pais com a escola é, hoje em dia, considerado como um componente importante para o desempenho ideal das escolas e, portanto, os investigadores e autores o consideram como merecedor de uma atenção especial e acentuada. Os pais – mais frequentemente as mães – passaram a fazer parte daqueles elementos-chave que contribuem para a obtenção de melhores resultados na escola e até mesmo em termos comportamentais. (BHERING e SIRA-BLATCHFORD, 1999, p.192)

Nos aspectos que envolvem a construção da parceria família e escola a concepção de participação se faz necessária, na medida em que envolve pessoas em torno de um mesmo objetivo. De acordo com Juan Dias Bordenave e Adair Martins Pereira (2002), “participar engloba as dimensões fazer parte, tomar parte, sentir-se parte e ter parte numa determinada atividade.” (p. 23). Ainda nesse campo, encontramos afirmações sobre as diferenças, em geral, decorrentes da condição socioeconômica das famílias que segundo Maria Ângela Yunes, (2003), não constituem (ou não deveriam constituir) um impedimento para o envolvimento e o estabelecimento de relações entre a família e a escola. Interligar estes dois contextos torna-se uma tarefa fundamental para o estabelecimento de políticas e implementação de programas que visam avançar e conquistar bons resultados.

Assim, a parceria entre família e escola tem permeado as propostas educacionais em todo o território brasileiro. Em entrevista a revista *Presença Pedagógica*, em dezembro de 2010, a professora Maria Eulina Pessoa de Carvalho, da Universidade Federal da Paraíba relata:

[...] no passado, havia uma clara divisão: a missão da escola era a de instruir, e as famílias eram responsáveis pela formação integral dos filhos. Hoje essa divisão é um pouco

diferente. Os professores esperam receber dos pais um auxílio até mesmo nas aprendizagens específicas do currículo (REVISTA PEDAGÓGICA, 2010, p.53).

Tal enunciado reforça a ideia de que o diálogo entre a instituição família e a instituição escola não somente se faz necessário, como também os papéis de cada uma das instituições se complementam. No *artigo A relação família-escola: intersecções e desafios*, elaborado por Cynthia Bisinoto Evangelista de Oliveira e Claisy Maria Marinho-Araújo (2010), as autoras descrevem os papéis dessas duas instituições.

Escola e família têm suas especificidades e suas complementariedades[...]. Esses dois sistemas têm objetivos distintos, mas que se interpenetram, uma vez que "compartilham a tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade". (Reali & Tancredi, 2005, p.240). A divergência entre escola e família está na tarefa de ensinar, sendo que a primeira tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos socialmente em determinado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e, ainda, de legitimar uma ordem social, enquanto a segunda tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade. Desta forma entende-se que, apesar de escola e família serem agências socializadoras distintas, as mesmas apresentam aspectos comuns e divergentes: compartilham a tarefa de preparar os sujeitos para a vida socioeconômica e cultural, mas divergem nos objetivos que têm nas tarefas de ensinar (OLIVEIRA e MARINHO-ARAÚJO, 2010, p.101).

Além de considerar todos esses fatores que envolvem a relação família e escola, em Belo Horizonte, as políticas educacionais consideram também a proposição dos direitos da criança e do adolescente considerando o art. 4º do ECA:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.(ECA, 1990)

Como previsto, o Poder Público, além de garantir vaga na escola, deve adotar medidas para a efetivação dos direitos das crianças e adolescentes, promovendo inclusão social destes e de suas famílias. Na perspectiva da intersetorialidade, entendida como princípio que privilegia a articulação e integração das políticas, favorecendo a organicidade entre elas, o Poder Público tem atuado na descentralização e democratização da administração pública que privilegia o espaço local, enquanto poder e possibilidades humanas e geográficas (FONSECA, 2002).

É nessa perspectiva, de garantir atendimento de qualidade aos estudantes atendidos pela Prefeitura, que a Secretaria Municipal de Educação Belo Horizonte implementa o Programa Família-Escola nas nove regionais da cidade. Na definição das famílias, alvo dessa ação, o Programa Família-Escola conta, mensalmente, com as informações do Sistema de Gestão Escolar (SGE), que abrangem dados como responsáveis pelo estudante, endereço, frequência e desempenho escolar.

2.3. Metodologia de estudo

Partindo da premissa, apresentada por Edna Lúcia da Silva e Estera Muszkat Menezes(2005) que "pesquisar significa, de forma bem simples, buscar respostas para as indagações propostas"(SILVA e MENEZES, 2005, p.19) e considerando essa ação requisito básico para o desenvolvimento de dissertação, este trabalho buscou atender os objetivos propostos por meio da pesquisa qualitativa, assim definida por Silva e Menezes(2005)

Pesquisa Qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA e MENEZES, 2005, p.14)

O método estudo de caso se configurou como o mais adequado a essa dissertação, pautados nas observações de Maria Helena Michel (2009,p.53) que o apresenta com o caráter “de investigação de casos isolados ou de pequenos grupos, com o propósito básico de entender fatos, fenômenos sociais”. Para levantamento de dados foram usadas diferentes técnicas como aplicação de questionário e de entrevistas semiestruturadas, análise documental e levantamento bibliográfico, que são apresentados a seguir.

2.4. Técnicas de pesquisa

Para investigar os resultados das ações de comunicação do Programa Família-Escola na relação entre família e escola, esse estudo se pautou nas pesquisas realizadas com representantes de diferentes segmentos envolvidos nas ações do Programa, buscando técnicas mais adequadas para cada segmento e ao tempo proposto para a finalização desta dissertação.

Assim, na investigação junto às famílias e diretores das escolas, a opção foi a aplicação de questionários que, segundo Maria Helena Michel (2009) é um instrumento de coleta de dados com menor risco de distorção e maior objetividade nas respostas, por apresentar uma série orientada de perguntas. De acordo com Antônio Carlos Gil (2008), esta técnica apresenta algumas vantagens como não expor os pesquisados à influência e opiniões de outros pesquisados ou mesmo do pesquisador.

Os questionários foram elaborados levando em consideração as especificidades de cada segmento a ser investigado de forma a obter informações que ajudassem a responder as indagações desta pesquisa. As questões foram direcionadas ao entendimento da relação desses dois segmentos família e escola (representada pelo diretor) com o Programa Família-Escola e as implicações deste na relação estabelecida entre família e escola.

Com os gestores e técnicos do Programa em estudo, a opção foi por entrevista semiestruturada, que permite ao entrevistador, com base em um roteiro, obter informações do entrevistado sobre sua experiência em relação

ao tema em análise. Gil (2008) classifica essa técnica como "bastante adequada" por ser mais flexível e possibilitar ao entrevistador, por meio do diálogo, esclarecer dúvidas e analisar também atitudes como a expressão corporal e o tom de voz do entrevistado.

Na pesquisa com os pais, as questões abordaram itens como situação socioeconômica, configuração familiar, quais as condutas dessas famílias face à instituição escola, qual o conhecimento dessas famílias em relação às ações de comunicação do Programa Família-Escola e como avaliam essas ações.

A abordagem com os diretores trouxe questões como formação acadêmica, tempo na gestão, relação com as famílias e percepção sobre o Programa Família-Escola.

As entrevistas com os gestores e o técnico buscaram identificar a proximidade do Programa com o ambiente escolar; atuação deste na relação entre escola e família; as ações e os meios utilizados para o acesso e acompanhamento e inserção das famílias na vida escolar dos seus dependentes.

Tanto os questionários como as entrevistas foram realizados, de forma individualizada, em tempos e espaços diferenciados. A coleta de dados foi realizada nos meses de abril, maio e junho de 2014, após o levantamento de informações sobre o Programa, por meio de análise documental e conversas com integrantes das gerências do Programa Família-Escola. A coleta de dados teve início com as entrevistas com os gestores e técnicos, seguida por aplicações dos questionários às famílias e aos diretores.

Todas as técnicas utilizadas nesta pesquisa resultaram em informações que ajudaram no mapeamento dos resultados das ações de comunicação do Programa. A visão dos diversos atores sobre essas, os resultados e os impactos apresentados por essas ações no cotidiano das escolas e na relação entre família e escola compõem a análise de dados desta dissertação.

2.5. Universo e amostragem

Como mencionado anteriormente, o universo investigado nesta pesquisa tem como recorte a Regional Norte, que assim como todas as regionais administrativas de Belo Horizonte, possui uma Gerência do Programa Família-Escola integrando a Gerência Regional de Educação. Na Regional Norte, a equipe do Programa é composta por uma gerente e dois técnicos que atuam em horário integral, além de 16 estagiários, todos frequentes em curso superior, sendo oito no turno da manhã e oito no turno da tarde, com jornada diária de 4 horas.

A Regional Norte possui cerca de 15.400 famílias com estudantes matriculados nas 20 escolas da Rede Municipal de Educação. Um levantamento, realizado de março 2013 a abril de 2014 pela Regional, relacionou cerca de 200 famílias que participam das atividades promovidas pelas escolas e SMED. Esta relação foi elaborada a partir das listas de presenças dos eventos com participação das famílias, fornecidas pelas escolas e pelo Programa Família-Escola, tanto no âmbito regional como no âmbito da SMED

Considerando este universo de 200 famílias, e por ser tratar de uma pesquisa por amostragem, a decisão foi pela aplicação de 30 questionários ao segmento família. Foi uma amostra intencional à medida que definiu as famílias a partir da listagem apresentada pela gerência regional do Programa. Para atingir o número proposto de respondentes, foram convidadas 43 pessoas, o que significa que 13 delas não quiseram participar da pesquisa, destas quatro disseram não conhecer o Programa, seis alegaram não ter tempo e três simplesmente disseram não. Os convites foram realizados por telefone e a aplicação dos questionários foram aplicados pessoalmente e em espaços diferenciados.

Também os diretores da Regional Norte foram convidados a participarem desta pesquisa. Os convites foram feitos por telefone ou

pessoalmente durante o a realização do Fórum de Diretores¹. Dos 20 diretores, 16 aceitaram responder aos questionários.

O convite aos gestores do PFE seguiu o mesmo critério e as entrevistas com a gerente geral do Programa, a gerente regional e o técnico foram realizadas individualmente, no local de trabalho do entrevistado, em dias diferentes em conformidade com as agendas desta pesquisadora e dos entrevistados.

2.6. Análise dos dados

Este tópico apresenta e discute os resultados obtidos na aplicação dos questionários e nas entrevistas realizadas para a coleta de dados. A apresentação é ilustrada por gráficos seguidos das respectivas análises.

Para fins de organização e melhor compreensão dos leitores, a apresentação e análise dos dados terão como referência cada um dos segmentos investigados nessa pesquisa. Começando pelo levantamento junto às famílias, seguido pelo o resultado alcançado com os diretores e finalizando com a abordagem com os gestores e técnico do PFE.

Volto a afirmar que esta pesquisa não tem nenhuma pretensão de inferência estatística. A utilização de gráficos, números e percentuais é apenas um opção para descrever e ilustrar de forma mais clara os resultados obtidos na investigação com os segmentos escola e família, para melhor entendimento do leitor, apresentando um comparativo em relação ao universo pesquisado. Assim, o que pode-se dizer dessa análise é que ela apresenta características que se aproximam de uma estatística descritiva, definida por Luiz Alexandre Peternelli (2010, p.13) "como a parte da estatística que procura somente descrever e avaliar um certo grupo, sem tirar quaisquer conclusões ou inferências sobre um grupo maior".

¹ O Fórum de Diretores é um encontro periódico realizado pela SMED, reunindo os gestores da Secretária, das Regionais de Educação e os diretores e vice-diretores das escolas e Umeis da Rede Municipal de Educação.

2.6.1. A pesquisa com as famílias

O questionário, aplicado aos responsáveis por estudantes das escolas municipais, apresentou uma linguagem mais coloquial de forma a ser melhor entendido pelo público alvo. Foram elaboradas 20 questões fechadas e uma aberta, divididas em cinco partes que, seguindo uma sequência lógica, contemplaram algumas perguntas que tiveram o objetivo de confirmar ou não respostas anteriores.

A primeira parte do questionário objetivou conhecer e identificar o perfil dos respondentes. A segunda abordou a situação socioeconômica da família. Na terceira parte buscou-se identificar estudantes atendidos no ensino fundamental da Rede Municipal de Educação. A quarta parte focou na participação familiar na vida escolar do aluno. Na quinta parte, o objetivo foi avaliar a relação e o conhecimento dos respondentes com as ações de comunicação do Programa Família-Escola.

A aplicação foi individualizada, permitindo ao respondente esclarecer dúvidas a respeito das perguntas. Todos os respondentes foram informados da intencionalidade da pesquisa e tiveram a opção de se identificarem ou não.

A aplicação dos questionários foi realizada durante o Fórum Família-Escola, realizado na SMED no dia 31 de maio de 2014, com um total de 21 respondentes. Os outros nove respondentes foram visitados em suas residências ou escolas de referência para a aplicação dos questionários, entre os dias 2 a 6 de junho. Identificou-se um total de 17 escolas apresentadas como referência pelos respondentes.

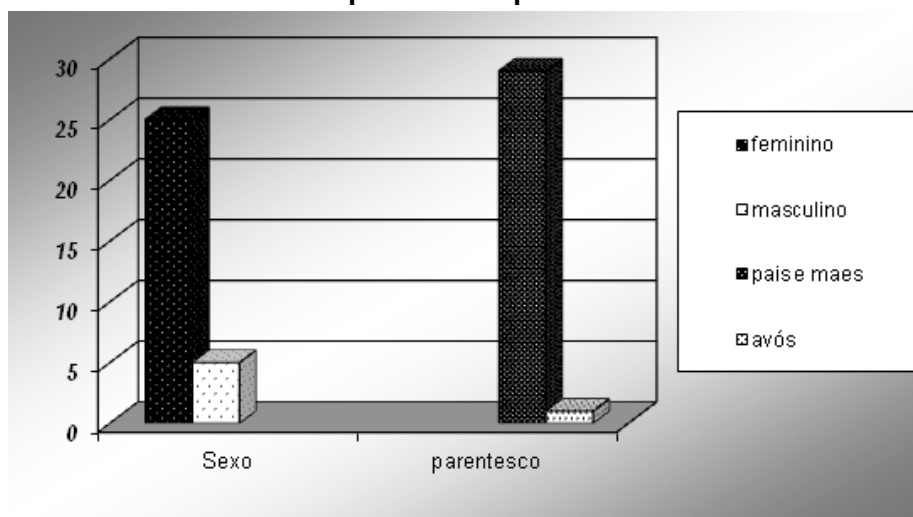
O resultado desta investigação é apresentado agora, seguindo a sequência de perguntas apresentadas no questionário.

Parte 1 - Perfil dos respondentes

Esta parte do questionário constou de quatro questões que visaram identificar o sexo, idade do respondente, o grau de parentesco com os estudantes e o nível de escolaridade dos respondentes. Foram apresentadas

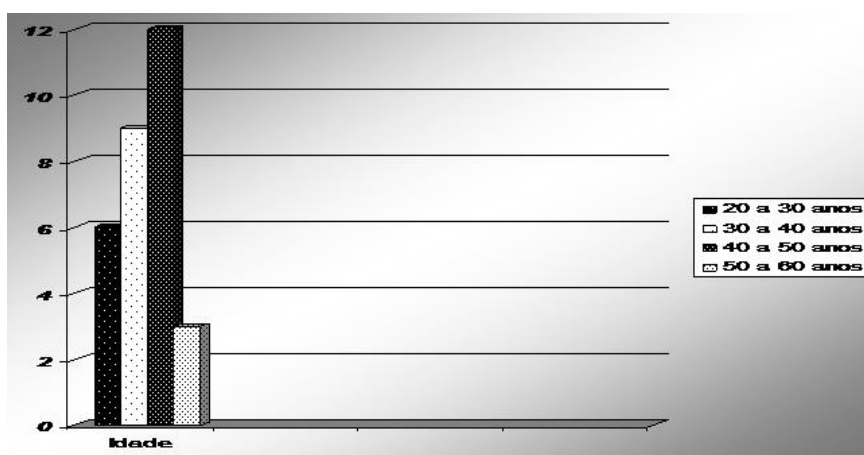
cinco opções de faixa etária, sete opções de parentesco e oito opções de escolaridade. As respostas estão traduzidas nos gráficos 1, 2 e 3, que consideram somente as opções assinaladas pelos 30 respondentes. Nestes gráficos, a linha vertical numerada representa o número de respondentes.

Gráfico 1: Sexo do respondente e parentesco com estudantes



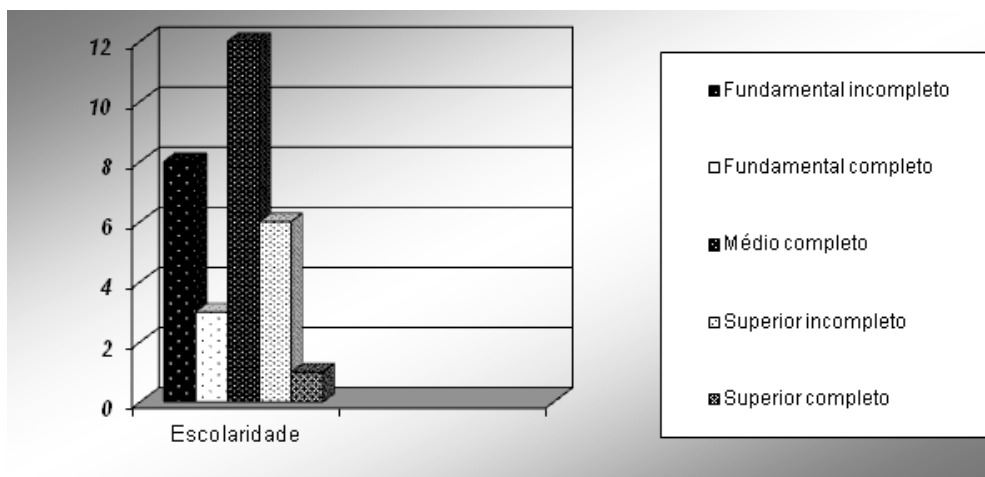
Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

A partir das informações obtidas nesta parte do questionário, constatou-se que a maioria, 25 dos respondentes (83%), é do sexo feminino e 5 pessoas (7%) pertencem ao sexo masculino; 29 dos respondentes (97%) se identificaram como pai ou mãe, sendo 24 mães (80%) e cinco pais (17%), somente uma pessoa (3%) se identificou como avó.

Gráfico 2 - Idade dos respondentes

Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

As informações obtidas apontam que a faixa etária mais abrangente de responsáveis por crianças da RME se concentra entre 30 e 50 anos, com 21 pessoas (70%) nesse perfil, sendo que 12 respondentes(40%) têm entre 40 e 50 anos e nove respondentes(30%) têm entre 30 e 40 anos. Identificou-se seis respondentes(20%) com idade entre 20 e 30 anos e três respondentes(10%) na faixa etária entre 50 e 60 anos.

Gráfico 3 – Escolaridade

Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

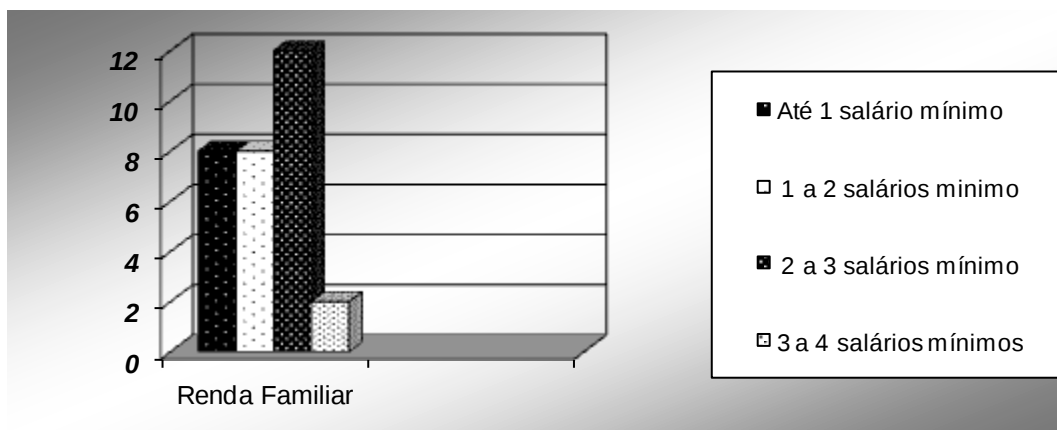
O item escolaridade apontou 19 respondentes (63%) com escolaridade acima do ensino fundamental. Tendo as respostas indicado que oito pessoas (27%) não completaram o ensino fundamental e três respondentes (10%) concluíram essa etapa de ensino, o ensino médio foi concluído por 12 pessoas(40%). Sete pessoas (23%) chegaram ao ensino superior, mas

somente uma (3%) já concluiu e seis (20%) apontaram ter ensino superior incompleto.

Parte 2 - Situação socioeconômica

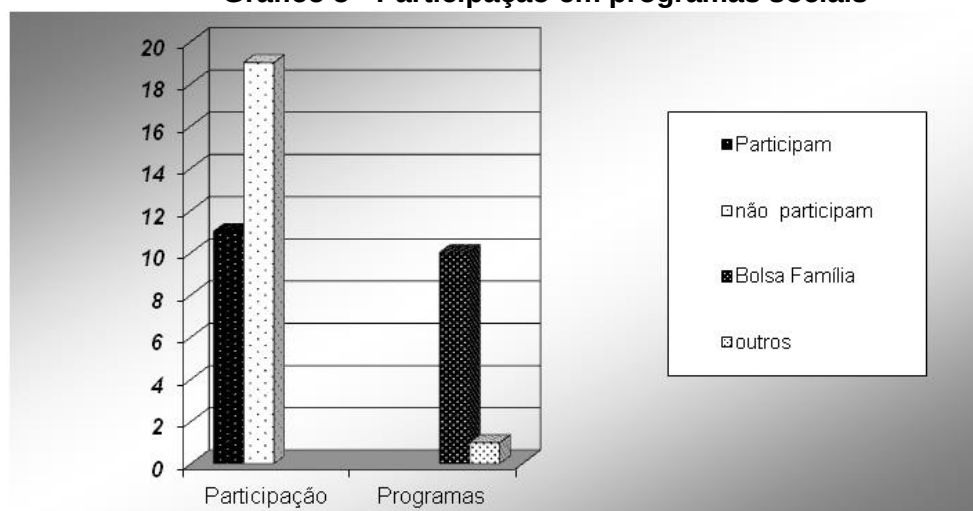
Nesta parte foram elaboradas quatro questões considerando a renda familiar, a participação em programas sociais, o tipo de moradia e o número de integrantes da família. As questões apresentaram entre quatro e seis opções de respostas registradas nos gráficos 4, 5, 6 e 7. Nestes gráficos a linha vertical numerada representa o número de respondentes.

Gráfico 4- Renda Familiar



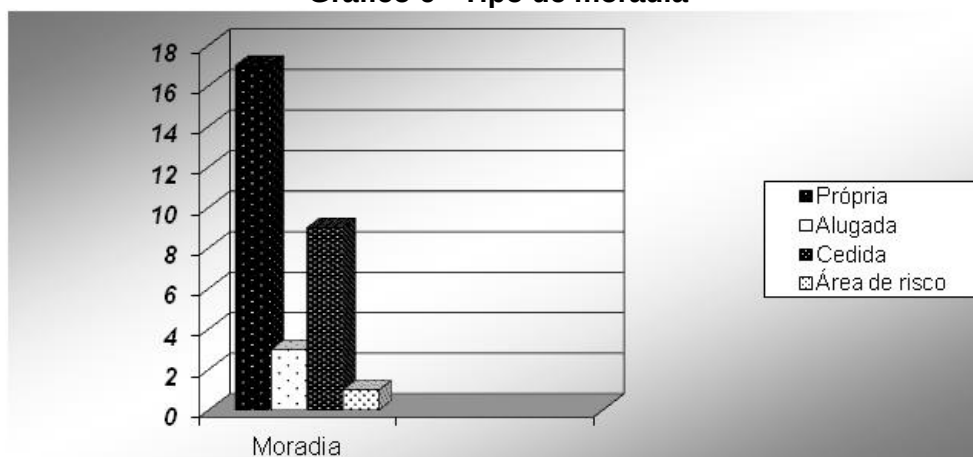
Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

As respostas obtidas nesta parte do questionário mostram que a renda familiar de 16 respondentes (53%) é de até dois salários mínimos e 14 respondentes (47%) recebem acima de dois salários. Dos 30 respondentes, apenas dois (6%) tem renda acima de três salários mínimos, doze pessoas (40%) registram que recebem de dois a três salários mínimos, oito (27%) recebem até um salário mínimo e outros oito (27%) recebem de dois a três salários mínimos.

Gráfico 5 - Participação em programas sociais

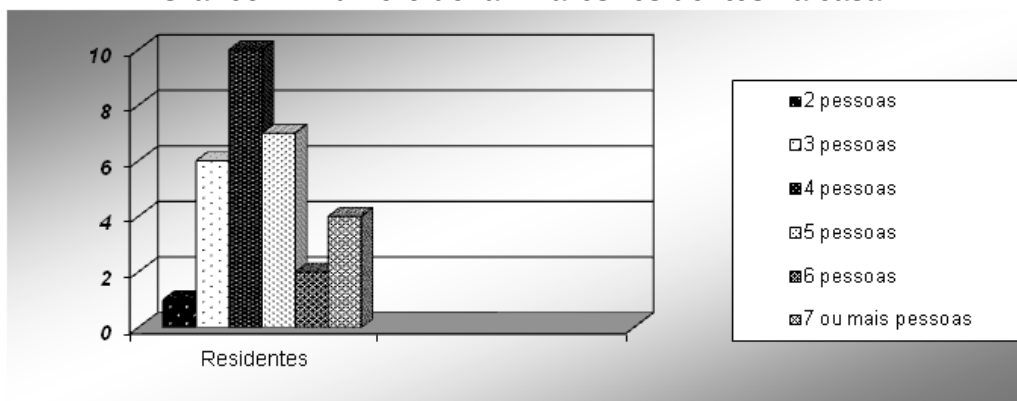
Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

O gráfico 5 mostra que somente 11 famílias são assistidas por programas sociais, o que corresponde a 37% do total, e 19 famílias não participam de nenhum programa social, representando os outros (63%) dos respondentes. Das 11 famílias que participam de programas sociais, 10 recebem os benefícios do Bolsa-Família(33% do total de respondentes).

Gráfico 6 - Tipo de moradia

Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

A maioria das famílias, 17 respondentes (57%) residem em casas próprias, nove famílias (30%) estão em casas cedidas, enquanto três famílias (10%) pagam aluguel e uma (3%) mora em áreas de risco. Considerando que área de risco corresponde a acampamentos por invasão de terrenos.

Gráfico 7 - Número de familiares residentes na casa

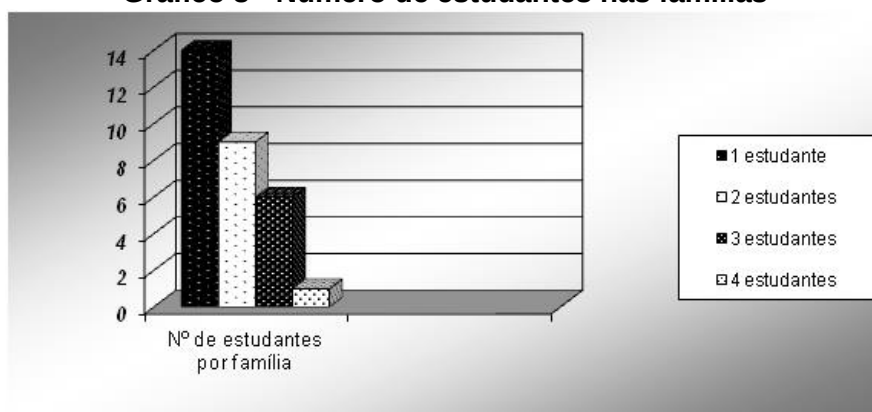
Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

As famílias com quatro integrantes somam 10 respondentes (33%), representando a maioria. Neste quesito registram-se ainda sete famílias (23%) com cinco integrantes, seis famílias (20%) com três integrantes, quatro famílias (13%) com sete integrantes, duas famílias (7%) com seis integrantes e uma família (3%) com dois integrantes.

Parte 3 - Estudantes do ensino fundamental da RME

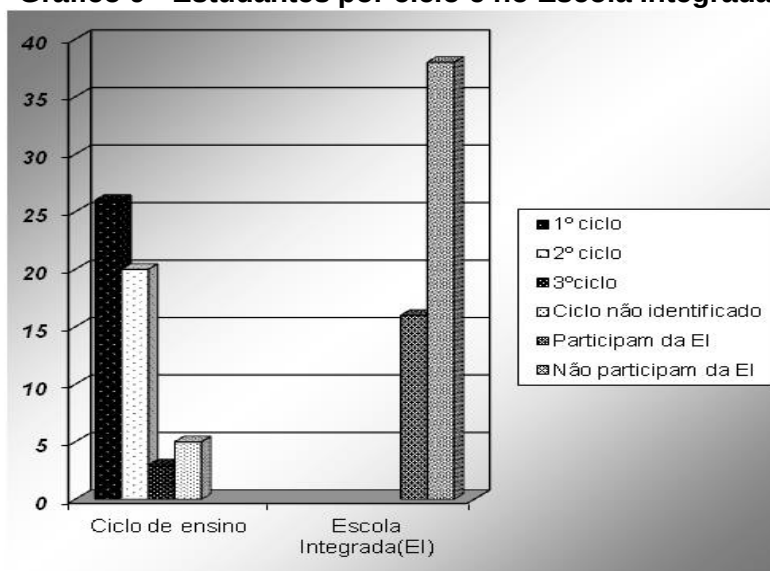
Foram cinco questões que tentaram identificar o número de estudantes matriculados no ensino fundamental da Rede Municipal de Educação na Regional Norte. O recorte do ensino fundamental se deve ao fato desta etapa ser o foco do Programa Família-Escola. Buscou-se ainda verificar o ciclo cursado pelos estudantes e quantos frequentam o Escola Integrada². Para muitos dos respondentes foi necessário explicar o ciclo de ensino e fazer a correspondência com o ano cursado pelo aluno. Ao todo foram identificados 54 estudantes. Os resultados são apresentados nos gráficos 8 e 9. No gráfico 8, a linha vertical numerada representa o número de respondentes e no gráfico 9, a linha vertical numerada representa o número de estudantes.

² O Programa Escola Integrada é uma proposta da Prefeitura de Belo Horizonte que amplia o tempo de atendimento aos alunos com idade entre seis e 14 anos. São nove horas de atividades diárias, sendo administradas as disciplinas curriculares no horário de matrícula do aluno e no contraturno são oferecidas atividades extra-curricular fora da sala de aula, e em espaços diversos da cidade.

Gráfico 8 - Número de estudantes nas famílias

Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

Neste item observou-se que das 30 famílias respondentes, o número de famílias com apenas um estudante no ensino fundamental é 14 (47%), nove famílias (30%) com dois estudantes matriculados nessa etapa do ensino, seis (20%) famílias com três estudantes e uma família (3%) com quatro estudantes. A somatória do número de estudantes em cada uma das famílias pesquisadas, resultou em um total de 54 estudantes no ensino fundamental da Rede Municipal de Educação, matriculados nas escolas da Regional Norte.

Gráfico 9 - Estudantes por ciclo e no Escola Integrada

Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

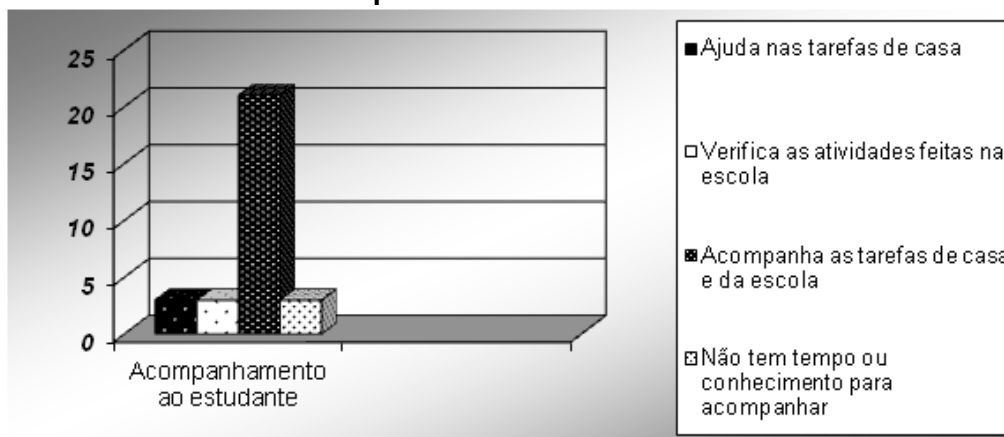
A análise destes dados aponta que dos 54 estudantes identificados, 26 (48%) estão no 1º ciclo, 20 (37%) no 2º ciclo e três (6%) no 3º ciclo. Três famílias não souberam informar sobre a situação dos estudantes configurando

cinco (9%) estudantes sem identificação de ciclo. Verificou-se ainda que 16 participam do Escola Integrada, representando 27% do total de estudantes.

Parte 4 - Acompanhamento do estudante e relação com a escola

A parte 4 contemplou duas questões, ambas podendo conter mais de uma resposta como opção. A primeira questão, com três alternativas, buscou verificar o acompanhamento escolar do estudante pela família. A segunda questão, com seis alternativas, visou verificar qual a relação da família com a escola, a partir de alternativas que focaram na forma de aproximação dos respondentes com a escola, permitindo verificar quando, quanto e em que circunstâncias esses respondentes se fazem presentes no ambiente escolar. As respostas são representadas nos gráficos 10 e 11. Nestes gráficos, a linha vertical numerada representa o total de respondentes.

Gráfico 10 - Acompanhamento das atividades escolares

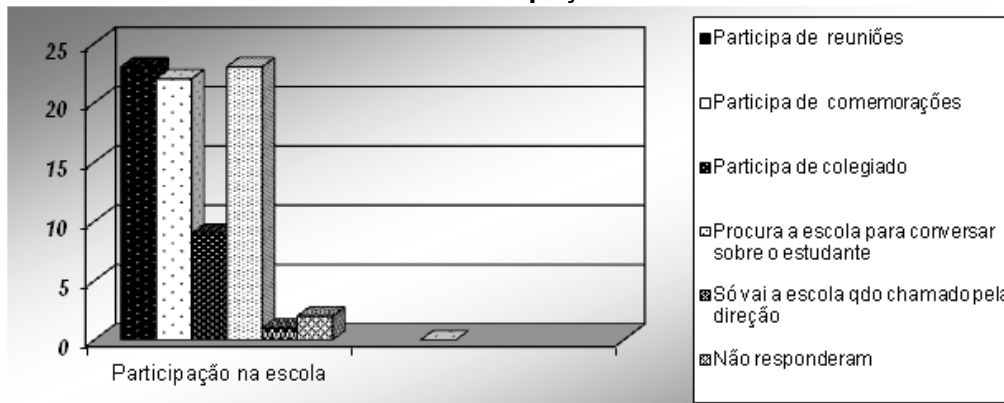


Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

As respostas apresentadas nesta parte do questionário possibilitaram identificar que 27 famílias (90%) acompanham de alguma forma a rotina escolar do estudante. Dos 30 respondentes, 21 disseram ajudar os filhos nas tarefas de casa e acompanhar as atividades feitas na escola, o que representa 70% do universo pesquisado. Os outros 30% se dividem igualmente (10%) entre os que só ajudam nas tarefas de casa (três famílias), os que só verificam as atividades feitas na escola (três famílias) e os que alegam não ter tempo ou

conhecimento necessário para acompanhar as atividades escolares de seus filhos (três famílias).

Gráfico 11 - Participação na escola



Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

Em relação à participação na escola, também a maioria, 27 famílias (90%), demonstrou ser participativa e frequentar reuniões, comemorações ou procurar a direção, coordenação e professores para trocarem informações sobre o estudante. Do total de respondentes, nove (30%) participam dos colegiados de suas escolas. Somente um (3%) vai a escola só quando chamado pela direção, também um (3%) disse que nunca vai a escola e dois (7%) respondentes não marcaram nenhuma das alternativas apresentadas. Em uma leitura mais minuciosa das respostas apresentadas, verificou-se que nove famílias (30%) participam de todas as atividades da escola, oito famílias (27%) participam das reuniões, comemorações e vão à escola para conversar sobre seus filhos, quatro (13%) participam das reuniões e vão à escola para conversar sobre seus filhos, três famílias (10%) participam de reuniões e comemorações, outras três famílias (10%) participam das comemorações e conversam com a escola sobre o estudante, duas (7%) só comparecem em reuniões e uma (3%) nunca vai a escola.

Parte 5 - Interação com o Programa Família-Escola

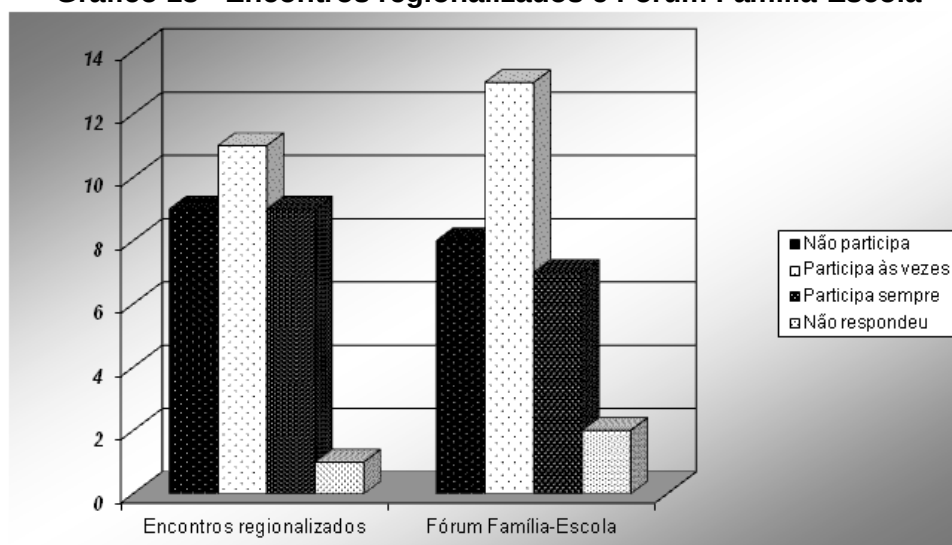
Esta parte foi a mais extensa do questionário por estar focada no tema em estudo nesta dissertação. Foram seis questões relacionadas às ações de

comunicação do Programa Família-Escola, contendo entre duas a cinco alternativas que permitiam apenas uma marcação. Para verificar a influência do Programa na relação das famílias com a escola, foi apresentado um quadro com oito situações onde o respondente deveria apontar se a participação no Programa Família-Escola melhorou, piorou ou não mudou sua postura ou percepção em cada uma das situações apresentadas. Esta parte incluiu a única questão aberta do questionário, que foi apresentada ao final e visou obter dos respondentes opiniões mais explícitas sobre o Programa Família-Escola e/ou sugestões para o mesmo. Os resultados desta parte são representados dos gráficos 12 a 16, que serão analisados um a um. Nestes gráficos, a linha vertical numerada representa o número de respondentes.



Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

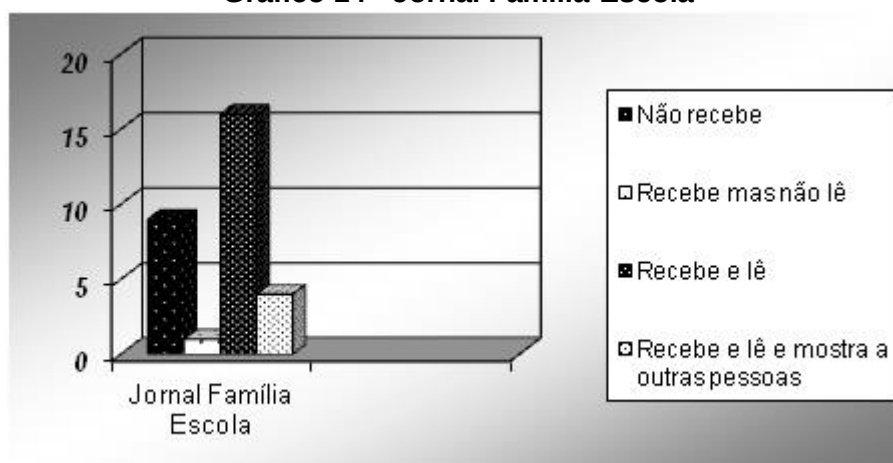
As respostas a este item indicam que pelo menos 24 (80%) dos entrevistados não se insere no grupo de famílias de alunos com baixa frequência, uma vez que as visitas domiciliares são focadas nesse público. Outra explicação para este índice é a não participação da maioria em programas sociais, considerando que os cinco (17%) que recebem visitas domiciliares se encaixam nos 37% de assistidos pelos programas sociais, conforme apresentado no quadro 5. Neste item apenas um respondente (3%) não assinalou uma das opções. Pelo levantamento, foram realizadas um total de seis visitas domiciliares, sendo que quatro famílias (13%) foram visitadas apenas uma vez e uma família (3%) recebeu duas visitas.

Gráfico 13 - Encontros regionalizados e Fórum Família-Escola

Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

Considerando as respostas apresentadas, em relação à participação em encontros regionalizados e fóruns Família-Escola, pode-se concluir que em ambas as situações a soma dos que participam às vezes e dos que participam sempre é mais do que o dobro dos que não participam. No caso dos encontros regionalizados, nove pessoas (30%) disseram não participar, enquanto 11 (37%) participam às vezes e outras nove (30%) participam sempre. Somente uma pessoa (3%) não respondeu a esta questão. Assim, registra-se um total de 20 pessoas participantes (67%) dos encontros regionalizados.

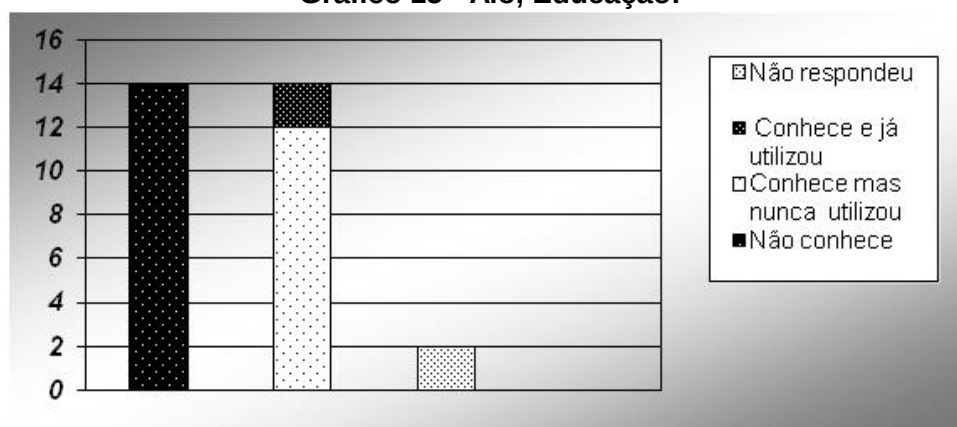
Nos fóruns Família-Escola identificou-se que oito famílias (27%), não participam, sete (23%) participam sempre e 13 (43%) participam às vezes, totalizando 20 participantes (67%). Duas pessoas não responderam a essa questão (6%). Embora não tenha sido representado em gráfico, o questionário também verificou o número de participação de cada respondente nos fóruns. Dos 20 que participam, 12 não responderam a este item, três disseram ter participado três vezes, outras três pessoas disseram ter participado duas vezes e outras duas responderam que participaram quatro ou mais vezes dos fóruns.

Gráfico 14 - Jornal Família-Escola

Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

Esta questão possibilitou verificar que o jornal Família-Escola é recebido por 21 respondentes (70%). O informativo não é recebido por nove respondentes (30%). Verificou-se ainda que dos que disseram receber o jornal, 16 o leem (53%), quatro (13%) além de ler, o compartilham e o mostram a outras pessoas e apenas uma (3%) não o lê. A questão não investigou a opinião dos entrevistados em relação ao informativo.

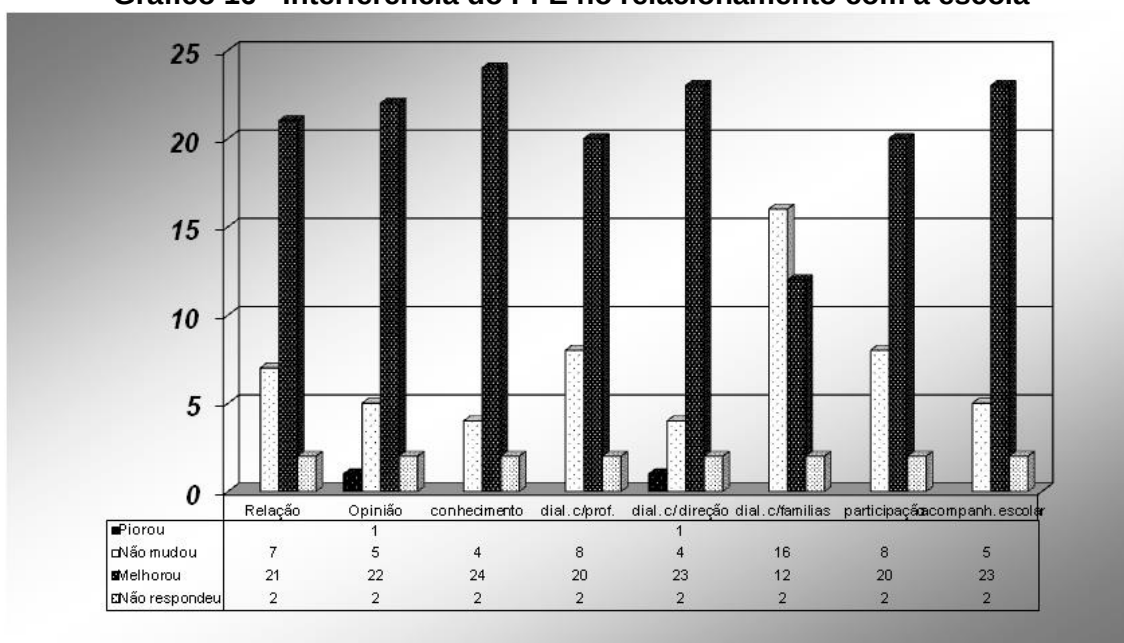
O quadro 15, apresentado a seguir, representa as respostas obtidas sobre o serviço Alô, Educação! . Propositamente, esse gráfico foi configurado em um modelo distinto dos demais gráficos, de forma a permitir ao leitor uma leitura mais clara do quantitativo de pessoas que conhecem ou não esse canal de comunicação.

Gráfico 15 - Alô, Educação!

Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

Pelo gráfico 15 é possível perceber que o número de respondentes que não conhecem o serviço Alô, Educação! é o mesmo dos que o conhecem, ou seja 14 famílias (47%).em cada situação, totalizando 28 pessoas (94%) dos respondentes. Duas pessoas(6%) não responderam a esta questão. Das 14 famílias que conhecem o Programa, 12 (40%) alegam nunca ter utilizado este serviço e apenas duas (6%) já recorreram a ele. Não foi questionada a opinião dos respondentes em relação ao serviço.

Gráfico 16 - Interferência do PFE no relacionamento com a escola



Fonte : Questionário para famílias da RMEBH- Regional Norte

O gráfico 16 reúne as oito situações nas quais o Programa Família-Escola poderia ou não influenciar a postura da família, que foram apresentadas aos respondentes em um quadro, em forma de tabela, onde cada situação foi apresentada em uma linha que trazia as opções melhorou, piorou ou não mudou. A afirmativa que antecedeu a este quadro no questionário foi "O Programa Família-Escola ajudou a melhorar sua relação com a escola, tendo como opção as alternativas sim e não. Neste item, 24 respondentes (80%), apontaram que sim, três (10%) marcaram o não e outros três (10%) não assinalaram nenhuma das opções. Assim, o quadro de perguntas buscou

confirmar as respostas à esta questão, identificando em quais situações o Programa conseguiu ou não contribuir.

As respostas do quadro confirmam, pelo percentual das respostas apresentadas em cada item, os resultados obtidos na questão que o antecedeu. Para 21 respondentes (70%), o Programa ajudou a melhorar a relação da família com a escola, enquanto sete (23%) disseram que não mudou. A opinião sobre a escola, a partir das ações do Programa, melhorou para 22 respondentes (73%), enquanto cinco (17%) alegaram que não mudou e um (3%) disse que piorou. O conhecimento sobre o trabalho realizado pela escola melhorou na opinião de 24 respondentes (80%) e não mudou na opinião de outros quatro (13%). No relacionamento com os profissionais da escola e com outras famílias, 20 respondentes (67%) disseram que o diálogo com os professores melhorou, oito (27%) disseram que não mudou; o diálogo com a direção da escola melhorou na opinião de 20 respondentes (67%), não mudou na opinião de quatro (13%) respondentes e piorou para um deles (3%). Já em relação ao diálogo com outras famílias, 14 respondentes (47%) afirmaram que melhorou, enquanto 16 (53%) disseram que não mudou.

A participação nas atividades promovidas pela escola melhorou de acordo com 20 respondentes (67%) e não mudou na opinião de oito respondentes (27%). Quanto ao acompanhamento da vida escolar dos filhos, 23 (80%) disseram que melhorou e cinco (17%) alegaram que não mudou. Das famílias pesquisadas duas (6%) não responderam as questões desta parte do questionário alegando não conhecerem as ações do Programa. Verificou-se ainda que a opção “piorou” assinalada no item “diálogo com a direção” e no item “opinião sobre a escola” configura a opinião de respondentes distintos.

O questionário direcionado às famílias foi finalizado com a questão "Dê sua opinião, ou sugestão para o Programa Família-Escola". Dos 30 respondentes, 23 atenderam a essa solicitação. Algumas pessoas focaram na discussão do Fórum Família-Escola, realizado no dia 31 de maio, que abordou o cuidado e a proteção às crianças e adolescentes, tendo como tema "Educação em ação: mobilizar, cuidar e proteger". O que justifica a abordagem

de algumas colocações em relação ao comportamento de alunos como as apontadas a seguir.

Percebo a necessidade de uma forte atuação com alunos adolescentes e, especialmente, com os indisciplinados, pois a desmoralização do profissional diante deles é grande. Quando o assunto é o resultado positivo que eles recebem mesmo não fazendo por ter tal resultado. (Respondente 1)

No meu ponto de vista, o Programa Família-Escola já nos ajuda como pais a entender mais. Com isso conseguimos favorecer os alunos, a entender que a escola faz falta no futuro e mostrar a eles que sem o estudo eles não vão ser nada. É preciso ter um jeito de cada escola olhar aqueles alunos mais agressivos porque os funcionários não têm obrigação de aguentar as agressões, a falta de educação dos alunos, que muitas vezes, os diretores passam a mão na cabeça. (Respondente 2)

Em outras respostas podemos observar a aprovação dos fóruns e encontros, realizados pelo PEI, e o interesse dos pais por mais momentos de interação e espaços de discussão, inclusive com e nas escolas, incentivando mais o protagonismo das famílias.

"Gosto dos fóruns porque é um momento de se refletir e conversar sobre o funcionamento das escolas." (Respondente 3)

"Seria bom que os fóruns fossem realizados mais vezes" (Respondente 4)

É de extrema importância para todos, pena que ainda não temos um número maior de pais e de alunos participando. Os encontros deveriam acontecer mais vezes para termos um tempo maior para discutirmos um assunto tão importante como é a educação de nossos filhos. (Respondente 5)

Promover um dia de lazer, onde tivesse lanche, palestras educativas, oficinas, muita participação dos pais nas atividades, uma palestra onde os pais seriam os palestrantes e contassem suas experiências familiares. Que os pais fossem chamados pela escola para terem uma conversa pessoal a respeito da família - tarefa difícil mas não impossível. (Respondente 6)

Outros depoimentos levam a considerar que é preciso fortalecer as ações de comunicação do Programa mas, de forma alguma, invalida percepção positiva das famílias em relação ao PFE.

"É importante que as famílias conheçam os projetos e programas e benefícios que a família tem, pois é pouco divulgado. A família tem que receber folhetos explicativos sobre os programas da Prefeitura." (Respondente 7)

"Intensificar o trabalho de mobilização nas regionais para trazer aos fóruns maior transparência da realidade das famílias e suas dificuldades em suas respectivas regionais." (Respondente 8)

Ainda estou conhecendo o programa, por isso não sei se ele ajuda ou não. Reconheço ser importantíssima, para o desenvolvimento das crianças e adolescentes na escola e na vida, essa aproximação, pois escola e família tem que trabalhar juntas. (Respondente 9)

Outras falas registram que as ações do PFE conseguem provocar mudanças positivas na relação das famílias com as escolas.

"O Programa Família-Escola é um programa que auxilia muito a família, melhorando a relação entre alunos, pais e professores" (Respondente 10)

"O Programa Família-Escola ajudou a melhorar a nossa relação com a escola ficou mais fácil acompanhar a vida escolar dos nossos filhos." (Respondente 11)

"Este programa entre outras coisas, sem dúvida, ajuda nesse relacionamento entre escola e família e vice-versa." (Respondente 12)

"Não sei se o Programa mudou muito as coisas, mas os laços se estreitaram. Já a mudança do Alô, Educação! para o 156 não atende como era antes com o Família-Escola." (Respondente 13)

Algumas famílias formularam críticas que instigam a repensar as ações de comunicação, já que elas trazem evidências de que o Programa precisa ser melhor conhecido e divulgado para todos os segmentos atendidos pela Rede Municipal de Educação.

Visitar mais as famílias porque nem todas as famílias tem acesso ao Família-Escola por não conhecer o Programa ou por não ter condições de locomoção (passagem para ir até as regionais). Sendo visitados em casa ou nas escolas fica mais fácil a participação.(Respondente 14)

"Para mim esta bom, mas se melhorar, melhor ainda." (Respondente 15)

"Falta divulgação sobre o Programa." (Respondente 16)

"Convocar mais famílias, precisa divulgar mais nas escolas e comunidade."(Respondente 17)

"Ainda não tenho opinião formada." (Respondente 18)

"Maior divulgação sobre a abrangência do Programa" (Respondente 19)

Há também opiniões favoráveis à inserção e participação das escolas nas ações do Programa Família-Escola.

"Gostaria que houvesse mais respeito com os pais. As escolas confundem pais informados, como críticos que atrapalham o trabalho." (Respondente 20)

"Aproximar os pais da escola, falta diálogo tanto entre escola e família como entre as famílias da mesma escola." (Respondente 21)

E, por fim, uma das falas que revela a relação estabelecida entre as ações do Programa e as políticas públicas de transferência de renda, fazendo com que se confundam no imaginário da família.

"O Programa não é ruim, o problema é que não atende quem realmente necessita. Deveria encontrar uma nova forma de filtrar os participantes para ser justa a distribuição de renda." (Respondente 23)

Apresentados os resultados na investigação junto as famílias, passamos no próximo tópico à pesquisa realizada com os diretores das escolas municipais da Regional Norte.

2.6.2. A pesquisa com os diretores

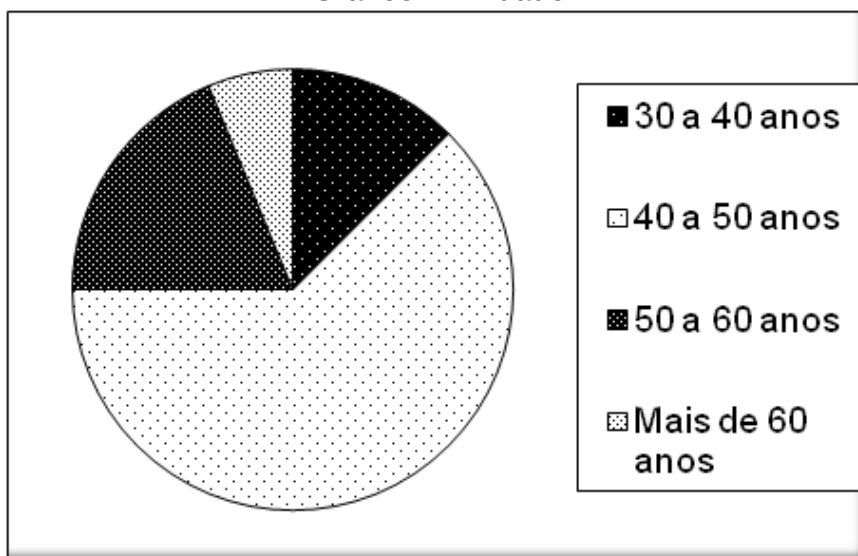
A elaboração do questionário para os diretores buscou preservar a identidade do respondente, considerando que minha atuação enquanto gestora da Secretaria Municipal de Educação poderia comprometer as respostas dos pesquisados.

As questões foram todas fechadas divididas em três blocos temáticos, contemplando o perfil do respondente; o relacionamento da escola com a família e a interação com o Programa Família-Escola.

Bloco 1 - Perfil dos respondentes

Este bloco constou de cinco questões com duas, cinco ou seis alternativas que admitiam apenas uma marcação. O número de respondentes deste segmento equivale a 80% do total de diretores escolares da Regional, considerando que no universo de 20 escolas, 16 foram representadas por seus respectivos diretores. Constatou-se que as mulheres são a maioria na gestão escolar das escolas da Norte, considerando que 100% dos entrevistados são do sexo feminino. Em relação a formação acadêmica todos os respondentes possuem curso superior, sendo que 14 (87%) fizeram especialização.

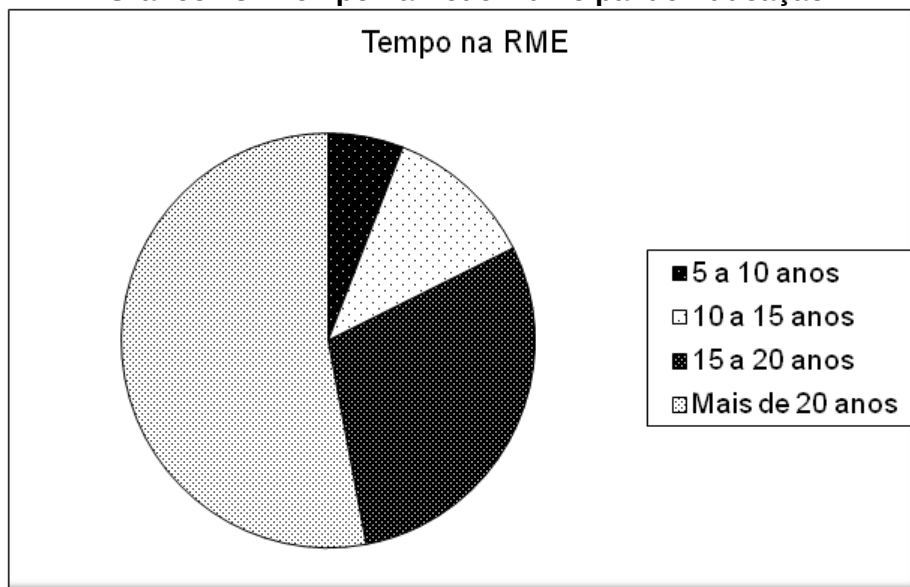
Gráfico 17 – Idade



Fonte : Questionário para diretores da RMEBH- Regional Norte

A faixa etária dominante está entre 40 a 50, com 10 diretoras representando 62,5% dos respondentes. Três (19%) têm idade entre 50 e 60 anos, duas (12,5%) estão entre 30 e 40 anos e uma (6%) tem mais de 60 anos.

Gráfico 18 - Tempo na Rede Municipal de Educação

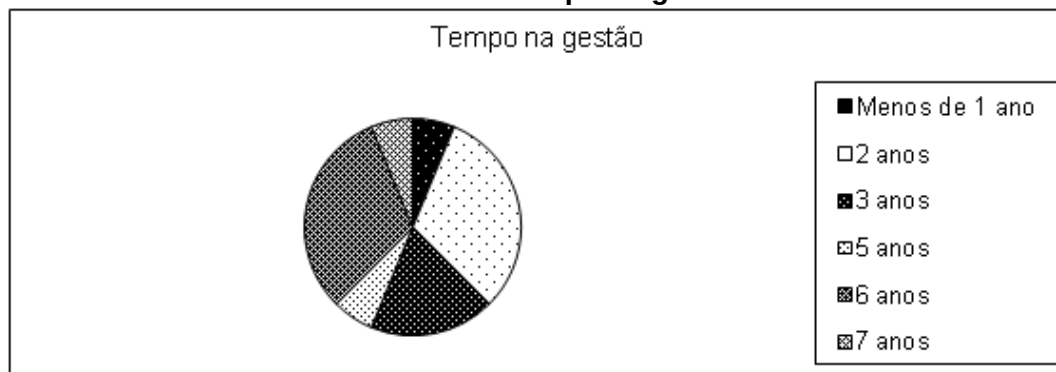


Fonte : Questionário para diretores da RMEBH- Regional Norte

Em relação ao tempo de atuação na Rede Municipal de Educação, 13 respondentes (81%) tem mais de 15 anos de atividades, sendo que quatro(25%) têm entre 15 e 20 anos e nove (56%) estão há mais de 20 anos na RME. Dos outros, três respondentes (19%) com menos de 15 anos de

exercício na RME, dois (13%) têm mais de 10 anos e um (6%) está há menos de 10 anos na educação municipal.

Gráfico 19 - Tempo na gestão



Fonte : Questionário para diretores da RMEBH- Regional Norte

Em relação à experiência no cargo de diretor, o percentual dos que estão há cinco anos na atual gestão coincide com os que estão há dois anos, ou seja, cinco respondentes (31%) em cada situação. Considerando que 6% é o percentual que corresponde aos três respondentes com seis anos na gestão, somados aos cinco respondentes (31%) com cinco anos na gestão, são 11 diretores (37%) que estão há mais de cinco anos na atual gestão. Apenas uma diretora (6%) possui menos de um ano de gestão.

Gráfico 20- Experiência como diretor

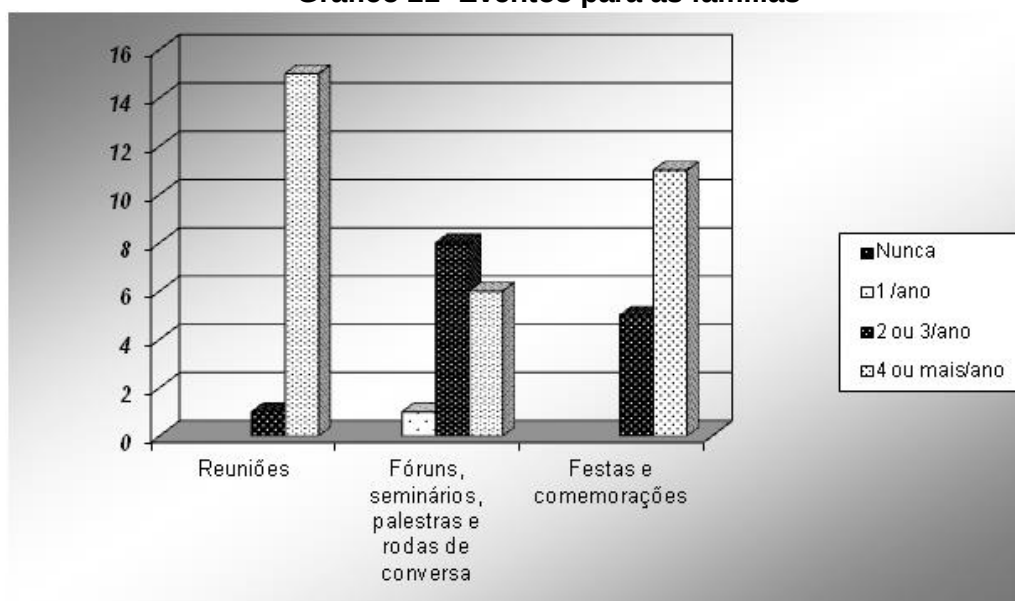


Fonte : Questionário para diretores da RMEBH- Regional Norte

Quanto ao número de vezes que já ocupou este cargo, sete (44%) dos respondentes disseram estar em sua segunda experiência, enquanto quatro (25%) vivenciam essa experiência pela primeira vez, três diretores (19%) estão na terceira experiência e outros dois (12%) já estiveram neste cargo quatro ou mais vezes. Os dados, não representados em gráficos, mostram ainda que 14 dos respondentes (87,5%) foram eleitos pela comunidade e dois (12,5%) foram indicados pela SMED. Essas indicações revelam que duas escolas (10%) da Regional Norte estão sob intervenção da SMED. Ainda em relação à atual gestão, seis diretores (37,5%) estão em seu primeiro mandato e 10 (62,5%) foram reeleitos.

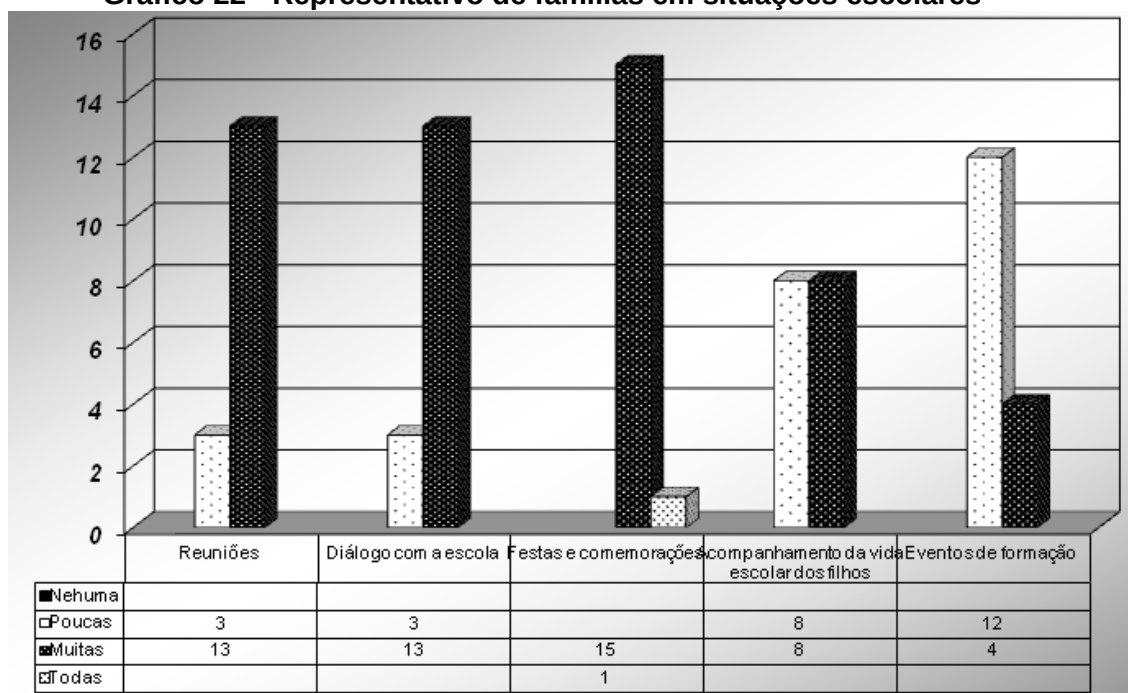
Bloco 2 - Relacionamento da escola com as famílias

Este bloco constou de dois quadros, em forma de tabela, o primeiro questionou a frequência com que a escola realiza eventos que requerem a participação das famílias. O segundo buscou avaliar o quantitativo de famílias que participam destas atividades e que acompanham a vida escolar dos seus filhos. No primeiro quadro foram apresentadas quatro opções de respostas para o número de reuniões; fóruns, seminários, palestras e roda de conversas; festas e comemorações realizados pela escola durante o ano. (gráfico 21). O segundo quadro também apresentou quatro alternativas de respostas sobre o representativo de famílias em reuniões; diálogo com a escola, acompanhamento escolar dos filhos; eventos de formação, festas e comemorações (gráfico 22). Nos gráficos, a linha vertical numerada representa o número de escolas.

Gráfico 21- Eventos para as famílias

Fonte : Questionário para diretores da RMEBH- Regional Norte

Com base nas respostas apresentadas pelos diretores foi possível observar que as escolas, de maneira geral, realizam com frequência eventos que requerem a participação de famílias. As reuniões, festas e comemorações são as situações que as escolas promovem mais vezes durante o ano. Mas todas as atividades mencionadas são realizadas, com mais ou menos frequência, por todas as escolas. As respostas indicam que as reuniões com pais são realizadas quatro ou mais vezes ao ano em 15 escolas (94%), as festas e comemorações acontecem nesta mesma proporção em 11 escolas(69%) e entre duas e três vezes ao ano nas outras cinco escolas(31%). Os eventos voltados para formação de pais, como fóruns, seminários, palestras e rodas de conversas são realizados em torno de duas a três vezes ao ano em oito escolas (50%), seis escolas (37,5%) realizam essas atividades quatro ou mais vezes ao ano e duas escolas (12,5%) apenas uma vez ao ano.

Gráfico 22- Representativo de famílias em situações escolares

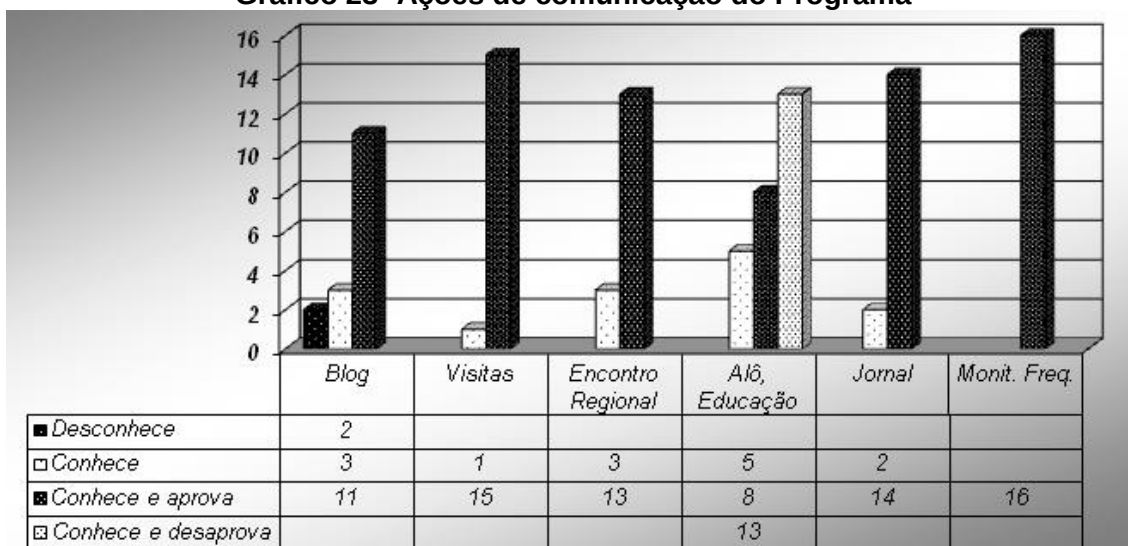
Fonte : Questionário para diretores da RMEBH- Regional Norte

Nos itens que avaliaram a representatividade das famílias nas atividades escolares foram apresentadas quatro opções de resposta: nenhuma, poucas (menos de 50%), muitas (mais de 50%) e todas (100%). Observou-se que as famílias são, de modo geral, participativas. Essa constatação se pautou na informação dos diretores que responderam que muitas famílias se manifestam nas situações apresentadas. Em reuniões e diálogos com a escola a alternativa "muitas" foi marcada por 13 diretores (81%) e três diretores (19%) responderam que poucas famílias participam. As festas e comemorações são os eventos que mais atraem a participação das famílias, sendo que 15 escolas (94%) conseguem a presença de muitas famílias e uma escola (6%) atrai todas as famílias. Já em relação ao acompanhamento da vida escolar do estudante, oito escolas (50%) apontam que este é feito por muitas famílias, enquanto as outras oito escolas (50%) registram que poucas famílias fazem este acompanhamento. Os eventos de formação não são os mais atrativos para as famílias, considerando que 12 escolas (75%) conseguem pouca participação em eventos desta natureza e somente quatro escolas (25%) conseguem a participação de muitas famílias nestas atividades.

Bloco 3 - Interação com o Programa Família- Escola

Neste bloco foram apresentados três quadros, também em formato tabela, visando identificar qual o conhecimento e avaliação das escolas em relação as ações de comunicação do Programa Família-Escola, como as ações do Programa são percebidas pelas escolas e como é a interação e participação destas escolas no Programa Família-Escola. Os resultados são apresentados nos gráficos 23, 24 e 25. Nestes gráficos, a linha vertical numerada representa a quantidade de escolas.

Gráfico 23- Ações de comunicação do Programa



Fonte : Questionário para diretores da RMEBH- Regional Norte

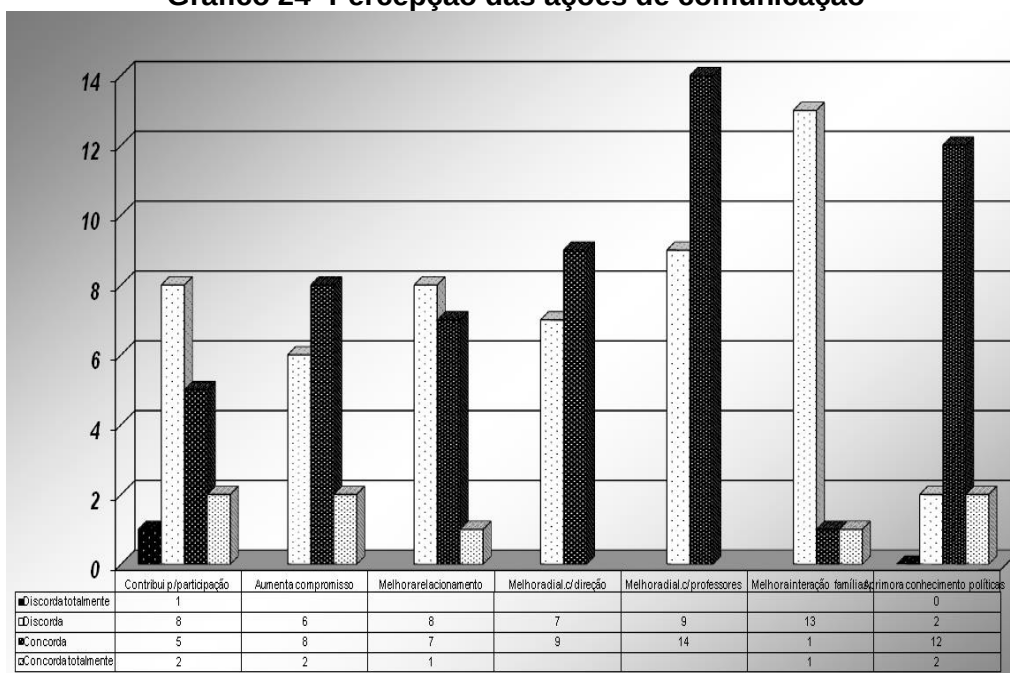
As respostas deste quadro apontam que as ações de comunicação do Programa Família- Escola são conhecidas pelas escolas da Regional Norte e aprovadas em sua maioria. As ações apresentadas aos diretores inclui o *blog* regional do Programa, por ser este, segundo a gerência do Família-Escola Norte, construído a pedido das escolas e voltado para este segmento. Esta ação é conhecida por 14 diretores (87%), dos quais 11(69%) só conhecem e três (19%) conhecem e aprovam.

Também foi incluído o Monitoramento da Frequência, que mesmo não sendo propriamente uma ação de comunicação e sim um eixo de trabalho, configura-se como o principal objetivo do Programa. Constatou-se que esta ação é mesmo a mais importante na opinião dos diretores, visto que é

conhecida e aprovada pelos 16 respondentes (100%). Como representado no gráfico 23, as questões deste quadro ofereceram quatro opções de respostas.

As visitas domiciliares assumem o segundo lugar na opinião dos diretores, elas são aprovadas por 15 deles (94%) e somente um diretor (6%) escolheu a opção "conhece". Em seguida estão o Jornal Família-Escola e o Fórum Família-Escola, aprovados por 14 diretores (87.5%) e conhecidos por outros dois diretores (12,5%). Os encontros regionalizados tem a aprovação de 13 diretores (81%) e são do conhecimento dos outros três diretores (9%). O serviço Alô, Educação! é aprovado por oito diretores (50%) e desaprovado por três diretores (19%). A opção "conhece", que significa que sabe da ação mas não aprova e nem desaprova, foi assinalada por cinco respondentes (31%).

Gráfico 24- Percepção das ações de comunicação



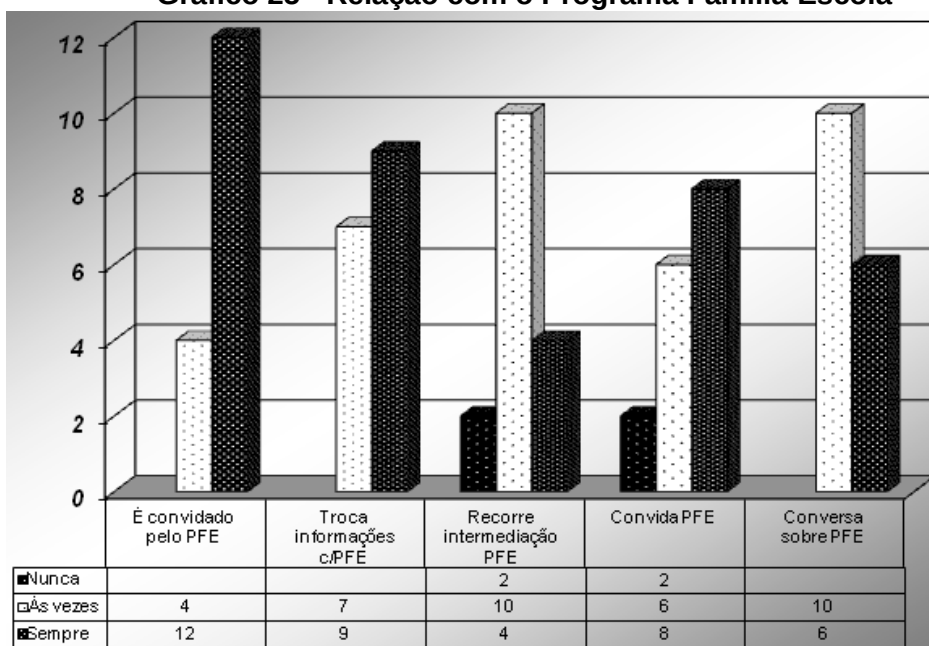
Fonte : Questionário para diretores da RMEBH- Regional Norte

Nos itens, que avaliaram a percepção dos diretores em relação a influência do PFE no comportamento das famílias em relação às atividades escolares, foram apresentadas quatro opções de respostas em escalas de concordância de -1 a 3, onde discordo totalmente equivale a -1, discordo equivale a 1, concordo equivale a 2 e concordo totalmente equivale a 3.

Conforme registra o gráfico 24, a influência das ações do Programa nas escolas divide opiniões. A maioria, nove dos diretores (56%), discorda da afirmativa de que o PFE contribui para a participação das famílias em reuniões e eventos da escola. Esta afirmativa obteve discordância total de um diretor(6%), a discordância de oito diretores(50%), a concordância de cinco diretores (31%) e a concordância total de dois diretores(12%).

No item "aumenta o compromisso e o acompanhamento das famílias na rotina escolar do estudante", as opiniões oscilam entre os que concordam ou não com a afirmativa. Seis diretores(38%) assinalaram a opção discordo, oito diretores (50%) marcaram a opção concordo e dois diretores(12%) concordam totalmente.

Na alternativa "melhora relacionamento da família com escola", oito diretores (50%) discordam, sete (44%) concordam e um (6%) concorda totalmente. Em relação a melhoria do diálogo das famílias com a direção, sete diretores (44%) discordam e nove (56%) concordam. Quando se trata da melhoria do diálogo das famílias com os professores, a situação se inverte, com nove diretores(56%) discordando e sete(44%) concordando com a afirmativa. O item "melhora a interação entre as famílias",13 diretores discordam (82%), um diretor (6%) concorda, um (6%) concorda totalmente e um diretor (6%) não opinou. Com a afirmativa "aprimora o conhecimento das famílias em relação às políticas educacionais" dois diretores (12,5%) discordaram, 14 diretores (87%) concordaram e dois diretores (12,5%) concordaram totalmente.

Gráfico 25 - Relação com o Programa Família-Escola

Fonte : Questionário para diretores da RMEBH- Regional Norte

Na investigação sobre a relação entre diretores e Programa Família-Escola, foram apresentadas três alternativas(nunca, às vezes e sempre). A intenção foi verificar a frequência e situações em que escola e PFE interagem e a intensidade dessa relação. A análise dos resultados sinaliza que há interação entre todas as escolas da Regional Norte e o PFE, com intensidade variada. No item sobre ser convidado para participar das ações do Programa, quatro diretores(25%) marcaram às vezes e 12(75%) marcaram sempre. Questionados se há troca de informações entre a escola e a equipe do PFE, sete (44%) disseram que às vezes e nove (56%) marcaram sempre. No item "recorre ao programa para intermediar o diálogo com famílias", dois diretores (12,5%) afirmaram que nunca, seis diretores (37,5%) informaram que às vezes e quatro diretores (25%) disseram que sempre. Quanto a convidar a equipe do PFE para eventos da escola, dois (12,5%) responderam que nunca, seis (37,5%) responderam às vezes e oito (50%) responderam que sempre. Sobre conversarem com as famílias sobre o PFE, dez diretores (62,5%) disseram que às vezes e seis (37,5%) disseram que sempre.

Concluída a apresentação da pesquisa com os diretores, o próximo tópico traz os resultados das entrevistas realizadas com os gestores e o técnico do Programa Família-Escola.

2.6.3. Pesquisa com gestores do Programa

A investigação junto aos gestores do Programa incluiu a gerente geral, a gerente regional e um técnico também da regional. Como são pessoas com as quais me relaciono no dia a dia do trabalho, o acesso a esses entrevistados foi muito tranquilo, com várias conversas informais sobre o Programa e minha pesquisa. Entretanto, marcar a entrevista com elas não foi tão fácil, devido a incompatibilidade de agendas, demandas imprevistas de trabalho tanto por parte desses gestores como também por consequência da função que ocupo como gerente de Imprensa, o que me exige estar disponível para acompanhar a Secretária de Educação sempre que solicitada, bem como todos os eventos e mediações de entrevistas de servidores da Rede Municipal de Educação. Outro fator que prejudicou foi a greve dos professores municipais, iniciada em 6 de maio e interrompida no dia 11 de junho, o que me exigiu dedicação quase que exclusiva para atendimento das demandas de imprensa e acompanhamento da greve. Apesar de todas as dificuldades, a entrevista semiestruturada ainda me pareceu o método mais viável para este público, no intuito de conseguir informações mais minuciosas sobre o Programa Família-Escola, o comprometimento desses gestores com o Programa, suas percepções e perspectivas.

Definida a técnica para este público, elaborei o roteiro para entrevista elencando temas que pudessem me ajudar a compreender melhor como são planejadas, realizadas e avaliadas as ações do Programa. A entrevista também focou no perfil dos gestores, formação acadêmica, tempo de atuação e de que forma se deu o acesso na educação municipal e no Programa. A caracterização das famílias atendidas e das escolas municipais; o relacionamento entre a equipe do Programa, o relacionamento com as escolas e com as famílias; as principais ações do Programa e quais se configuram como ações de comunicação foram algumas das questões apresentadas aos gestores. Como recurso, utilizei "meu diário de bordo/dissertação" para anotações e um gravador.

Na correria contra o tempo, tive de alterar a ordem das entrevistas, visto que a intenção primeira era entrevistar a gerente geral antes dos demais gestores. Mas, por incompatibilidade das agendas esta foi a última a ser entrevistada. Assim, a primeira conversa foi com a gerente regional no seu ambiente de trabalho, onde estive uma manhã inteira e pude acessar também outras informações e registros sobre as atividades do Programa na Regional. Nesse dia, tive acesso à lista das 200 famílias da qual selecionei as pessoas para a pesquisa com o segmento família.

A gerente regional atua no Programa Família-Escola há quatro anos e relata que pelo fato dele ter surgido a partir do Programa Bolsa Escola o foco continuou a ser as famílias beneficiadas pelos programas de transferência de renda.

As outras famílias não fazem parte do nosso público alvo. Para as famílias tem outras ações de outros programas que atuam mais diretamente com as famílias. O CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) atua com as famílias de um modo geral. Nós atuamos com as famílias a partir desse recorte, famílias com estudantes com baixa frequência, acima de 20% de infrequência já exige uma ação do programa"(Gerente do Programa Família-Escola Regional Norte)

Na opinião da gerente regional, o Família-Escola somente em 2010 se consolidou como uma ação mais efetiva nas regionais com diretrizes da gestão central do Programa. Segundo a gerente regional "há outros eixos de atuação mas, sem dúvida, o monitoramento da frequência é o carro chefe", por isso as ações de comunicação se focam também nesse monitoramento. O levantamento dos motivos que resultam na baixa frequência dos estudantes é feito por meio de entrevista com as famílias, com questões pré-estabelecidas, as respostas são transcritas e anotadas em formulário padrão e analisadas para possíveis intervenções.

A partir desses registros são pautadas as ações do Família-Escola; quais os serviços que precisam ser acessados para ajudar essa família a tirar o estudante da situação de baixa frequência. Então tem os registros, às vezes vem o Conselho

Tutelar, o Centro de Saúde, o Assistente Social, O CRAS para estudar o território daquela escola, verificar se aquela família já foi cadastrada em um desses setores para que possamos fazer um trabalho conjunto. São informações que trocamos com esses órgãos e que geram todos os desdobramentos de ações. (Gerente do Programa Família-Escola Regional Norte)

A gerente regional afirma que a Norte é uma regional em mudanças e de grande extensão territorial, repleta de complexidades que dificultam traçar o perfil das famílias e, muitas vezes, também o acesso às famílias e a frequência das visitas domiciliares.

A Norte é uma regional muito específica. A regional é extensa e dividida pela avenida Cristiano Machado. São dois extremos em uma mesma regional que requer mapeamento e planejamento. Começamos em 2010 a viver a mudança do território físico com muita desapropriação, muita mudança de endereços, muitas famílias vindo pra Norte. Há uma pesquisa de 2013 que aponta que a única regional que cresceu em Belo Horizonte foi a Norte. Isso devido a abertura da Linha Verde³. A paisagem da regional Norte mudou, valorizou muito, a especulação imobiliária hoje é imensa, a quantidade de prédios que surgiram aqui é enorme. A construção da cidade administrativa provocou um *boom* com uma explosão de demandas e só inauguramos uma escola em abril do ano passado, a única que foi construída depois dessa explosão toda. Há outras áreas da regional onde há muitas invasões e pessoas morando debaixo de lona. A realidade das famílias é muito diferente, dependendo da região. Há comunidades mais constituídas e outras não. Eu percebo que as famílias da Norte ainda não possuem uma identidade, ainda estamos construindo essa identidade. (Gerente do Programa Família-Escola Regional Norte)

A gerente destaca que, na regional, as ações de comunicação utilizadas pelo Programa são múltiplas, incluindo meios virtuais.

Nossas ações de comunicação são diversas. Temos as visitas domiciliares; os encontros; um blog mais voltado para as escolas; muitas conversas por telefone que é um meio de comunicação bastante eficiente; reuniões e encontros nas

³ Via de trânsito rápido, com 35,4 km de extensão, que liga o centro de BH ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves, no município de.

escolas; atendimentos presenciais na regional. A política da Prefeitura é voltada para a atenção à família, então estamos no caminho que acredito ser o certo, com essa junção, esse canal da tecnologia com as famílias. A Norte criou ainda outro instrumento de comunicação que estamos testando que é o e-mail. A Norte quer dialogar com as famílias também por correio eletrônico, uma diferencial em nosso regional é o acesso às famílias pelo celular, o que não acontece em todas as regionais. Isso ajuda bastante porque as famílias não tem telefone fixo, e isso, inclusive com as famílias que estão em acompanhamento. Temos situação muito diversa na regional dependendo da localização das escolas, principalmente no que se refere a frequência escolar. (Gerente do Programa Família-Escola Regional Norte)

Sobre o relacionamento com as escolas, a gerente afirma que este ainda é um processo em construção mas que já evoluiu bastante. E esclarece que não integra os objetivos do PFE.

Eu acho que o Programa vem para contribuir com a escola. Mas muitos o desconhecem, eu mesma acreditava que ele era do Social e não da Educação, só quando vim para esta gerência passei a entender o Programa. Em 2010, fomos a uma escola que falou que nosso trabalho era um lixo. Mas, depois que conhecem e vêem que nossa ação é complementar ao trabalho da escola, que não é para intervir e sim para fortalecer, essa percepção muda. Hoje estamos com menos dificuldade de entrada nas escolas e mais credibilidade. O Família-Escola hoje é reconhecido, estamos presentes em todas as reuniões e fóruns de diretores aqui na Norte. Avançamos muito, as pessoas que estão nas escolas não estão todas informadas. Hoje temos uma relação muito tranquila, mas ainda em construção. Em relação a mudança na relação da família e escola somos cuidadosos mas não fazemos o trabalho de conscientizar os dois segmentos, eles precisam resolver suas questões a função do família escola é mediar essas duas instituições. (Gerente do Programa Família-Escola Regional Norte)

Transcritas as principais observações da gerente regional, passo agora a entrevista realizada com o técnico regional do Programa. Esta entrevista foi realizada na SMED, uma semana após a entrevista com a gerente regional, aproveitando a presença do técnico em uma reunião da equipe do Programa. A duração desta conversa foi de 40 minutos.

O técnico entrevistado é formado em História, com pós graduação em História Moderna e Contemporânea e também em Gestão de Projetos Educacionais. Trabalha na Prefeitura há 22 anos e iniciou sua atuação no Programa Família-Escola em março de 2014 (3 meses). Ele acompanha o Monitoramento da Frequência em 10 das 20 escolas da Regional, orienta os estagiários nas suas ações de monitoramento da frequência (contato telefônico, cartas e visitas domiciliares); discussão, intervenção e encaminhamento dos casos; participa de formações em serviço (SMED e Regional) e do NIR Técnico (Núcleo Intersectorial Regional), que discute casos onde é acionada a rede de proteção para as famílias vulneráveis da Regional. O técnico ainda monitora a frequência junto com as coordenações de escolas; participa de colegiado de diretores; de todas ações e eventos do Programa e das atividades intersectorias.

O técnico aponta também aponta o Monitoramento da Frequência como o principal eixo do programa e que exige ações constantes de comunicação "uma vez que o diálogo e a construção coletiva são o norte do nosso trabalho". Segundo este técnico, as famílias da Norte, na maioria das vezes, se mostram passivas e pouco atuantes na vida escolar dos filhos, não se interessam muito pelo processo educativo. Nas palavras do técnico, " as famílias são receptivas, mas muitas não "dão conta" de estabelecer sua autoridade sobre os filhos. A maioria conhece o Programa, mas tem algumas com pouca ou nenhuma informação, por não terem filhos infrequentes na escola". Perguntado sobre o relacionamento com as escolas, ele respondeu.

As escolas são receptivas ao nosso trabalho e a maioria é parceira. Temos uma relação boa, de respeito, mas a entrada ainda é tímida, pois é um processo de construção permanente. Como as escolas têm muitas demandas e desafios, nosso tempo com elas para tratar especificamente dos alunos infrequentes fica reduzido.(Técnico Regional do Programa)

Sobre a atuação do Programa na relação entre as famílias e as suas respectivas escolas, o técnico acredita que a interferência é pequena, mas positiva.

Tentamos promover o diálogo, sem juízo de valores. Nosso papel é intermediar as relações focando na permanência do aluno na escola e na interação e parceria da família com a escola. Como estamos de fora, às vezes, conseguimos pontuar coisas que servem para mediar o diálogo entre a família e a escola. (Técnico Regional do PFE)

Ao contrário da gerente regional, o técnico já conhecia o Programa antes de seu ingresso nele, mas sem muitas informações a respeito. Assim, alega não ter construído ainda uma avaliação sobre o PFE.

Ainda estou começando e não tenho todos os subsídios para uma avaliação consistente, mas o compromisso, a seriedade e a competência da equipe fazem do Programa, um espaço de constante diálogo e crescimento não só em relação às famílias e escolas, mas na relação com os estagiários, trabalhadores e na intersetorialidade. (Técnico Regional do PFE)

A última entrevista foi a realizada com a gerente geral do Programa Família-Escola, que atua pela Secretaria Municipal de Educação e é responsável pelo Programa no âmbito da cidade de Belo Horizonte. Por estarmos no mesmo endereço de trabalho e por eu estar diretamente ligada às ações de comunicação do Programa, realizadas pela SMED, como a produção do Jornal Família-Escola, os fóruns Família-Escola e o serviço Alô, Educação!, nosso contato é quase que diário. Por isso, antes da entrevista, tivemos a oportunidade de várias conversas e encontros que me possibilitaram obter informações e acompanhar mais de perto as ações e o setor no âmbito da SMED. Esse contato me ajudou a elaborar o roteiro de entrevistas com os gestores. A entrevista formalizada com a gerente geral durou 1 hora e 22 minutos e trechos dela estão transcritos a seguir.

A atual Gerente do Família-Escola é formada em Direito, pós graduada em Direito Público e mestre em Administração. Além de gerenciar o Programa Família-Escola, exerce as funções de advogada e de professora universitária na rede privada de ensino. Está na Prefeitura de Belo Horizonte há um ano e dois meses no cargo de Gerente nível 1 do Programa Bolsa-Escola, a convite

da atual secretária da pasta, assumindo o cargo pelo recrutamento amplo⁴. Ao receber o convite, pesquisou sobre o Programa que até então desconhecia. Desde que assumiu o cargo de gestora do Programa, buscou entender suas propostas e eixos de atuação e promoveu mudanças.

Desde que cheguei, várias mudanças aconteceram, visando estimular o trabalho em equipe em uma linha diretriz sobre missão, visão, valores do Programa Família Escola para BH. Investimos em formações da equipe, reuniões com famílias e escolas, intensificamos ações como, por exemplo, a criação de um *kit* de formulários padronizado para aferirmos mais precisamente os dados das nove regionais e demos nova estrutura do Fórum Família-Escola. (Gerente do Programa Família-Escola)

De acordo com a gerente, as mudanças visaram à melhoria das ações desenvolvidas pelo Programa . Ela falou da abrangência dessas ações em relação às famílias.

Fizemos cerca de 14 mil visitas domiciliares no ano de 2013, com efetivação de 7000. Além disso, trabalhamos com atendimento nas regionais, tanto pessoalmente quanto por telefone e e-mails. Há uma gerência no programa que realiza o controle mensal da infrequência escolar e as ações são desenvolvidas para garantir o acesso, a permanência e o retorno do estudante à escola." (Gerente do Programa Família-Escola)

A gerente define as famílias da Rede Municipal de Educação como "altamente participativas" e considera que as escolas municipais e Umeis "são referência para o Brasil".

As famílias participam de reuniões periódicas, como por exemplo a entrega de boletins e palestras temáticas de variados temas como *bullying*, violência, drogas, campanha de trânsito, saúde, desenvolvimento escolar dos estudantes. Possuem também participação nos Colegiados Escolares, sendo BH a capital referência neste quesito há mais de 30

⁴ Forma de escolha governamental para ocupar cargo de provimento em comissão, entre qualquer pessoa que preencha as condições de investidura em cargo público.

anos. O PFE atua juntamente com a escola. (Gerente do Programa Família-Escola)

Questionada sobre o nível de conhecimento e esclarecimento das famílias e das escolas em relação ao Programa Família-Escola, ela respondeu:

Todas as nossas ações são de comunicação e também visam informar. A Secretaria Municipal de Educação envia a cada trimestre o Jornal Família-Escola para cerca de 128 mil famílias dos estudantes da rede. Informações importantes, como cadastramento e matrícula escolar, educação infantil, questões étnico-raciais, inclusão, frequência e aprendizagem são assuntos sempre tratados. Além do Jornal, o PFE realiza visitas domiciliares nas residências das crianças e/ou adolescentes infrequentes para verificar as razões pelas quais os estudantes não estão indo à aula. Tenta-se nesse sentido uma sensibilização junto à família para que o Direito à educação seja assegurado e a criança e/ou adolescente volte para escola. Em casos mais sérios a família pode ser notificada e acionada pelo Conselho Tutelar e Ministério Público. Há também a realização de dois Fóruns Central por ano, nos quais as famílias são convidadas a conversar diretamente com a Secretária de Educação e são prestados vários informes, esclarecimentos acerca da educação de BH. E os Fóruns Regionais ocorrem em todas as nove regionais de BH, com temáticas específicas, como por exemplo: gestão democrática. (Gerente do Programa Família-Escola)

Em relação às reações que as famílias e as escolas têm apresentado frente ao trabalho desenvolvido pelo Programa Família-Escola, a resposta da gerente foi:

As famílias têm muito interesse em entender como podem ajudar no desenvolvimento escolar de seus filhos, sobrinhos, enteados, netos e procuram ajuda sempre que precisam resolver algum problema, bem como para participar de alguma mobilização social em prol da escola ou da comunidade. A escola tem o Programa Família-Escola como uma ferramenta de trabalho, pois por meio dos dados estatísticos da infrequência e atendimentos realizados consegue-se aumentar os índices do IDEB. Afinal de contas não há de se falar em aprendizagem de qualidade se o estudante não vai à aula. (Gerente do Programa Família-Escola)

A gerente ainda definiu a relação do Programa com as famílias com as escolas:

O PFE monitora a frequência de todos os estudantes como já foi dito acima, portanto para àqueles casos onde a infrequência ultrapassa 20% das faltas, várias ações começam a ser realizadas como por exemplo: telefonema, envio de cartas e avisos, visitas domiciliares, reuniões individuais com o estudante e a família, formações e reuniões específicas nas regionais e escolas. Quanto à relação com a escola, este tem sido uma das principais frentes de intensificação do trabalho, pois os Programas devem fazer sentido e ajudar a resolver ou minimizar os problemas enfrentados diariamente pelas direções, como por exemplo a questão da violência. Nesse sentido acreditamos no diálogo estreito e definição de estratégias para termos de fato uma educação de qualidade. (Gerente do Programa Família-Escola)

De acordo com a gerente, as ações do Programa provocam mudanças positivas na relação entre escola e famílias.

Percebo mudanças em várias frentes de trabalho. A escola está entendendo mais a atuação do programa no sentido de ir ao encontro de suas necessidades, de estarmos juntos na garantia do direito do estudante à educação, da definição de fluxos mais eficazes. Em relação às famílias Isso é gratificante pois recebemos um *feedback* espontâneo, voluntário. (Gerente do Programa Família-Escola)

Esta entrevista finalizou com a avaliação da gerente sobre os resultados, necessidades e perspectivas do Programa.

O Programa Família Escola é pioneiro no Brasil. Não há nada parecido em termos de políticas públicas instituído em outros municípios e estados. Os resultados tem demonstrado como é importante a sensibilização de que a educação não é apenas dever/responsabilidade do Estado (escola), mas também da família e da sociedade civil. O IBOPE aponta que apenas 7% das famílias do Brasil percebe seu papel na formação escolar de seus filhos. Isso faz com que repensemos nossas práticas continuamente, uma vez que a aprendizagem também deve acontecer na escola, em espaços culturais, de lazer, dentre outros. As necessidades são muitas, desde capital humano - profissionais que façam a leitura da educação na contemporaneidade e saibam pulverizá-la na rede, junto aos professores e famílias, até mesmo recursos materiais para que possamos atingir o universo de estudantes que possuímos. As

perspectivas são positivas pois há uma avaliação constante dos resultados e o que está previsto no plano de governo está sendo executado. Os índices de crescimento na qualidade da educação vem melhorando nos últimos anos, embora ainda seja necessário intensificar ações e investir em projetos sobre o clima escolar e a cultura de paz nas escolas.(Gerente do Programa Família-Escola)

Após apresentar os dados obtidos nas pesquisas junto às famílias, diretores de escolas e gestores do Programa Família-Escola, passo agora ao próximo tópico deste capítulo, onde apresento minhas reflexões a partir dos dados coletados.

Reflexões a partir da análise de dados

Após investigar os segmentos propostos nessa dissertação (família, escola e gestores), percebi que as concepções que motivaram a criação do Programa não foram absorvidas pelos atuais gestores do PFE, o que implica em divulgação pouco clara das ações do Programa e difusão dessas ações entre os segmentos família e escola. Por ter sido absorvido pela Gerência do Programa Bolsa Escola, o foco do Família-Escola continuou nas mesmas diretrizes. Os próprios gestores e componentes da equipe do PFE não absorveram a proposta inicial do programa no contexto geral de relacionamento com as famílias, limitando seu público alvo às famílias assistidas nos programas sociais.

A postura dos gestores, embora bem intencionados e bastante comprometidos com as propostas, ações e resultados do PFE, mostra um certo desconhecimento dos preceitos que originaram o Programa, aliando-o a uma ampliação de ações do Bolsa Escola. A sensação é de que faltou entendimento do PFE como uma nova proposta, que trazia como meta a abrangência de todas as famílias da Rede Municipal de Educação, com a perspectiva de estreitar laços de relacionamento e construir uma educação municipal pautada na contribuição das famílias. Assim, apesar de ampliar as ações junto às famílias em vários eixos de atuação, a Gerência do Programa Família-Escola continuou com as mesmas concepções da Gerência do Programa Bolsa

Escola, configurando apenas uma mudança de nome e não exatamente uma nova proposta que deveria incluir as ações do Bolsa Escola e não ser o Bolsa Escola. Penso, pelas observações que fiz no ambiente de gestão do Programa e também pautada na minha trajetória na SMED e no acompanhamento da implantação do PFE, que esse percurso dado ao Programa pode ser reflexo da permanência de muitos dos antigos integrantes da Gerência do Programa Bolsa Escola, aliado à mudança de gestores, sem o devido repasse dos trabalhos e informações aos seus sucessores. Desde que foi criado o Programa Família-Escola, o cargo de Secretário Municipal de Educação foi assumido por cinco pessoas diferentes e a gerência do PFE passou por quatro.

Acredito que essa falta de compreensão dos próprios gestores e equipe do Programa sobre a motivação política que originou o PFE reflete também na falta de conhecimento e entendimento das ações do Programa por parte das famílias e escolas, conforme verificado nas repostas dadas por estes dois segmentos à esta pesquisa.

Percebi que essa situação é muito presente na Regional Norte, onde a atuação do Programa se constrói a partir do Monitoramento da Frequência de estudantes com baixa frequência, geralmente, os assistidos pelos programas de transferência de renda. A pesquisa apontou que embora o Programa seja de conhecimento das escolas, estas desconhecem suas nuances e também o enxergam no sentido de contribuir para a presença dos alunos nas escolas e não exatamente como um suporte das ações de relacionamento com as famílias.

Em relação aos apontamentos das famílias participantes desta pesquisa, verificou-se pouco conhecimento sobre o PFE e suas ações, tanto pelas famílias que são atendidas pelo Programa, mas principalmente por aquelas que não fazem parte do público alvo.

Assim, cheguei a conclusão que o PFE, da maneira como está sendo conduzido, pouco contribui para a aproximação efetiva entre escola e família. Mas, ainda assim, ajuda na melhoria da participação das famílias no cotidiano escolar e no entendimento dessas em relação às políticas educacionais.

Considerando o foco central de investigação desta pesquisa, que são as

ações de comunicação do PFE, concluo que essas ações são ineficientes e pouco interferem no relacionamento entre escola e famílias. É perceptível que a aproximação acontece muito mais pelo perfil das famílias e ações das escolas do que propriamente pelas ações de comunicação do PFE.

Assim, no capítulo a seguir, apresento como proposta um Plano de Ação Educacional (PAE), com objetivo de contribuir para a melhoria das ações de comunicação do Programa Família-Escola, visando o conhecimento do PFE por parte de toda a comunidade escolar e a consolidação do Programa como uma política educacional em consonância com o nome recebido.

3. COMUNICAÇÃO: UMA PROPOSTA NA PERSPECTIVA DE MELHORIA

Conforme apontado no capítulo anterior, esta pesquisa diagnosticou que as ações de comunicação do Programa Família-Escola não se apresentam eficientes o bastante para intervir positivamente na relação das famílias com as escolas. Ainda que conhecido pelos dois segmentos, o Programa apresenta fragilidades que comprometem seu objetivo de promover a interação entre eles por meio da "colaboração, diálogo e parceria entre famílias, escola, comunidades e serviços públicos", conforme as diretrizes que criaram o PFE. Este capítulo apresenta o plano de ação com proposições que objetivam resignificar e fortalecer as ações de comunicação no intuito de atingir a melhoria na relação SMED-família-escola.

O objetivo geral deste PAE é, então, contribuir com a melhoria das ações de comunicação do Programa Família-Escola de forma a ampliar o diálogo entre SMED, famílias e escolas, visando contribuir para a melhoria das relações dessas três instâncias e das ações do Programa.

Assim, são apresentadas quatro ações que traduzem os objetivos específicos deste PAE. Todas as ações foram pensadas no sentido de utilizar os recursos já disponíveis para o desenvolvimento das ações dos programas, projetos e setores da Secretária Municipal de Educação, como materialidade, infraestrutura, pessoal, de forma a apresentar propostas com menor impacto financeiro. Os custos estimados foram embasados nos atuais gastos das gerências da SMED na realização de ações similares às propostas neste PAE. Como se trata de proposições, no caso de serem aceitas, os custos deverão compor a Lei Orçamentária da Educação a ser aprovada pelo Legislativo. Estas ações são apresentadas a seguir, primeiro de forma sucinta no quadro resumo e explicitadas mais detalhadamente na descrição de cada uma delas.

O que	Quem faz	Para que	Quando	Como	Onde	Quanto (R\$)
Avaliação	PFE	Avaliar o trabalho realizado e construir estratégias para maior efetividade das ações	semestral	Apuração Visitas Análise dos Dados Reuniões Discussão Reorganização do trabalho Propostas Implementação	SMED Regionais Escolas	R\$20.000,00
Formação	PFE	Apresentar PFE e capacitar Gestores Equipes Diretores	bimensal	Reuniões Encontros Seminários, Rodas de conversa	SMED Regionais	R\$ 150.000,00
Divulgação	PFE GCOS	Tornar o PFE conhecido	Durante o ano	Material gráfico Mídias em geral Jornal Família-Escola Seminário	SMED Regionais Escolas Espaços públicos	R\$ 700.000,00
Interação	PFE	construir ações de interação e colaboratividade entre todos os atores do PFE	Semestral	Reuniões, Encontros Visitas	SMED Regionais Escolas	R\$20.000,00

Ação 1- Avaliação

Esta ação propõe a reorganização do trabalho do PFE e a instituição de um grupo de trabalho (GT) com a participação de representantes da Secretaria Municipal de Educação e das Regionais para avaliar, pensar, planejar e propor ações interventivas com vistas à potencialização da comunicação e a

articulação entre os segmentos que compõem a tríade de relacionamento que possibilitaria mais eficácia nas ações do PFE, ou seja, SMED, escolas e famílias.

Objetivos específicos da ação

1. Avaliar, por meio de pesquisas junto à comunidade escolar, as ações de comunicação do Programa.
2. Propor estratégias para melhor eficácia das ações de comunicação.
3. Promover encontros entre equipes do PFE com os vários atores educacionais, utilizando espaços escolares, para informar, ouvir, debater e trocar experiências, na perspectiva de ampliar o conhecimento sobre os objetivos, propostas e ações do Programa e articular o conhecimento escolar às atividades do PFE.
4. Fomentar a formação em serviço dos profissionais da educação, com vistas ao conhecimento do Programa, bem como de seus pressupostos teóricos. A formação deverá ser coordenada e ministrada, conjuntamente, por integrantes da Gerência de Coordenação da Política Pedagógica e de Formação (GCPF) e do PFE.
5. Trabalhar e colaborar para a realização das demais ações propostas neste PAE.

Metodologia

A reorganização do trabalho do PFE se alia à criação, pela SMED, por meio de portaria a ser publicada no Diário Oficial do Município (DOM), de um grupo de trabalho, composto por oito pessoas, sendo três integrantes do PFE e outros cinco das gerências de Comunicação, de Formação, de Planejamento e Informação da SMED, para discutir, acompanhar e avaliar permanentemente as ações de comunicação do PFE. As ações deste GT devem ser realizadas a partir da análise de um diagnóstico trimestral elaborado pela equipe do

Programa Família-Escola, sobre as ações realizadas e os resultados alcançados, com foco na aproximação efetiva dos segmentos SMED-escolas-famílias. Essas ações devem contemplar, além do monitoramento e acompanhamento do Programa, a proposição e criação de um conselho editorial, com sugestões de nomes de pessoas ligadas à área de comunicação e acadêmica, para propor e avaliar materiais informativos. Deve buscar ainda promover maior articulação entre o Programa Família-Escola e os diversos setores SMED, de forma a construir mais possibilidades de participação e atendimento das necessidades específicas. Nesse sentido, a partir das necessidades observadas, o GT deve propor ações de formação, informação e, se necessário, de mudanças na estrutura vigente a fim de tornar mais eficientes as ações desenvolvidas pelo Programa. Deve se reunir mensalmente para estabelecer metas e avaliar ações.

Impacto Financeiro da Ação

Esta ação prevê uma reserva de R\$20.000,00 da verba anual para a Educação, para custeio de despesas para a realização dos encontros e reuniões propostas por esse GT, e outras despesas eventuais, como postagem de correspondência, confecção de material gráfico, materialidade, produção gráfica e alimentação. A estimativa deste custo se baseia nos contratos em vigência para a locação de materialidade e fornecimento de alimentação para realização de eventos e de produção de material gráfico para a SMED.

Ação 2 - Formação

A formação é uma das condições efetivas para a evolução da qualidade no campo do trabalho. O mundo, as relações e as identidades, estão em constantes transformações, sejam elas ético-políticas, culturais, educacionais, econômicas e sociais, que apresentam desafios e buscam respostas para problemas vivenciados no cotidiano. É um processo dinâmico de interações e experiências, com reflexão continua dos saberes e suas múltiplas

determinações, na qual a ação-prática-reflexiva envolve os aspectos político emancipatório e crítico. Visa dialogar, informar, construir novos conhecimentos e conceitos com os atores participantes da comunidade educacional. Esta ação propõe formação continuada, pensada e coordenada conjuntamente pelo PFE (o que inclui o GT), e a GCPF para as equipes envolvidas nas ações do Programa bem como formações pontuais para os demais profissionais da Educação que atuam nos segmentos ligados às ações do Programa, como gestores da SMED, servidores das Regionais de Educação e das escolas municipais. O principal objetivo é apresentar e esclarecer dúvidas de todos os segmentos e atores envolvidos para melhor entendimento e conhecimento dos objetivos, propostas e ações do Programa.

Objetivos específicos da ação

1. Reunir com os diversos segmentos foco desta ação, ou seja, gestores da SMED, servidores da Regionais e das escolas municipais
2. Planejar ações de formação específica para cada segmento.
3. Planejar e realizar um seminário dirigido a esses segmentos para apresentação do PFE e discussão das temáticas que perpassam suas ações com participação de autoridades e estudiosos dessas temáticas.
4. Promover formação continuada para as equipes envolvidas nas ações do programa.
5. Promover oficinas e encontros nas escolas municipais para difusão das ações do PFE.
6. Realizar formações regionalizadas para diretores, acompanhantes pedagógicos e equipe do Família-Escola.

Metodologia

A realização desta ação requer estudo e discussões constantes do GT do PFE proposto na primeira ação deste PAE, que deverá subsidiar os gestores do Programa para a proposição de ações de formações que supram

as deficiências de informação e entendimento sobre o programa. Caberá ao gestor justificar ao Gabinete da SMED a necessidade dessas formações, bem como reunir com sua equipe e demais gerências da SMED necessárias para o desdobramento dessas ações para pensar, planejar e executar todos os eventos de formação propostos ou que se façam necessários para ampliar o conhecimento do Programa no âmbito da Rede Municipal de Educação.

Para tanto, serão necessários o levantamento e a avaliação do entendimento do PFE pelos profissionais e setores da Educação, visitas às escolas e verificação *in loco* de como o PFE é visto pelos atores que atuam nas escolas, a fim de produzir dados que deverão ser descritos e interpretados pelo PFE para subsidiar as formações. Também deverão anteceder as formações, encontros regionais e centralizados com gestores do PFE e GT para planejamento das formações que deverão atender ao objetivo de produzir o conhecimento necessário sobre o Programa e suas ações, contribuindo para que o público das formações se tornem multiplicadores e contribuam para melhor desempenho das ações do Programa. As formações devem primeiramente ser direcionadas às equipes do programa, seguidas pelas formações para gestores e posteriormente para os profissionais das escolas, culminando em um seminário envolvendo todos esses atores.

Impacto financeiro da ação

Considerando todas as despesas com cursos, palestras, locação de espaços, infraestrutura e alimentação para realização de todas as reuniões, encontros, palestras e a realização de um seminário, estima-se investimento de R\$150.000,00 da verba anual da Educação. Esse custo é estimado com base nos valores de mercado praticados em Belo Horizonte e pautado nos contratos vigentes na SMED para a realização de eventos dessa natureza.

Ação 3 - Divulgação

Esta ação propõe Intensificar a divulgação sobre o Programa Família-Escola e suas ações para toda a cidade de Belo Horizonte e, principalmente, nos órgãos da Prefeitura, com mais ênfase nas gerências de educação, escolas municipais e famílias de estudantes da RME. Para efetivação desta ação é necessário envolver a Gerência de Comunicação da Secretaria Municipal de Educação e disponibilizar um profissional da área de comunicação em tempo integral para acompanhar especificamente a produção dos materiais informativos e de eventos do Programa Família-Escola.

Objetivos específicos da ação

1. Fazer o Programa Família-Escola conhecido na cidade.
2. Divulgar as ações e resultados do Programa.
3. Ampliar o entendimento do PFE nos setores da Prefeitura.
4. Fomentar a participação de famílias e profissionais da educação.
5. Ampliar a distribuição do Jornal Família-Escola com a distribuição do informativo em todas as unidades educacionais da cidade e nas nove regionais de Educação.
6. Produzir anualmente a Revista Família-Escola para distribuição ao público acadêmico, formador de opinião, político, gestores educacionais, terceiro setor, instituições parceiras da SMED e composição do *Kit* de material de divulgação da SMED
7. Conquistar espaços de mídias impressas e eletrônicas para divulgar o PFE.

Metodologia

Para efetivar essa ação, devem ser realizadas reuniões quinzenais entre as gerências de Comunicação e do Programa Família-Escola e o PFE, a fim de propor, discutir e avaliar ações de comunicação com o foco de difundir e tornar o Programa conhecido em todas as cidades, seja por meio de mídias

impressas e eletrônicas ou com a realização de eventos para este fim. Para tanto, deverão ser explorados todos os veículos de comunicação da Prefeitura de Belo Horizonte como o Diário Oficial do Município, o Jornal do Ônibus (afixado em todos os coletivos da cidade e com edição quinzenal), os relógios digitais da cidade, no espaço próprio para a divulgação destinada à PBH, e envio diário de matérias e releases para todos os jornais, rádios, TVs, revistas de educação e sites da capital mineira com o intuito de conquistar espaços nesses veículos como mídia espontânea. Fomentar a parceria com os demais programas da SMED para a divulgação do PFE. Planejar e realizar eventos abertos aos três segmentos (SMED-Família-Escolas) com vistas a apresentar e avaliar as ações do Programa e um encontro específico com a mídia local com a finalidade de apresentar o PFE e convencer os formadores de opinião a ajudarem a difundir o Programa na cidade. Aproveitar o espaço pago pela Prefeitura para campanhas em rádios e TVs uma vez por ano. Consolidar a produção anual da Revista Família-Escola com foco na divulgação para os diversos setores da sociedade civil e organizações públicas.

Impacto Financeiro da ação

Considerando os eventos propostos e a produção de materiais gráficos, bem como a contratação de um profissional de educação, a estimativa de custo para esta ação é de R\$ 700.000,00 anuais da verba específica da educação do município. Estes valores foram pautados nos custos já realizados com os fóruns Família-Escola e no custo por exemplar do jornal e de material informativo como folderes, cartazes e cartilhas (produtos que já constam dos contratos de produção gráfica licitados pela SMED) e produção da Revista Família-Escola.

Ação 4 - Interação

O conhecimento pressupõe informações e troca de experiências, e para isso o diálogo e interação entre os atores envolvidos no Programa Família-

Escola se torna essencial. Como apontou esta pesquisa, estabelecer esse diálogo entre os segmentos SMED-Família-Escola tem sido um desafio, principalmente pela ausência das escolas nos momentos de interação entre SMED e famílias. Ainda que, a princípio, a não participação das escolas na interlocução entre SMED e família tenha sido intencional, a participação deste segmento se mostra essencial para o alcance dos objetivos do PFE, bem como para auxiliar da difusão e divulgação das ações do Programa e potencializar os canais de comunicação. Assim esta ação se faz necessária para inserção das escolas nas ações do Programa, de forma a intensificar também a relação entre a família e a escola.

Metodologia

Para atingir o objetivo desta ação, deverá ser criada, pela gestão do PFE, uma equipe de acompanhamento para integrar a gerência regional . Esta equipe deverá ser composta de três profissionais em tempo integral para visitar as escolas com o objetivo de verificar, acompanhar e promover a interação entre a escola e as famílias, bem como interagir e trocar informações com os professores e demais profissionais da escola. Também será esta equipe responsável por subsidiar com informações o GT proposto na ação 1 deste PAE. Os profissionais que comporão essa equipe deverão ser selecionados entre os professores da Rede Municipal de Educação que não estão em sala de aula. Esses professores passarão por formação inicial e continuada promovida pela PFE/SMED. Eles realizarão visitas semanais às escolas com relatórios para o Programa Família-Escola sobre a interação entre esses dois segmentos em todas as instituições da Regional. As observações desta equipe serão levadas ao GT e aos gestores do Programa para subsidiar ações, principalmente as de comunicação, que visem auxiliar as escolas no relacionamento com as famílias. Para tanto, deverão ser promovidos encontros regionalizados e centralizados com os profissionais de forma a possibilitar a troca de saberes e experiências educativas, objetivando a integração dos saberes e a construção de projetos coletivos.

Objetivos Específicos desta Ação

1. Aproximar as escolas do Programa Família-Escola
2. Melhorar o relacionamento entre família e escola
3. Promover a interação entre SMED-Família-Escola

Impacto Financeiro da Ação

Esta ação não prevê gastos adicionais para a Secretaria Municipal de Educação, uma vez que a proposta envolverá profissionais da RME e, como integrantes da equipe regional, terão o transporte já disponibilizado para as ações da gerência. Entretanto, a título de cobrir possíveis despesas emergenciais para a realização desta ação, prevê uma reserva da verba anual no valor de R\$20.000,00 específicos para essa ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa mostrou que, ao ser criado, o Programa Família-Escola integrava uma série de ações de governo com a pretensão de reverter a imagem não muito favorável da educação municipal na cidade. Assim, ao fomentar uma política de aproximação com as famílias da Rede Municipal de Educação, a Prefeitura de Belo Horizonte pretendia, a partir da escuta e diálogo com as famílias construir ações e políticas públicas mais sintonizadas com as expectativas das famílias. Nesse sentido, as ações de comunicação apresentaram-se como essenciais para divulgar e difundir o PFE, bem como para fomentar a interação entre os diversos segmentos da comunidade escolar.

No contexto que originou o PFE, os gestores da educação municipal avaliaram que o diálogo estabelecido com as famílias deveria, no primeiro momento, ser realizado de forma direta entre SMED e as famílias dos estudantes, criando diversos canais de comunicação para possibilitar essa aproximação. A participação direta das escolas no PFE, a princípio, não estava incluída. A intenção era oportunizar às famílias uma relação mais direta com a equipe gestora da educação municipal, por meio dos canais de comunicação do PFE, sem interferência ou influência das escolas, de forma a permitir mais isenção nas colocações, observações, críticas e sugestões das famílias em relação às políticas educacionais e trabalho desenvolvidos nas escolas municipais de Belo Horizonte.

Entretanto, conforme traduz o próprio nome do Programa, a melhoria da relação entre as escolas e famílias integrava as finalidades das ações desenvolvidas pelo Programa. Essa observação se confirma no objetivo do Programa de criar uma rede de colaboração entre os diversos segmentos sociais e atores educacionais com vistas à melhoria da educação municipal.

O Programa Família-Escola, conforme apresentado no capítulo 1, embora consolidado como uma política educacional do município, ainda não está oficialmente instituído e é desenvolvido pela Gerência do Bolsa-Escola (GEBE). Antes da implantação do PFE, a GEBE era responsável pelo monitoramento e distribuição dos repasses provenientes dos programas de

transferência de renda destinados a educação municipal. Essa atividade primordial passou então a ser um eixo de atuação da gerência, que ainda oficialmente sob a nomenclatura anterior, passou a ser conhecida e difundida como Gerência do Programa Família-Escola ampliando seus eixos de atuação e ações junto às famílias da Rede Municipal de Educação. O eixo "comunicação" foi o foco desta pesquisa, que pretendeu investigar qual a influência das ações de comunicação no cotidiano escolar e na relação estabelecida entre as escolas e famílias.

Para entender as implicações para educação advindas da relação entre esses dois segmentos, o capítulo 2 trouxe argumentações de estudiosos e legislações que amparam essa relação entre as instituições escola e família e respaldam diretrizes de políticas públicas. Reforçando essa argumentação, apresento aqui observações do escritor português Pedro Silva (2010).

Famílias e escolas têm vindo, assim, a ser objecto de crescente atenção por parte das ciências sociais, dando, desde há cerca de um século, origem a ramos especializados (história e sociologia da família, história e sociologia da educação, por exemplo). A interface escola-família demorou mais algum tempo a tornar-se objecto de estudo, mas as últimas décadas têm trazido a lume excelentes contributos para a sua análise, sobretudo por parte das ciências da educação, em particular por mão da sociologia. (SILVA, 2010, p.448)

Argumentações como essa reforçam a intenção desta pesquisa de se focar nos resultados apresentados pelas ações de comunicação do PFE no ambiente escolar. Os resultados dessa pesquisa apontaram que embora o Programa Família-Escola seja do conhecimento e tenha aprovação tanto das escolas como das famílias, suas ações são pouco conhecidas e difundidas. A partir dos estudos, observações, análises de documentos, entrevistas e contatos com os atores investigados para a realização deste trabalho, é possível concluir que as ações de comunicação do PFE, da forma como estão sendo desenvolvidas, não têm sido suficientes para consolidar os objetivos do Programa e menos ainda para intervir significativamente na relação entre as famílias e escolas municipais de Belo Horizonte.

Dentre as conclusões que essa pesquisa permitiu, está a falta de conhecimento da origem, porque e para que da criação do PFE, inclusive por parte dos próprios gestores. A permanência sob a responsabilidade da GEBE, deixa transparecer uma predisposição a priorizar o eixo monitoramento da frequência e de acompanhamento das famílias beneficiárias de programas de transferência de renda, não considerando as demais famílias atendidas pela RME. O monitoramento e acompanhamento da frequência é visto como eixo fundamental do Programa Família-Escola e é em torno dele que giram todos os outros eixos.

Daí a necessidade de formação para todos que atuam no Programa e de se entender a premissa do objetivo de se criar uma rede de diálogo e parceria entre a família, escola e comunidade para assegurar a permanência e a aprendizagem dos estudantes. As ações devem se desdobrar no diálogo com as famílias na perspectiva de envolvê-las no acompanhamento da vida escolar de seus filhos, na reflexão com a escola sobre ações e objetivos do PFE, na articulação com as diversas instâncias e secretarias da PBH para construções de ações mais eficientes.

Considerando ainda, que o Programa Família-Escola se constitui na implementação e articulação de um conjunto de ações que possibilitam intervenção técnica e política para valorizar a importância da família no desenvolvimento escolar dos seus filhos e favorecer a participação da família e comunidade nos espaços e instâncias de gestão das escolas municipais, há que se pensar em uma gestão democrática do PFE, incluindo atores que não foram apresentados como na proposta inicial do Programa.

Assim, com foco nas ações de comunicação desenvolvidas pelo PFE, esta pesquisa apontou a necessidade de se repensar o papel e importância da participação das escolas nas ações do Programa para resultados mais consistentes e eficazes. Para subsidiar minhas considerações, recorro a uma fala de Paulo Freire (1992).

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é a favor do

que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. Assim é também a licenciosidade, de forma diferente, mas igualmente prejudicial (FREIRE, 1992, p. 118).

Com base nessa argumentação de Freire e no reconhecimento da família e da escola como instituições responsáveis pelo desenvolvimento das crianças e adolescentes, penso que não há como construir uma relação sem considerar a participação de todos os envolvidos.

Percebe-se em toda a pesquisa que, como coadjuvantes, as escolas pouco conhecem ou sofrem influência das ações de comunicação do Programa. Portanto, me parece incoerente um nome que remete a relação destes dois segmentos não considerar a instituição "escola", embora fique claro pela concepção do Programa o termo "escola" representa a educação e não necessariamente a instituição. Assim, penso que mais do que reforçar e investir nas ações de comunicação é viável inserir o segmento escola de forma mais efetiva nas propostas do PFE. Fica, então a sugestão de incluir as escolas como protagonistas participantes na construção das ações e nos diálogos com as famílias, inclusive por ser meio e canal para aprimorar e consolidar as ações de comunicação do Programa Família-Escola.

É preciso considerar que essa pesquisa apresenta um recorte que não pode traduzir a totalidade do Programa, seja pelo eixo escolhido, pela regional em estudo ou pela representatividade do público-alvo. No entanto, as análises obtidas nesse recorte e o Plano de Ação Educacional, apresentados neste trabalho, visam e podem contribuir para a melhoria das ações de comunicação e refletir nas demais ações do PFE, influenciando positivamente na consolidação de uma relação efetiva e proveitosa entre escola e família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHERING, E. SIRAJ-BLATCHFORD, I. **A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração**. Cadernos de Pesquisa, n.106, 1999

BORDENAVE, Juan Díaz. PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de Ensino Aprendizagem**. Editora Vozes. Petrópolis: 2002

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de julho de 1990.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº9394, de dezembro de 1996

BURGOS, Marcelo Baumann. **Escola Pública e Segmentos Populares em um Contexto de Construção Institucional da Democracia**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 55, no4, 2012, pp. 1015 a 1054. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v55n4/v55n4a06.pdf>>, acesso em 07/12/13

CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza. **Interação escola família . Subsídios para práticas escolares** – Brasília : UNESCO, MEC, 2009. 104 p

DALBEN, Ângela I.L. de Freitas (Org.). **Singular ou Plural? Eis a escola em questão**. Belo Horizonte. GAME/FaE/UFMG.2000.

FENAJ. **Manual de assessoria de imprensa**. 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/mobicom/manual_de_assessoria_de_imprensa.pdf>. Acesso em: 05 set. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir. **A Escola e o Professor: Paulo Freire e a Paixão de Ensinar**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GERZSON, Vera Regina Serezer; MÜLLER, Karla Maria. **PROCAC/ Canoas: comunicação pública e relacionamento com o cidadão**. Revista Famecos, Porto Alegre, n.38, abril 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. Editora Atlas, São Paulo, 2008.

GLÓRIA, Dília Maria A. **A escola dos que passam sem saber: a prática da não retenção escolar na narrativa de professores, alunos e familiares.**Belo Horizonte. PUC/Minas.2002.

GUZZO, R. S. L. **A família e a educação: uma perspectiva da integração família-escola.** Estudos de Psicologia, Campinas, 1990

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais.** Um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2ª ed, 2009.

MIRANDA, Glauro Vasques de. **Escola Plural** In Estudos Avançados, V.21.n.60. São Paulo. 2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142007000200005&script=sci_arttext)

[pid=S0103-40142007000200005&script=sci_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142007000200005&script=sci_arttext). [Acesso em 07.11.2013]

NOGUEIRA, Maria Alice. **A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas.** Instituto de Ciências Sociais. Lisboa. 2005. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/>. Acesso em 30.11.2012

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de. MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria

A relação família-escola: intersecções e desafios. Estudos de Psicologia I Campinas, São Paulo. 2010.

PRESENÇA PEDAGÓGICA, revista. **Família e escola em parceira.** V.16, n.96.nov/dez.2010

ROSÁRIO, Adarlete Carla. **Educação Familiar no contexto do desenvolvimento Cognitivo, afetivo e social:** o monitoramento da frequência escolar em análise.ISEIB, Belo Horizonte, 2011.

RIBEIRO, Daniela de Figueiredo. **A assimetria na relação entre família e escola pública.** Paidéia. São Paulo. 2006, 16(35), 385-394

SANTOS,Jonabio Barbosa; SANTOS, Morgana Sales da Costa. **Família Monoparental Brasileira.** Brasília, Revista Jurídica, nº 92,V10, 2008.

SILVA, Edna Lúcia da. MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Dissertação.** UFSC.Florianópolis, 2005

SILVA, Pedro. **Análise sociológica da relação escola-família Sociologia:** Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 443-464

SMED. Secretaria Municipal de Educação. **Panorama da Educação Municipal.** SMED, Belo Horizonte, 2006.

SMED. Secretaria Municipal de Educação. **Programa Família-Escola Municipal.** SMED, Belo Horizonte,2005.

YUNES, Maria Ângela Mattar. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família**. Psicologia em estudo, Vol,8. São Paulo, 2003.

PETERNELLI, Luiz Alexandre. **Estatística Descritiva**, EACHUSP, São Paulo, 2010. Disponível em http://www.each.usp.br/rvicente/Paternelli_Cap2.pdf. Acesso em 20.06.14

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO: MESTRADO PROFISSIONAL EM
GESTÃO E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

QUESTIONÁRIO PARA AS FAMÍLIAS

Este questionário é parte de uma pesquisa para o Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). O objetivo é avaliar as ações de comunicação do Programa Família-Escola. Sua contribuição é muito importante para o sucesso dessa pesquisa. Os dados obtidos serão confidenciais, de uso restrito à pesquisa e você não será identificado. Não há resposta certa nem errada. O importante é que a resposta seja de acordo com sua opinião.

Obrigada,

Magi Mappa

Leia com bastante atenção cada item antes de responder. Tire dúvidas com o aplicador.

IDENTIFICAÇÃO

Nome (opcional): _____

Nome da escola onde sua criança ou adolescente estuda:

Seu sexo:

masculino () feminino ()

Sua Idade:

() entre 20 e 30 anos () entre 30 e 40 anos

() entre 40 e 50 anos () entre 50 e 60 anos

() mais de 60 anos

Seu grau de parentesco com o estudante

() pai () mãe () avó () avô () tia () tio () outro

Seu nível de escolaridade

() nunca estudou () Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo () Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo () Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo () Pós-graduação

1. Renda Familiar-

() até 1 salário mínimo () entre 1 e 2 salários mínimos

() entre 2 e 3 salários mínimos () entre 3 e 4 salários mínimos

() mais de 4 salários mínimos

2. Programa social de que participa

() Bolsa Família () Bolsa Escola () Outro () Não participo

3. A moradia é:

() Própria () Cedida () Alugada () Área de Risco

4. Número de pessoas que moram na casa

() dois () três () quatro () cinco () seis () sete ou mais

SOBRE O ESTUDANTE

5. Quantas crianças ou adolescentes da casa estudam em escolas da Prefeitura?

() um () dois () três () quatro () cinco ou mais

6.Quantos estudantes estão no primeiro ciclo do Ensino Fundamental?

- ☐ Não sei ☐ Nenhum ☐ um
☐ dois ☐ três ☐ quatro ☐ cinco ou mais

7. Quantos estudantes estão no segundo ciclo do Ensino Fundamental?

- ☐ Não sei ☐ Nenhum ☐ um
☐ dois ☐ três ☐ quatro ☐ cinco ou mais

8. Quantos estudantes estão no terceiro ciclo do Ensino Fundamental?

- ☐ Não sei ☐ Nenhum ☐ um
☐ dois ☐ três ☐ quatro ☐ cinco ou mais

9. Quantos estudantes participam da Escola Integrada?

- ☐ Não sei ☐ Nenhum ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ou mais

ACOMPANHAMENTO ESCOLAR - PODE MARCAR UMA OU MAIS OPÇÕES

10. Como você acompanha as atividades escolares do estudante ?

- ☐ ajudo nas tarefas de casa ☐ verifico as atividades feitas na escola
☐ não consigo ou não tenho tempo para ajudar

11. Como é sua participação na escola?

- ☐ nunca vou à escola ☐ participo das reuniões de pais
☐ participo das comemorações ☐ participo do colegiado
☐ só vou à escola quando chamado pela direção
☐ procuro os professores, direção ou coordenação para conversar sobre minhas crianças ou adolescentes.

PROGRAMA FAMÍLIA ESCOLA - PODE MARCAR UMA OU MAIS OPÇÕES

11. Visitas domiciliares

- ☐ nunca recebi ☐ recebi 1 vez ☐ recebi 2 vezes
☐ recebi 3 vezes ☐ recebi 4 vezes ou mais

12. Encontros regionalizados

- ☐ nunca participei
☐ participo às vezes
☐ participo sempre

13. Jornal Família-Escola

- ☐ nunca recebi ☐ recebo mas não leio
☐ recebo e leio ☐ recebo, leio e mostro para outras pessoas

14. Serviço, Alô, Educação!

- ☐ não conheço ☐ conheço mas nunca procurei
☐ procuro às vezes ☐ procuro sempre

15. Fórum Família- Escola

- ☐ não participo
☐ participo às vezes
☐ participo sempre

16. Número de vezes que já participou do fórum Família-Escola

- ☐ uma ☐ duas
☐ três ☐ quatro ou mais

17. O Programa Família-Escola ajudou a melhorar sua relação com a escola

- ☐ Sim ☐ Não

Marque apenas uma resposta em todas as linhas do quadro abaixo, de acordo com sua opinião.

Depois do Programa Família - Escola	Melhorou	Piorou	Não mudou
Sua relação com a escola			
Sua opinião sobre a escola			
Seu conhecimento sobre o trabalho da escola			
O diálogo com os professores			
O diálogo com a direção da escola			
O diálogo com outras famílias da escola			
Sua participação nas atividades da escola (como reuniões, seminários e festas)			
Acompanhamento da vida escolar do estudante			

Dê sua opinião ou sugestão para o Programa Família-Escola.

Mais uma vez, obrigada por sua contribuição.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO: MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E AVALIAÇÃO DA
EDUCAÇÃO PÚBLICA

Prezado(a) Diretor(a)

Sou Magi Cristina Mappa, aluna do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Meu trabalho de pesquisa de conclusão de curso (Dissertação) é sobre o Programa Família-Escola e tem como recorte a Regional Norte de Belo Horizonte. Sua contribuição é muito valiosa para o sucesso dessa pesquisa. Os dados obtidos serão confidenciais, de uso restrito à pesquisa. Não há resposta certa nem errada. O importante é que a resposta seja de acordo com sua opinião. Você não será identificado. Leia com bastante atenção cada item antes de responder. Em caso de dúvidas, estou à disposição, para qualquer esclarecimento.

QUESTIONÁRIO PARA DIRETORES**Identificação**

Tempo na gestão atual: _____

Sexo: () masculino () feminino

Idade:

() menos de 30 anos () de 30 a 40 anos () de 40 a 50 anos

() de 50 a 60 anos () mais de 60 anos

Nível de escolaridade

() Nível médio () Superior incompleto

() Superior completo () Especialização

() Mestrado () Doutorado

Tempo na Rede Municipal de Educação

() menos de 5 anos

() de 5 a 10 anos

() de 10 a 15 anos

() de 15 a 20 anos

() mais de 20 anos

Sua experiência no cargo de direção de escola é a:

() primeira () segunda

() terceira () quarta ou mais

Em relação à direção atual:

() eleito(a) pela comunidade () indicado(a) pela SMED

() primeiro mandato () reeleição

Relacionamento das escolas com as famílias

Marque apenas uma opção em cada linha, de acordo com a frequência e realização de cada tipo de evento em sua escola.

Frequência de eventos realizados pela escola para participação das famílias	Nunca	1 por ano	2 ou 3 no ano	4 ou mais no ano
Reuniões de pais				
Fóruns, seminários, palestra e rodas de conversas				
Festas e comemorações				

No quadro a seguir, são apresentadas quatro opções de respostas, correspondendo ao seguinte percentual: **Nenhuma** significa 0% de participação, **Poucas** significa que menos de 50% das famílias participam das atividades, **Muitas** corresponde a mais de 50% das famílias e **Todas** corresponde a 100% de participação. Também nesse quadro deverá ser marcada apenas uma opção por linha.

Quantitativo de famílias que participam de	Nenhuma	Poucas	Muitas	Todas
Reuniões				
Diálogo com a escola				
Acompanhamento da vida escolar dos filhos				
Festas e comemorações				
Eventos de formação				

Interação com o Programa Família Escola

Ações do Programa Família-Escola	Desconheço	Conheço	Conheço e aprovo	Conheço e desaprovo
Blog do Programa				
Visitas domiciliares				
Encontros regionalizados				
Serviço Alô, Educação!				
Fórum Família-Escola				
Jornal Família-Escola				
Monitoramento da frequência				

Como são percebidas as ações Programa em sua escola	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Contribui para a participação das famílias nas reuniões e eventos da escola				
Aumenta o compromisso e o acompanhamento das famílias na rotina escolar do estudante				
Melhora o relacionamento da família com a escola				
Melhora o diálogo das famílias com a direção				
Melhora o diálogo das famílias com os professores				
Melhora a interação entre as famílias				
Aprimora o conhecimento das famílias em relação às políticas educacionais do município				

Sua participação no Programa Família-Escola	Nunca	Às vezes	Sempre
É convidado(a) para participar das ações do Programa			
Troca informações com a equipe do Programa			
Recorre ao Programa para intermediar diálogo com famílias			
Convida equipe do Programa para eventos da escola			
Conversa com as famílias sobre as ações do Programa			

Obrigada pela sua participação.

Roteiro para entrevistas com os técnicos do Programa Família-Escola

1. Qual sua formação acadêmica, tempo de Prefeitura e tempo de atuação no Programa Escola e no atual cargo?
2. Quais são as principais ações do Programa?
3. Quais destas ações você identifica como práticas de comunicação?
4. Em seu tempo de atuação, houve algum de tipo de mudança nas ações do programa?
5. Como você caracteriza as famílias e as escolas da RME?
6. Quantas são e qual o perfil das famílias atendidas pelo Programa Família-Escola
7. Que tipo de relação essas famílias tem com a escola e que a escola tem com essas famílias?
8. Qual o nível de conhecimento e esclarecimento das famílias e das escolas em relação ao Programa Família-Escola?
9. Quais as reações que as famílias e as escolas têm apresentado frente ao trabalho desenvolvido pelo Programa Família-Escola?
10. Defina a relação do Programa com as famílias e a relação do Programa com as escolas?
11. Como o programa atua na relação entre as famílias e a suas respectivas escolas?
12. Você percebe mudanças na relação entre esses dois segmentos a partir das ações do Programa?
13. Qual a avaliação que você faz do Programa, resultados, suas necessidades, suas perspectivas?



Pesquisa Quantitativa
Avaliação Administrativa
Belo Horizonte
Maio / 2007

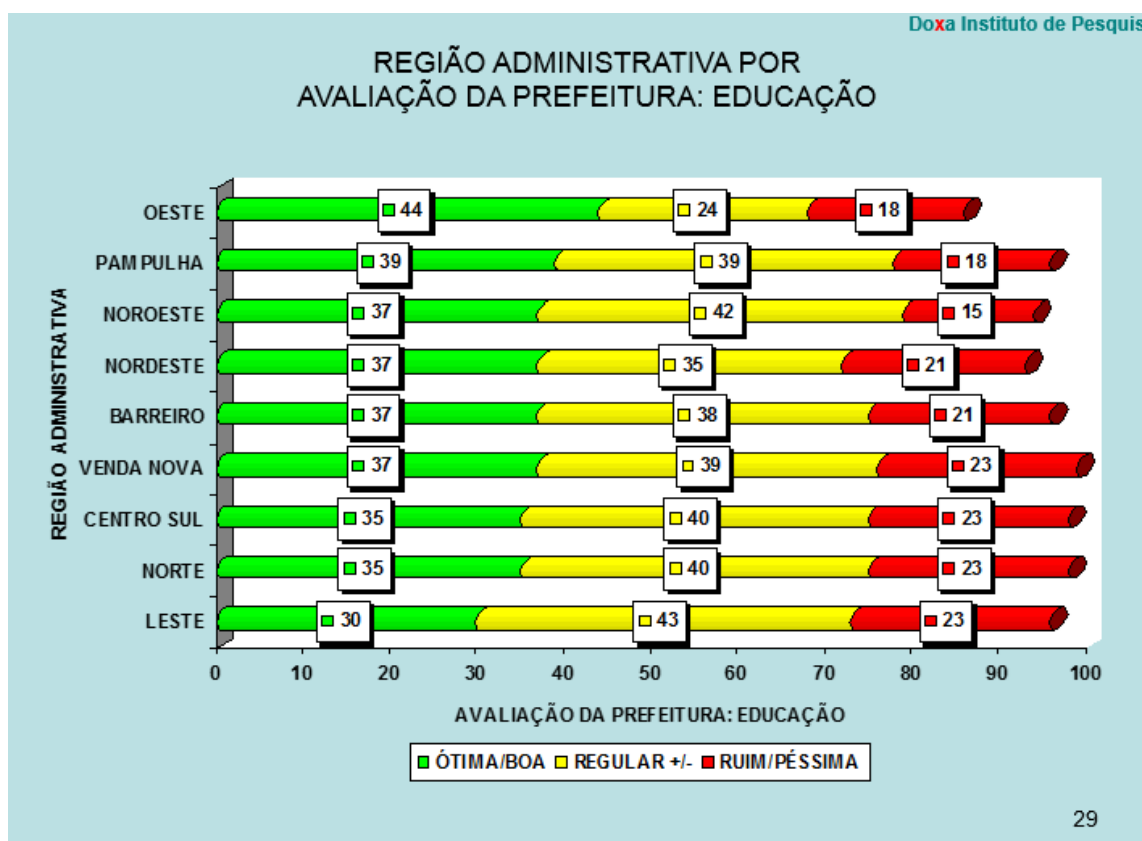
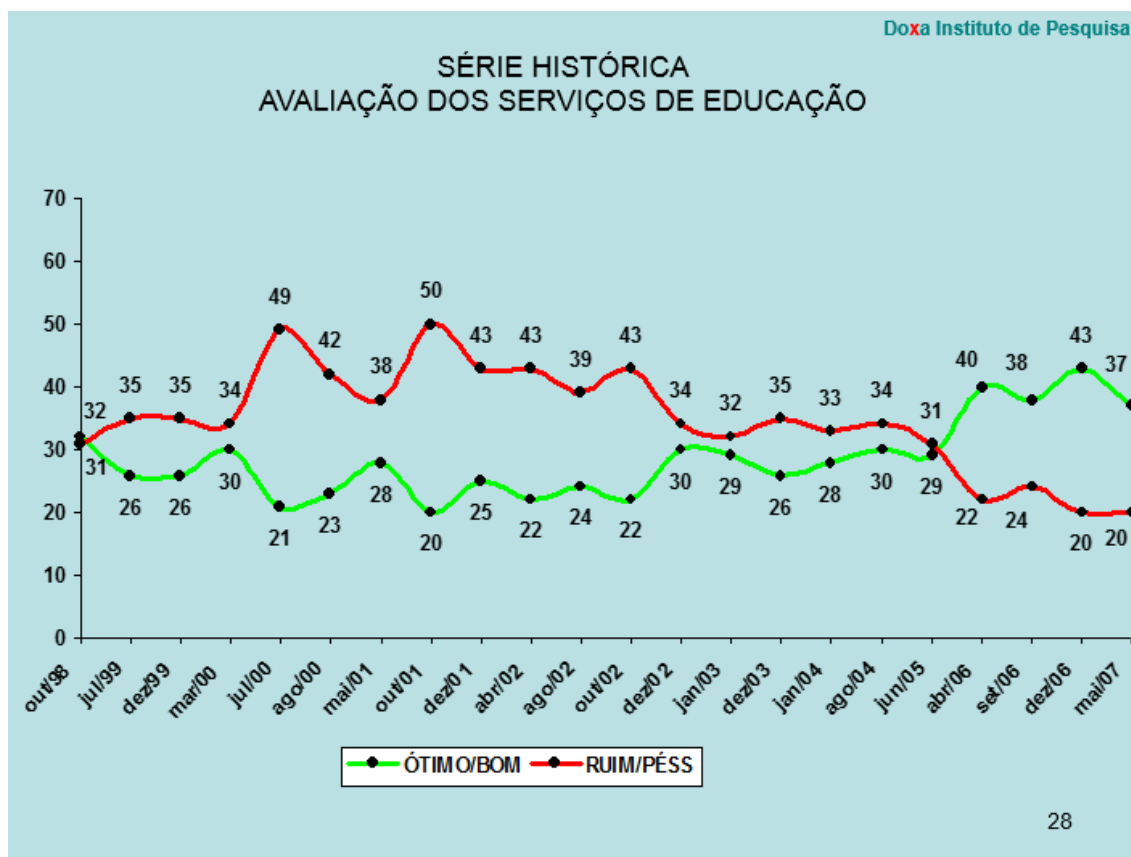
1

Doxa Instituto de Pesquisa

Metodologia:

- Método: Survey.
- Aplicação: Dias 19 e 20 de Maio de 2007.
- Universo: População residente em BH.
- Amostra: 1.350 entrevistas domiciliares.
- Margem de erro: +/- 2,8% para um intervalo de 95%.

2





jornal família escola

Enviado trimestralmente às famílias dos estudantes da Rede Municipal de Educação, o jornal apresenta e discute temas de interesse das famílias em relação à Educação.







**Educação em ação:
mobilizar, cuidar e proteger**

Data: 31 de maio de 2014, sábado

Horário: 8 às 12 horas

Local: Ginásio CEPVV

Rua Carangola, 288 - Santo Antônio

Para participar, procure a escola do(a) seu(sua) filho(a).

Mais informações: 3277-8675



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

www.pbh.gov.br